

Sérgio Mattos

Carismáticos

Perfis de protagonistas

Copyright © by Sérgio Augusto Soares Mattos

E-mail: sasmattos@gmail.com

Projeto Gráfico/ Arte final

Helga Sant'Anna

Imagem

kukurikov

Conselho Editorial

Presidente

José Carlos Bastos Sant'Anna (UFBA)

Membros

Antenor Rita Gomes (UNEB)

João Carlos Salles (UFBA)

Célia Marques Telles (UFBA)

Maria Helena Besnosik (UEFS)

Claudio Cledson Novaes (UEFS)

Mírian Sumica C. Reis (UNILAB)

Dante Augusto Galeffi (UFBA)

Maria de Lourdes S. Ornellas (UNEB)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Mattos, Sérgio

Carismáticos / Sérgio Mattis. — Salvador, BA: Quarteto Editora, 2022.

ISBN 978-65-87365-33-6

1. Personalidades - Biografia I. Título

22.112871

CDD - 920

Índice para catálogo sistemático:

1. Personalidades: Biografia 920

Eliete Marques da Silva — Bibliotecária — CRB - 8/9380

Quarteto Editora

Av. Antônio Carlos Magalhães, 3213. Ed. Golden Plaza, sala 702

Parque Bela Vista | Brotas | Salvador | Bahia

40.280-000 | [71] 3452.0210

quarteto.livros@compos.com.br

www.editoraquarteto.com.br

Sérgio Mattos

CARISMÁTICOS
Perfis de protagonistas

quarteto
EDITORA



SUMÁRIO

PREFÁCIO	7
Uma paixão em comum	
INTRODUÇÃO	11
ALFREDO DE CARVALHO (1870-1916)	13
Pioneiro na preservação da memória da imprensa	
ANTONIO FERNANDO COSTELLA	25
Contribuições ao campo da comunicação	
ANTONIO NONATO MARQUES (1919-2006)	39
O poeta da baixinha	
ANTONIO LOUREIRO DE SOUZA (1913-1989)	51
Um historiador nata	
CONSUELO PONDÉ DE SENA (1934-2015)	55
O vulcão da Bahia adormeceu	
FERNANDO DE AZEVEDO (1894-1974)	81
Como observar e analisar a opinião pública	

JORGE CALMON (1915-2006)	91
O jornalismo e o jornalista	
ROBERTO MARINHO (1904-2003)	115
Uma trajetória de sucesso	
VALÉRIO CRUZ BRITTOS (1963-2012)	135
Um pesquisador exemplar	
SOBRE O AUTOR	149
Quem é Sérgio Mattos	

PREFÁCIO

UMA PAIXÃO EM COMUM

*Elias Machado*¹

O perfil é um trabalho, em geral, de natureza jornalística que sintetiza, de forma breve, a relevância da contribuição profissional e cultural de uma pessoa. Trata-se de um gênero de larga tradição no jornalismo brasileiro e que mais do que obedecer às normas padronizadas, como o ensaio, acaba muito mais se destacando e definindo pelas contribuições específicas de cada um dos grandes cultuadores do gênero. No caso brasileiro, desde pelo menos os anos 1940 existem profissionais que se destacaram pela publicação de perfis na imprensa como Gilberto Freyre, Joel da Silveira e, nos anos 1960, David Nasser e Otto Lara Resende, para citar alguns exemplos mais conhecidos.

Como o perfil possibilita a criação de obras de refinado estilo literário, é muito comum a reunião pelos escritores dos melhores textos publicados na forma de livros como no pioneiro *Euclides da Cunha e outros perfis*, de Gilberto Freyre, de 1944, editado pela José Olympio ou *O velho capitão e outras histórias*, de David Nasser, Edições O Cruzeiro, de 1962. Joel Silveira, considerado ao lado de Gilberto Freyre, um dos desbravadores do gênero entre nós na revista *Diretrizes* e, como Freyre, em *O Cruzeiro*, reunidos em *Um Guarda-Chuva para o Coronel* (1968), *Vinte Horas de*

¹ Jornalista e professor na Universidade Federal de Santa Catarina.

Abril (1969), *Tempo de Contar* (1985), *A Milésima Segunda Noite da Avenida Paulista* (2003) e *A Feijoada que Derrubou o Governo* (2004). E existe ainda o caso emblemático de Otto Lara Resende, que somente teve o livro *O príncipe e o sabiá*, publicado como obra póstuma, dois anos após a morte, em 1994.

O curioso é que, muitas vezes, no caso brasileiro, dá-se enorme e merecida atenção às contribuições do Novo Jornalismo praticado nos Estados Unidos nos anos 1960, em particular aos perfis elaborados por Gay Talese como em *Fama e Anonimato*, por exemplo, mas sem o devido contraponto que, em matéria de perfis, este era um gênero muito bem desenvolvido e praticado no Brasil, desde meados dos anos 1940. E, em termos teóricos, por mais que se saiba que é o talento de quem perfila e a dimensão da personagem que determinam a forma do perfil, já nos anos 1980 o professor Marques de Melo publicou diversos artigos sobre perfis, coordenou livros como *Perfis dos jornalistas paulistas*, nos anos 1990 e os vários volumes *Imprensa Brasileira. Personagens que fizeram História*, editados pela Universidade Metodista de São Paulo e pela Imprensa Oficial do Estado de São Paulo.

E, como uma das consequências do aumento do prestígio do gênero, em particular depois da criação da Coleção “Jornalismo Literário”, pela Companhia das Letras, começaram a aparecer trabalhos que abordam as particularidades do gênero perfil, como *Perfil e como escrevê-los*, do jornalista e escritor Sérgio Villas-Boas, publicado pela Summus, em 2003. E a elaboração de perfis e biografias é uma das tantas facetas deste multitalentos, que é o poeta, jornalista, professor, pesquisador, compositor, agitador cultural e empreendedor, que é o colega Sérgio Augusto Soares Mattos, – nascido em Fortaleza e que, por conta do trabalho desenvolvido ao longo de mais cinco décadas, se tornou cidadão baiano, título outorgado pela Assembleia Legislativa da Bahia. E a particularidade dos perfis e biografias elaborados por Sérgio Mattos é que todos, apesar das múltiplas formações e atividades realizadas ao longo de

suas vidas, têm com o autor, uma paixão em comum: o Jornalismo. Seja porque tiveram o jornalismo como a sua profissão, seja porque a tiveram como uma atividade complementar. Como nos casos dos nove perfilados neste livro e de *O Guerreiro midiático*, biografia do professor José Marques de Melo, de 2010.

O próprio Sérgio Mattos resumiu na apresentação o propósito da obra:

Este livro reúne nove perfis de pessoas que foram protagonistas em suas atividades profissionais e deixaram um legado, construíram ou continuam construindo conhecimento ao longo de suas vidas. Dos nove perfilados, apenas um deles encontra-se vivo (Antonio F. Costella) e produzindo com a mesma criatividade e persistência.

E o que me cabe é registrar que o livro vem em muito boa hora porque possibilita, a quem investe na sua leitura, conhecer melhor as contribuições de personagens muito diversificados, todos profundamente relacionados com a História do Jornalismo no Brasil, em escala regional, ou mesmo nacional. As abordagens são muito variadas, desde as mais distanciadas e mais acadêmicas como as de Alfredo de Carvalho, Antonio Costella, Fernando Azevedo e Roberto Marinho, até as muito mais intimistas como as de Antonio Nonato Marques, Antonio Loureiro de Souza, Consuelo Pondé de Sena e Valério Brittos, com quem o autor teve convívio íntimo por conta de suas atividades profissionais como jornalista em *A Tarde* e como aluno e professor na UFBA.

Como é da natureza do gênero perfil, não se trata de nenhum trabalho biográfico aprofundado e sistemático. “O conjunto dessas narrativas apresenta recortes de períodos ou de contribuições específicas, apresentando o pioneirismo, a diversidade e a pluralidade de cada um. Algumas narrativas são depoimentos simples e diretos, enquanto outras se caracterizam como textos de caráter acadêmico”, explicou Sérgio Mattos. Na condição de jornalista, pesquisador e professor na área de Jornalismo, o que posso garantir após a leitura

destes perfis escritos pelo colega Sérgio Mattos é que o livro cumpriu muito bem com o objetivo estabelecido pelo próprio autor: “de contribuir para uma melhor compreensão dos perfilados e de suas contribuições à sociedade, além de estimular e inspirar outros pesquisadores a fazerem uma pesquisa mais profunda, produzindo as biografias que eles merecem”. Um trabalho que, ao menos no caso do mais controverso deles, Roberto Marinho, vem sendo desenvolvido, desde *Roberto Marinho*, de Pedro Bial, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2004, passando por *Roberto Marinho. O poder está no ar*, de Leonencio Nossa, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2019, até a recentíssima *Roberto Marinho: Um jornalista e seu boneco imaginário*, de Eugenio Bucci, da Companhia das Letras, de 2021.

Boa leitura!

INTRODUÇÃO

O perfil se caracteriza como um conjunto de informações que serve para, de maneira breve, traçar a relevância profissional, cultural e social de uma pessoa. Este perfil pode ser generalista, analítico ou no formato de depoimento livre, a partir de uma visão pessoal do autor, que pode abordar a índole do perfilado ou destacar as contribuições deixadas por ele para a sociedade ou para um campo de atividade específica (acadêmica, por exemplo) na obra escrita ou construída. Não existem regras quanto ao tamanho do perfil, desde que transmita as informações básicas e preserve a memória do personagem. Os textos aqui reunidos não seguem um padrão mecanicista e estão apresentados em ordem alfabética.

Ao longo da vida profissional produzi algumas biografias e escrevi, em oportunidades e por motivos diferentes, perfis de personalidades que se destacaram em vários campos da área do conhecimento da comunicação. Alguns perfis, nos formatos de texto, de depoimentos ou de entrevistas, chegaram a ser publicados na imprensa ou como capítulos de livros, enquanto outros nunca foram publicados, apenas lidos em eventos.

Este livro reúne nove perfis de pessoas que foram protagonistas em suas atividades profissionais e deixaram um legado, construíram ou continuam construindo conhecimento ao longo de suas vidas. Dos nove perfilados, apenas um deles encontra-se vivo (Antonio F. Costella) e produzindo com a mesma criatividade e persistência. Todos os textos passaram por releitura e atualização. A anexação de novos dados complementa a importância e preserva a memória

dos perfilados, independentemente do tamanho do texto dedicado a cada um.

As narrativas aqui reunidas têm o objetivo de contribuir para uma melhor compreensão dos perfilados e de suas contribuições à sociedade, além de estimular e inspirar outros pesquisadores a fazerem uma pesquisa mais profunda, produzindo as biografias que eles merecem.

O conjunto dessas narrativas apresenta recortes de períodos ou de contribuições específicas, apresentando o pioneirismo, a diversidade e a pluralidade de cada um. Algumas narrativas são depoimentos simples e diretos, enquanto outras se caracterizam como textos de caráter acadêmico. Porém, todas, direta ou indiretamente, partem da abordagem biográfica.

Sérgio Augusto Soares Mattos

ALFREDO DE CARVALHO (1870-1916) PIONEIRO NA PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA DA IMPRENSA²

Este capítulo inicial, inconclusivo e fragmentado, tem o objetivo de traçar um breve perfil do jornalista-historiador, pernambucano, Alfredo de Carvalho, e descrever o pioneirismo dele na preservação da história da imprensa brasileira ao inventariar o seu desenvolvimento no século XIX.

Este pernambucano se destacou pela liderança exercida junto aos pesquisadores mobilizados por ele, em vários Estados, para inventariar e construir as bases da construção da história da mídia no Brasil. Enganam-se, no entanto, aqueles que acreditam que ele só fez isso, pois ele atuou em vários campos deixando uma obra de respeitável tamanho e valor.

Como pesquisador emblemático, parte de sua trajetória de vida e suas atividades, intelectual e cultural, também são abordadas aqui.

INTRODUÇÃO

Filho de Thomaz de Carvalho e Maria Julia Christianni de Carvalho, Alfredo de Carvalho nasceu em Recife, Pernambuco, no dia 27 de junho de 1870 e morreu, em 23 de junho de 1916, quando faltavam quatro dias para completar 46 anos de idade, ainda muito jovem.

² Originalmente este texto foi apresentado durante o VII Encontro Internacional do Colégio dos Brazilianistas da Comunicação, durante o 44º Congresso da INTERCOM, 2021.

Foi casado com Maria Luiza Sequeiro de Carvalho³, com quem teve oito filhos. Apesar de ter morrido precocemente, ele foi um empreendedor nato, deixando sua marca por onde passou. Pelo trabalho executado é reconhecido, entre outras coisas, por ter inaugurado “os estudos sociais da história pernambucana” (RODRIGUES, 1957, p. 8) e por ter sido responsável pelo primeiro projeto de “pesquisa integrada” realizada no Brasil, notabilizando-se pelo “resgate da memória da imprensa brasileira do século XIX” (MARQUES DE MELO, 2009, p. 22).

Alfredo de Carvalho diplomou-se em Engenharia, em 14 de abril de 1894, pela Escola Politécnica da Filadélfia, Estados Unidos. Além de trabalhar em sua área de habilitação ele foi também biógrafo, folclorista, jornalista, historiador e tradutor. Foi presidente da Academia Pernambucana de Letras⁴ e do Instituto Arqueológico Histórico e Geográfico de Pernambuco e candidato à Academia Brasileira de Letras. Além de membro de instituições nacionais foi também sócio de instituições estrangeiras a exemplo da American Anthropological Association e da National Geographic Society.

Sua extensa bibliografia, registrada nos *Anais da Biblioteca Nacional*, contabiliza 18 livros, 87 artigos, 32 traduções, além de

³ Alfredo de Carvalho casou-se com Maria Luiza Sequeiro de Carvalho em 24 de novembro de 1900, quando retornou a Pernambuco depois de trabalhar no período de setembro de 1899 a maio de 1900 na cidade de Santos, São Paulo, onde exerceu as funções de engenheiro ajudante da municipalidade e de jornalista no diário Cidade de Santos. Vale destacar que, em muitos documentos consultados, o nome da esposa de Alfredo de Carvalho aparece como sendo Marieta Siqueira Carvalho, mas optamos por adotar o nome Maria Luiza Sequeiro de Carvalho tendo em vista que assim está registrado no curriculum vitae apresentado por ele em 1913 ao Ministério das Relações Exteriores que consta nos arquivos da Biblioteca Nacional. Também existe uma inconsistência no total de filhos que ele teve, se foram seis ou oito.

⁴ Alfredo de Carvalho tomou posse como presidente da Academia Pernambucana de Letras (APL) no dia 27 de novembro de 1903 e seu mandato, como quarto presidente eleito da instituição terminou em 24 de Novembro de 1904. A APL foi fundada em 26 de janeiro de 1901, no Recife, e se constituiu como sendo a primeira academia criada no século XX e a quarta Academia de Letras do Brasil.

30 críticas bibliográficas publicadas na imprensa. Nos arquivos da Biblioteca Nacional estão guardados 50 textos inéditos entre artigos e livros, alguns datilografados e a maioria na forma de manuscritos. Vale ressaltar que, de acordo com a Biblioteca Digital de Literatura de Língua Portuguesa, Alfredo de Carvalho utilizou em seus escritos alguns pseudônimos, tais como Robrif, Pacífico, Louvan, Geliot, Heraldus, Carv, A. de Carvalho, Filódio e Mimoranduba.

Ele tem sido identificado, por vários autores que se dedicaram a estudar a obra dele, como “grande bibliófilo”, “brasilógrafo institucional”, “erudito bibliógrafo” e “competente tradutor”, além de classificá-lo como uma pessoa “sensível”, “amoroso” e de “inteligência fulgurante”, mas, como o definiu Sônia Serra, “de natureza instável”.

Versado nas línguas inglesa, holandesa e alemã, Alfredo de Carvalho traduziu trabalhos da maior importância para certos trechos da nossa história. Às vezes, não se limitava à tradução, acrescentava observações pessoais, dados originais, com o que a obra parecia outra. Nesses trabalhos, declarando, embora, a fonte de que se servira, apresentava-se naturalmente como autor (RODRIGUES, 1957, p. 8).

Dentre as inúmeras traduções que Alfredo de Carvalho fez para o português de obras em alemão, holandês e francês, a pesquisadora Cristiane Portela (2012) destaca quatro livros: *Diário de um soldado da Companhia das Índias Ocidentais* (1897), de autoria do alemão Ambrosio Richshoffer; *Olinda Conquistada* (1898), de autoria do padre holandês João Baers; *O Diário da Expedição de Mathias Bech ao Ceará* (traduzido do holandês em 1903); e *Notas Dominicais* (1904), de autoria do francês L. F. Tollenare.

Ao avaliar os livros de Alfredo de Carvalho, José Honório Rodrigues destaca:

A obra histórica de Alfredo de Carvalho se compõe de artigos de revistas [oficiais do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico de Pernambuco e do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia,

dentre outras], já apontadas, valiosos pelas novidades da informação, minuciosos, ricos em detalhes, revelando sempre coisa nova tão particularíssima que o quadro geral pouquíssimo se modifica. São assim seus livros *Estudos Pernambucanos* (Recife, 1907), composto de artigos publicados na imprensa e em várias revistas, cheios de pequenos detalhes da grande história pernambucana do século XVI ao XIX; *Horas de Leitura* (Recife, 1907), composto de estudos publicados no “*Jornal do Recife*” de 1897 a 1906; *Frases e Palavras* (Recife, 1906), reunião de ensaios etnográficos sobre expressões e palavras populares e, finalmente, *Aventuras e Aventureiros* (obra póstuma, Rio de Janeiro, Pongetti, 1920), contendo artigos de revistas de Institutos Históricos e jornais, ainda não reunidos em volume e inéditos da Biblioteca Nacional. Em todos, revela Alfredo de Carvalho exatidão, probidade e cuidadosa pesquisa de campo da erudição (RODRIGUES, 1957, p. 11-12).

A maior parte dessas obras é composta por compilação de artigos e não apresentam a característica de unidade.

Segundo Rodrigues,

Um dos raros momentos de obra orgânica, pensada de antemão e construída aos poucos, criada sob o impulso de uma ideia geral, para servir a todo tipo de história ou de informação histórica, encontra-se na *Gênese e Progresso da Imprensa Periódica no Brasil*.

Na verdade, afora *Gênese* [e *Progresso da Imprensa Periódica no Brasil*] só a *Pré-História Sul-americana*, *O Tupi na Corografia Pernambucana* e a *Biblioteca Exótica* representam obras completas no campo da arqueologia, da lingüística indígena e da bibliografia. Foi nestes três livros que Alfredo de Carvalho deu a medida de sua capacidade realizadora, numa pesquisa sistemática, feita para um fim orgânico, de expor e criticar a pré-história sul-americana e especialmente a brasileira, ou a contribuição indígena à onomástica brasileira e, ainda, o vasto campo da bibliografia estrangeira sobre o Brasil. Estes são, realmente, os livros de Alfredo e Carvalho (RODRIGUES, 1957, p. 12-14).

Em síntese, a produção intelectual de Alfredo de Carvalho pode ser agrupada por temas. Cerca de 50 por cento de suas obras foram dedicadas à crítica, teoria e história. O restante está distribuído em traduções, poemas, periódicos, organização de obras ou antologias, memórias, literatura informativa e de viagens, crônicas e artigos de jornais.

Como jornalista-historiador, Alfredo de Carvalho colaborou em vários jornais e revistas com destaque para o *Diário de Pernambuco*, o *Jornal do Recife*, a *Revista Brasileira*, a *Revista Pernambucana* e nas revistas dos Institutos Históricos da Bahia, de Pernambuco, do Rio Grande do Norte e na revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (PORTELA, 2012).

TRAJETÓRIA DE VIDA

Filho de família abastada e tradicional de Pernambuco, Alfredo de Carvalho cursou o primário e o secundário na cidade do Recife. Aos 13 anos de idade, viajou para a Alemanha, a cidade de Hamburgo, onde fez um curso preparatório de ingresso ao curso superior de Engenharia, sem concluí-lo. Retornou ao Recife em 1888 e foi trabalhar na construção da estrada de ferro de Caruaru. Em 1890, matriculou-se na Escola Militar do Ceará para continuar estudando engenharia. Foi forçado a abandonar o curso e a carreira militar porque se envolveu na Revolta da Fortaleza Santa Cruz. Em 1892, seguiu para os Estados Unidos, onde concluiu o curso de Engenharia na Escola Politécnica da Filadélfia (GASPAR, 2009; RODRIGUES, 1957).

Diplomado em 1894, Alfredo de Carvalho, então com 24 anos de idade, retorna ao Brasil e, na condição de engenheiro ajudante, foi trabalhar na Estrada de Ferro Central do Brasil, no Rio de Janeiro, sendo transferido para a Central de Pernambuco, na função de engenheiro de primeira classe (GASPAR, 2009).

A vida profissional de Alfredo de Carvalho não tem qualquer relação com a atividade intelectual que desenvolveu ao longo de sua vida, principalmente, no que diz respeito ao abnegado trabalho de historiador da imprensa brasileira.

José Honório Rodrigues faz uma síntese dos trabalhos profissionais desempenhados por Alfredo de Carvalho:

Regressando ao Brasil, serviu em cargos públicos na Estrada de Ferro Central do Brasil (1894-1895); na Estrada de Ferro Central de Pernambuco (1895-1897); em trabalhos topográficos (Estado do Amazonas); como engenheiro ajudante na municipalidade de Santos (1899-1900), e como jornalista em A Cidade de Santos; como engenheiro fiscal das usinas de açúcar (Estado de Pernambuco (1901-1908); como engenheiro auxiliar e fiscal das obras de melhoramentos do Porto de Recife (1900-1912); e como geólogo do Serviço Geológico e Mineralógico do Governo Federal (1907), realizando, como assistente de John Carper Branner excursões científicas pelo interior da Bahia, subindo o rio São Francisco até a cidade de Barra Grande. Empreendeu em 1898-1899 e em 1905-1906, viagens à Europa (RODRIGUES, 1957, p. 7).

HISTORIADOR DA IMPRENSA BRASILEIRA

Segundo José Marques de Melo, como pertencente à geração de jornalistas-historiadores, Alfredo de Carvalho notabilizou-se pelo resgate da memória da imprensa brasileira do século XIX. E sublinha:

Dedicou-se Alfredo de Carvalho a inventariar os progressos da imprensa brasileira, mobilizando pesquisadores nas diversas unidades da Federação para apresentar seus resultados durante a efeméride comemorativa da introdução oficial da imprensa no Brasil pela Corte de D. João VI, que aqui aporta em 1808. Trata-se do primeiro projeto de “pesquisa integrada” realizada no Brasil, repertoriando informações sobre a imprensa de todo o país, no século passado [século 19] e primeira década deste século [século 20]. Na condição de líder da equipe, Alfredo de Carvalho escreve alentada

monografia sobre a trajetória histórica da imprensa brasileira, incentivando seus colaboradores a produzir perfis regionais (MARQUES DE MELO, 2009, p. 22).

A alentada monografia à qual se refere José Marques de Melo foi publicada sob o título “Gênese e Progresso da Imprensa Periódica no Brasil”, na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Em paralelo, na mesma época, Alfredo inventariou a imprensa pernambucana, e os resultados da pesquisa foram publicados no livro *Annaes da Imprensa Periódica Pernambucana (1801-1908)*.

Para comemorar o primeiro centenário da imprensa brasileira o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro instituiu uma comissão formada por Afonso Celso (presidente), Max Fleiuss (secretário geral), Alfredo de Carvalho (2º secretário), Manuel Cardoso Barata, Barão de Studart e Pedro Lessa. Como o projeto foi idealizado e proposto por Alfredo de Carvalho, coube a ele elaborar o programa geral, a produção da Gênese geral, além do catálogo de Pernambuco e, em parte, o da Bahia. O programa constava de quatro tópicos: exposição dos jornais publicados no país no período de 1808 a 1907; publicação de monografias e ou memórias históricas sobre o desenvolvimento da imprensa periódica; catálogo das exposições e cunhagem de uma moeda comemorativa (RODRIGUES, 1957).

Trabalhar com a história da imprensa no Brasil não era um tema novo para Alfredo de Carvalho que já tinha elaborado e publicado vários trabalhos nesse sentido:

Alfredo de Carvalho escrevera sobre a Imprensa Baiana (1811-1899); sobre os jornais pernambucanos de 1821 a 1898; sobre a Imprensa em Pernambuco; e compusera uma notícia histórico-bibliográfica do decano da imprensa latino-americana (Diário de Pernambuco, 1825-1908), afora artigos mais ligeiros. Obras mais completas eram os Anais da Imprensa Periódica Pernambucana (1821-1908), os Anais da Imprensa na Bahia (em colaboração com João Nepomuceno Torres) e, finalmente, a dita Gênese e Progresso da Imprensa no Brasil. Neste campo da imprensa, Alfredo de Carvalho

trouxo uma contribuição parcial, regional. E uma geral, convido notar que a parte regional foi estudada em sua generalidade (RODRIGUES, 1957, p. 13).

Além dos títulos citados acima, Alfredo de Carvalho publicou ainda: *A imprensa baiana, 1811-1898* (1899); *Frases e Palavras: problemas Histórico-Etimológicos* (1906); *Estudos Pernambucanos* (1907); *Biblioteca Exótico-Brasileira* (1929); *Aventuras e Aventureiros no Brasil* (1930), sendo as duas últimas obras póstumas.

Como salienta José Marques de Melo, Alfredo de Carvalho se dedicou à preservação da memória da imprensa nacional, inventariando jornais e revistas publicados no Brasil no período de 1808 -1908.

Contudo, sua grande contribuição à história da imprensa brasileira se dá em dois momentos distintos. Como pesquisador ele desvenda a hipótese lendária da tipografia holandesa do século 17. E como líder intelectual ele comanda o mutirão que faz o inventário da imprensa brasileira no século 19 (MARQUES DE MELO, 2009, p. 20).

Sobre a tipografia holandesa do século XVII, a pesquisadora Cristiane Portela registra que

No final do século XIX [Alfredo de Carvalho] realizou pesquisas primordiais que desvendaram “enigmas persistentes no itinerário da mídia impressa brasileira (Marques de Melo, 2005, p. 7). Inclusive, ajudou a esclarecer o fato de que nenhuma tipografia funcionou em Pernambuco durante o governo de Maurício de Nassau. Os dirigentes holandeses no Brasil até fizeram o pedido de uma tipografia para a Holanda, mas não foram atendidos, visto que a mesma nunca chegou a terras brasileiras. O equívoco inicial aconteceu porque, de acordo com Marques de Melo (2008a, p. 33), “circularam folhetos na Europa supostamente impressos no Recife, datados de 1645, [porém] estes haviam sido originalmente escritos no Brasil, mas concluídos na Holanda, onde foram impressos”. O referido autor acrescenta que a indicação da capital pernambucana como local de publicação foi uma

estratégia para evitar que os autores fossem punidos, devido ao caráter denunciativo dos impressos (PORTELA, 2012).

Como resultado do trabalho liderado por Alfredo de Carvalho, a revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro publicou dois volumes contendo as pesquisas estaduais das regiões Norte e Nordeste, além do ensaio de Alfredo de Carvalho. No entanto,

Os catálogos referentes às outras regiões brasileiras perderam-se atingidos por um incêndio que destruiu os originais que estavam no prelo da Imprensa Nacional. Depois o acervo foi recuperado, graças à Biblioteca Nacional, a algumas bibliotecas estaduais/municipais e alguns colecionadores particulares que contribuíram para que tal acervo fosse mapeado e microfilmado, em ação liderada por Esther Bertoletti (PORTELA, 2012, p. 9).

Enfim, Alfredo de Carvalho resgatou a gênese da imprensa brasileira, inventariando o seu desenvolvimento no século XIX e, exatamente por isso, como diz José Marques de Melo (2009, p. 16), “em reconhecimento ao seu pioneirismo foi escolhido como patrono da Rede estruturada para o Resgate da Memória da Imprensa e a Construção da História da Mídia no Brasil – Rede Alcar”.

Apesar de reconhecido pelo trabalho intelectual e de ter nascido em família abastada da aristocracia pernambucana, Alfredo de Carvalho morreu pobre, “após exaurir-se o legado patrimonial investido na aquisição de uma valiosa biblioteca de obras raras sobre o Brasil” (MARQUES DE MELO, 2009, p.17).

Como bibliófilo apaixonado, Alfredo de Carvalho construiu, no início do século XX, uma biblioteca com 12 mil títulos, em 26 idiomas diferentes, com textos sobre o Brasil. Após o falecimento dele, o governo pernambucano deixou de adquirir o acervo justificando que não interessaria aos leitores brasileiros porque eram livros escritos em língua estrangeira. O acervo foi fragmentado após leilão realizado, tendo exemplares raros sido adquiridos por particulares interessados.

Alfredo de Carvalho distinguiu-se na História da Imprensa com várias colaborações, trabalhos também eruditos e especialmente na Bibliografia Histórica Brasileira, da qual a Biblioteca Exótica [...] é um exemplo de consumado conhecimento que, embora nascendo de um esforço constante, é menos direta nos seus fins e mais obscura nos seus efeitos. Para Alfredo de Carvalho, as obscuridades do Brasil só poderiam ser clareadas pela erudição e a bibliografia. Não conhecê-las era como não conhecer nada. Sua força principal repousou na concentração de um vasto e variado conhecimento auxiliar da pesquisa histórica no Brasil. Nada no seu método poderia ajudá-lo a capturar o coração do Brasil; mas tudo, em seu método, representava um serviço à mesma comunidade de ideal: conhecer o Brasil e interpretar seu passado e seu futuro (RODRIGUES, 1957, p. 22).

A *Biblioteca Exótico-Brasileira*, de autoria de Alfredo de Carvalho, um trabalho valioso e extenso, foi publicada em 1929, em três volumes pela editora Pongetti, enquanto o quarto volume foi incluído no volume 77 dos *Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*. Sobre o projeto de Alfredo de Carvalho para a *Biblioteca Exótico-Brasileira*, Paulo Caldeira e Maria de Lourdes Carvalho (1982) fazem uma síntese perfeita, cheia de detalhes e que mostram a grandeza do trabalho realizado por esse pernambucano que desenvolveu trabalhos intelectuais e culturais em várias frentes, e que sempre esteve preocupado em preservar a memória histórica do país e de sua imprensa. Para finalizar, destaco a seguir um resumo do que é a *Biblioteca do Exótico-Brasileiro*, de Alfredo de Carvalho, para que tenhamos uma ideia da capacidade dele de organizar e realizar pesquisas.

De acordo com o plano inicial, a obra deveria conter 12.114 referências, em 20 idiomas, e no último volume deveriam figurar cinco índices. Entretanto, não aconteceu devido ao falecimento prematuro do autor. Os originais foram vendidos pela família à Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e publicados, posteriormente, por iniciativa do Governo de

Pernambuco que incumbiu Eduardo Tavares de coligir os trabalhos inéditos e dispersos. A bibliografia inclui: a) todas as obras de autores estrangeiros que escreveram sobre o Brasil; b) traduções dessas obras quando feitas por brasileiros; c) todas as obras de autores brasileiros em língua estrangeira.

[A obra] relaciona livros, folhetos, artigos, anuários, revistas e jornais. Inclui um estudo crítico-histórico da bibliografia estrangeira relativa ao Brasil, além de duzentos e três trabalhos de Alfredo de Carvalho.

O arranjo é em ordem alfabética dos sobrenomes dos autores, incluindo, além dos dados bibliográficos, resumo do conteúdo, comentários críticos, descrição das diversas traduções, edições e reimpressões, indicação das bibliotecas onde estão localizadas as obras raras, preço, notícias biográficas dos autores, tradutores e editores (CALDEIRA; CARVALHO, 1982, p. 12-13).

REFERÊNCIAS

BIBLIOTECA DIGITAL DE LITERATURA DE LÍNGUA PORTUGUESA. Disponível em <http://dados.literaturabrasileira.ufsc.br>

CALDEIRA, Paulo da Terra; CARVALHO, Maria de Lourdes Borges de. Fontes para o Estudo da Brasiliana. In: *Revista Brasileira Bibliotecom e Doc* 15 (1/2): 25-33, jan./jun., 1982.

CARVALHO, Alfredo de. Gênese e Progresso da Imprensa Periódica no Brasil. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 2 vols. 1908.

CARVALHO, Alfredo de. *Annaes da Imprensa Periódica Pernambucana (1801-1908)*. Recife: Typografia do Jornal do Recife, 1908.

CARVALHO, Alfredo de. Curriculum Vitae. Documento apresentado ao Ministério das Relações Exteriores em 1913. In: *Biblioteca Exótico-Brasileiro*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1920, p. 19-20.

CARVALHO, Alfredo de. *Biblioteca Exótico-Brasileira; Biblioteca Exótico-Pernambucana, Bibliografia Geográfica Brasileira* (manuscrito), 1913. Disponível em: http://acervo.bndigital.bn.br/sophia/index.asp?codigo_sophia=91023 . Acesso em 10 de setembro de 2021.

CARVALHO, Alfredo Ferreira de. *Biblioteca Exótico-Brasileira*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1929, 3v. (Cf. trabalho coligido por Eduardo Tavares)

CARVALHO, Alfredo de; TORRES, João Nepomuceno. *Anais da Imprensa na Bahia – 1811-1911*. 2 ed. Salvador: Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, 2007.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. *Anais da Biblioteca Nacional*, vol. 77, 1957.

GASPAR, Lúcia. Alfredo de Carvalho. In: *Pesquisa Escolar*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2009. Disponível em: <https://pesquisaescolar.fundaj.gov.br/pt-br/artigo/alfredo-de-carvalho/> acesso em agosto de 2021.

MARQUES DE MELO, José. Alfredo de Carvalho: precursor do pensamento jornalístico brasileiro. In: MARQUES DE MELO, José (Org.), *Imprensa brasileira: personagens que fizeram história*, v. 4. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; São Bernardo do Campo, SP: Universidade Metodista de São Paulo, 2009, p, 13-23.

PORTELA, Cristiane. Perfil biográfico comparado: Hipólito da Costa e Alfredo de Carvalho. Teresina: *Anais do II Encontro Nordeste de História da Mídia*, 2012.

RODRIGUES, José Honório. Alfredo de Carvalho, vida e obra. In: *Anais da Biblioteca Nacional*, vol. 77, 1957, p. 7-22.

ANTONIO FERNANDO COSTELLA CONTRIBUIÇÕES AO CAMPO DA COMUNICAÇÃO⁵

No início da década de 1970 foram lançados vários livros que se caracterizam como peças fundamentais na construção teórica do pensamento comunicacional brasileiro. Dentre eles, destaca-se o livro *O Controle da Informação no Brasil*, do professor Antonio Fernando Costella. A importância desse livro passa pelo contexto da época em que foi lançado e pela linha editorial adotada pela editora Vozes para a área da comunicação. Este capítulo trata, portanto, do livro e de seu autor, que são hoje referências no que diz respeito à história da comunicação no Brasil. O capítulo está dividido em duas partes. Na primeira, abordaremos o autor que, além de fundador do Museu Casa da Xilogravura e diretor da editora Mantiqueira de Ciências e Arte, foi agraciado com o Prêmio Luiz Beltrão de Comunicação, na categoria Maturidade Acadêmica, no ano de 2002. Na segunda parte, abordaremos um dos livros dele, *O Controle da Informação no Brasil* e sua importância para a área da comunicação.

CONTEXTUALIZANDO O AUTOR

No período de 1966 a 1970, quando Chico Buarque de Holanda e Geraldo Vandré eram considerados símbolos da resistência contra a ditadura, a editora Vozes abriu suas portas para a área da comunicação

⁵ Perfil acadêmico de Antonio F. Costella apresentado originalmente no Simpósio: Os Livros que Mudaram a Comunicação, no dia 3 de setembro de 2012, durante o XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado em Fortaleza – Ceará, pela Universidade de Fortaleza – UNIFOR, e promovido pela INTERCOM.

publicando jovens autores em duas coleções específicas, sob a direção de José Marques de Melo: “Meio de Comunicação Social” e “Estudos Brasileiros”. Foram nessas coleções que surgiram os principais livros de comunicação no Brasil, abrindo novas perspectivas e tendências para a área. O primeiro livro da coleção “Meios de Comunicação” foi *Comunicação Social: Teoria e Pesquisa*, de autoria de José Marques de Melo. O segundo, também publicado em 1970, foi *O Controle da Informação no Brasil*, de Antonio Fernando Costella. Vale aqui a oportunidade para registrar que o terceiro volume da coleção foi *Jornalismo Audiovisual*, de autoria de Walter Sampaio.

Além desses foram publicados também outros volumes, tais como *Estudos de Jornalismo Comparado*, de José Marques de Melo; *Fundamentos Científicos da Comunicação*, de Adísia Sá, além dos livros de outros autores a exemplo de Ecléa Bosi, Mario Erbolato, Tereza Halliday, que se constituem livros pioneiros do campo acadêmico da comunicação, contribuindo decisivamente, no início da década de 1970, para a construção dos pressupostos teóricos da área no Brasil (MATTOS, 2010).

Antonio Fernando Costella, jornalista, advogado, professor e artista plástico, nasceu em São Paulo no dia 29 de março de 1943 quando o país vivia sob a ditadura do Estado Novo de Getúlio Vargas. Em 1966, diplomado em Direito, ele começou a ministrar aulas sob a influência direta de dois precursores do ensino da comunicação: José Freitas Nobre e Carlos de Andrade Rizzini, tendo-lhes sucedido no magistério. Costella começou a lecionar a disciplina “Legislação de Imprensa”, na Faculdade Cásper Líbero, no ano de 1966, aos 23 anos de idade.

O Brasil estava em pleno estado de exceção, sob o regime militar de 1964, quando o jovem recém-formado foi convidado a substituir o professor José Freitas Nobre, em cujo escritório de advocacia havia estagiado e trabalhado. No mesmo ano, Carlos de Andrade Rizzini, que também ensinava na Cásper Líbero, solicitou afastamento, e a disciplina dele, “História da Imprensa”, foi assumida

por Antonio Costella. Saliente-se que, segundo José Marques de Melo (2012), Carlos Rizzini “foi o pioneiro da pesquisa midiática brasileira”, sublinhando que

Sob o título *O livro, o jornal e a tipografia no Brasil*, foi lançado pela editora Kosmos em 1946, convertendo-se rapidamente em obra de referência nacional. Ao contrário da tendência dominante na historiografia brasileira da imprensa, estilisticamente rebuscada e não raro caudatária de fontes secundárias ou terciárias, a obra de Rizzini constitui um empreendimento inovador (MARQUES DE MELO, 2012:369).

O interessante é que Costella também trabalhou com Rizzini, de quem foi oficial de gabinete, quando ele exerceu a função de Secretário de Educação e Cultura do Município de São Paulo (COSTELLA, 2002), tendo, naturalmente, com a convivência, assimilado não apenas o exemplo como também a objetividade e clareza de estilo que adota em todas as suas obras.

Sobre José Freitas Nobre e Carlos de Andrade Rizzini, Antonio Costella prestou o seguinte depoimento:

José Freitas Nobre nascera no Ceará, mas fizera sua vida na Capital paulista como advogado, como político e, antes de tudo, como jornalista, pois foi trabalhando em jornal que sobrevivera já durante o tempo de faculdade. [...] Bom escritor, publicou mais de uma dezena de livros, dentre os quais se destacam os dedicados à imprensa: *Lei da Informação*, *História da Imprensa de São Paulo* e *Le droit de réponse*, este editado em Paris como resultado de uma defesa de tese.

[...] Paulista de Taubaté, Carlos de Andrade Rizzini viveu longamente no Rio de Janeiro, onde começou no jornalismo em 1919, como repórter de *O Jornal*, para chegar, décadas depois, a diretor geral da cadeia nacional dos *Diários Associados*, gigantesca então. Além da direta atividade nos meios jornalísticos, Rizzini foi também um precursor no ensino da comunicação, lecionando na Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil e dirigindo, de 1962 a 1966, a Faculdade

Cásper Líbero. Marcou presença no cenário acadêmico, de forma definitiva, com seus livros, hoje clássicos na historiografia da imprensa brasileira, dentre os quais destacam-se dois: O Jornal, o livro e a tipografia no Brasil e Hipólito da Costa e o Correio Braziliense (COSTELLA, 2002).

O fato de ter passado a ensinar essas duas disciplinas (“Legislação de Imprensa” e “História da Imprensa”) acabou contribuindo para que Costella lançasse, por meio da editora Vozes, no ano de 1970, aos 27 anos de idade, seu primeiro livro: *O Controle da Informação no Brasil*, um clássico no campo da comunicação. Nesse mesmo ano, ele foi convidado pelo professor José Marques de Melo, a quem conhecera também nos idos de 1966, na Cásper Líbero, para dar aulas na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

Como professor de “História, Legislação e Ética dos Meios de Comunicação”, Antonio Costella dedicou-se ao magistério por mais de 30 anos, ensinando na Faculdade Cásper Líbero, na Escola de Comunicações e Artes, na Faculdade de Direito da USP, na Universidade de Taubaté, Faculdade de Música Santa Cecília de Pindamonhangaba, Faculdade de Comunicação Objetivo, Faculdade de Comunicações de Santos, Centro Universitário Alcântara Machado (UniFIAM-FAAM) e na Escola Superior de Jornalismo do Porto, em Portugal (BRANCO, 2004).

A experiência no magistério o levou a escrever livros relacionados com a área de comunicação, tais como: *O Controle da Informação no Brasil* (1970); *Os Crimes Contra a Honra e os Meios de Comunicação* (1972); *Direito da Comunicação* (1976); *Comunicação: do Grito ao Satélite* (1978); *Legislação da Comunicação Social* (2002). Mas ele não parou aí, e sua obra, no ano de 2021, já engloba 35 títulos, entre livros individuais e capítulos de livros, que se distribuem em três áreas básicas:

- a) Obras Técnicas (versam sobre Legislação e História da Comunicação e, também, sobre Técnica e História da Arte, principalmente da Gravura);

- b) Literatura geral (nesta área suas obras de maior divulgação foram os quatro livros de viagem da série iniciada com *Patatas na Europa*, que têm como narrador o cão do autor e mesclam fatos reais com história universal e ficção);
- c) Literatura infanto-juvenil (dentre os quais, destaca-se o pequeno *Ter cão é coisa séria*, com mais de cem mil exemplares publicados (COSTELA, 2012)).

Em *O Museu e EU*, publicado pela editora Mantiqueira em 2012, Costella esclarece a natureza do livro:

Este não é um livro com feição acadêmica. Não espere o leitor encontrar, aqui, aulas de Museologia. Embora, neste texto, eu mencione assuntos que interessam à museologia, não o faço com rigor científico. Aliás, não sou museólogo formado. Não me envolvo, tampouco, com teorias de Filosofia ou Sociologia da História, ainda que os fatos narrados possam ter pontos de afinidade com essas áreas do conhecimento humano. Relato tão somente uma experiência pessoal que envolve a criação e a gestão de um museu. Procuro escrever sem formalidades, como quem bate um papo com o leitor. Justamente por isso emprego o verbo na primeira pessoa do singular. Sou eu quem se comunica com o leitor. Sou eu mesmo, o narrador. O eu permite-me manter uma maior intimidade com o público. O eu, o eu real, o eu de quem se integra na ação praticada, tem a força da veracidade, transmitindo mais facilmente a emoção vivida por aquele que praticou a ação (COSTELLA, 2012, p. 15).

A citação acima pode causar estranheza aos leitores, mas o motivo é o de apresentar Antonio Costella como alguém que se dedicou, como professor, pesquisador ou ensaísta, a encontrar a melhor maneira de se comunicar, de traduzir a legislação e seus jargões para que todos possam entender as leis. O fato de ter se dedicado simultaneamente ao magistério (Direito e Comunicação) e à advocacia contribuiu para que seus livros de caráter técnico sejam de fácil assimilação devido ao seu estilo claro, conciso e direto, pois

ele aprendeu o valor da palavra e as virtudes da objetividade com Monteiro Lobato, que ele considera como sendo seu “pai literário e inspirador espiritual”. A propósito do estilo, que é adequado ao jornalismo, Costella faz um alerta aos jovens: “Quando vocês lerem um texto ou ouvirem um discurso e não o entenderem, provavelmente, a culpa terá sido do autor, porque tudo pode ser explicado claramente, mesmo as questões mais complexas, pois nossa língua nos fornece as palavras necessárias”.

Ao escrever livros na área da comunicação, ele procurou transmitir o conhecimento de maneira prática e simples, como se cada um deles fosse um “curso básico, uma oportunidade de introdução do profissional ou do estudante da comunicação no mundo do Direito pertinente à sua área de trabalho” (EGYPTO, 2002). Falando especificamente sobre os conteúdos das disciplinas que ministrou e dos livros de legislação e comunicação que escreveu, Costella afirma:

As disciplinas referentes a legislação e ética da Comunicação existem em praticamente todos os cursos da área. Há, porém, uma dificuldade nesse setor: é limitado o número de profissionais que dominam adequadamente a matéria de legislação da comunicação. Essa disciplina exige do professor uma boa formação na área do Direito, tornando aconselhável que ele seja bacharel em Direito. Para quem não possui essa formação, é difícil enfrentar e explicar questões jurídicas porque é freqüente um artigo de lei relacionar-se com algum outro texto legal, o que demanda uma visão de conjunto da legislação (EGYPTO, 2002).

O IMPACTO DE UM LIVRO PIONEIRO

Até a década de 1960, o Brasil carecia de uma Política Nacional de Comunicação definida. Em 1962, o Código Brasileiro de Telecomunicações foi promulgado pela Lei nº 4.117, constituindo-se em grande avanço para o setor, pois, além de amenizar as sanções, dava maiores garantias às concessionárias de rádio e televisão. A partir

de 1964, sob o regime de exceção foi que os governos militares começaram a implementar políticas de comunicação e a exercer papel decisivo no desenvolvimento e regulamentação dos meios de comunicação de massa e, em particular, dos meios de transmissão, estabelecendo leis e agências reguladoras, além de intensificar a censura. Durante o regime foram baixados os atos institucionais, decretos-leis, regulamentações de profissões da área de comunicação, a lei de imprensa, lei de segurança nacional e intensificada a repressão e a censura aos meios de comunicação (MATTOS, 2010).

Foi durante o período mais duro da repressão, durante o governo de Emílio Garrastazu Médici (1969-1974) que surgiram os livros que mudaram a comunicação no Brasil, principalmente com as coleções da editora Vozes, responsável pela publicação do livro *O Controle de Informação no Brasil*, de Antonio Fernando Costella, publicado no ano de 1970.

O Controle da Informação no Brasil é, na opinião de Alberto Dines, “o primeiro trabalho que se fez no Brasil sobre o assunto, obra indispensável para quem quiser conhecer os antecedentes e raízes da atual censura” (DINES, 1976). Em entrevista concedida à época do lançamento do livro, o próprio autor procurou deixar claro que o seu livro “não é apenas um estudo de história da imprensa, mas também de sua documentação legal” (*A Semana*, 1970). O livro apresenta um panorama geral da evolução histórica da legislação de imprensa brasileira e da censura no país a partir das restrições à liberdade de imprensa em Portugal, no século XVI.

Em resenha sobre o livro, José Marques de Melo escreveu:

É um trabalho de envergadura, colocando a legislação brasileira de imprensa (como instrumento de controle) numa perspectiva histórico-social. Cada fato, cada ocorrência está na sua exata dimensão. O autor não permanece apenas na constatação dos problemas, na aparência efêmera que a letra da lei sugere. Ele vai muito mais longe: consegue situá-los no momento histórico, explicando os elementos geradores

(políticos, econômicos, religiosos etc.) e permitindo uma compreensão crítica, consciente (MARQUES DE MELO, 1971).

Costella faz uma análise histórico-social da liberdade de informação no País, discutindo o uso dos instrumentos jurídicos pelo Estado no controle sobre os meios de comunicação de massa. Aborda também, em relação ao setor da telerradiodifusão, o Código Brasileiro de Telecomunicações e sua aplicação dentro do nosso contexto socioeconômico e político. Ele analisa ainda as orientações políticas dos governos militares, cobrindo o período de 1964 a 1970, no que tange ao direito de informar e de ser informado, debatendo, inclusive, os Atos Institucionais e a portaria referente à censura prévia baixada durante aquele período (MATTOS, 2000).

A obra pioneira de Costella é, portanto, um trabalho no qual o autor procura encontrar as raízes históricas da liberdade de imprensa em nosso país, descrevendo todos os percalços do processo, com os avanços e recuos, conquistas de liberdade e derrotas frente à opressão e à censura impostas pelos governantes. Utilizando-se da perspectiva histórico social, o livro, hoje um clássico, coloca a legislação brasileira como um dos mais fortes instrumentos de controle da liberdade de informação. Costella teve o trabalho de mapear e identificar todos os fatos e analisá-los de acordo com o contexto da época, o que contribui para retratar a exata dimensão das ocorrências contra as liberdades em vários períodos de nossa história: no Brasil Colônia, durante o Império, na transição da República ao Estado Novo, e nos períodos do pós-Guerra, quando houve a infiltração estrangeira na mídia brasileira, e no período após o golpe de 1964 até 1970. De forma corajosa e equilibrada, Costella detalha as orientações políticas dos militares em relação ao direito de informar e ser informado, as ações policiais baseadas na portaria da censura prévia.

O livro não se limita na identificação de cada problema de acordo com o especificado nas leis. Costella faz suas análises dentro do contexto cultural, histórico, religioso, socioeconômico e polí-

tico, identificando e esclarecendo todos os elementos envolvidos no processo de controle da informação. A estratégia metodológica utilizada permite ao leitor vislumbrar de modo compreensível o que aconteceu, quando aconteceu, porque aconteceu e como aconteceu o controle da informação em diversas épocas de nossa história até o ano de 1970. Sobre o período pós-1964, Costella, no capítulo que encerra o livro, começa afirmando que

O Movimento militar de 31 de março de 1964 haveria de desencadear muitas e vastas reformas legislativas, inclusive no campo da disciplina jurídica de expressão do pensamento. O documento básico do Movimento, o Ato Institucional nº 1, de 9 de abril de 1964, não se referiu expressamente à liberdade de comunicação, mas implicitamente a assegurou na medida em que manteve em vigor a Constituição de 1964. É lógico, porém, que, em um período convulsionado, como o que imediatamente se seguiu, teriam que ocorrer, na prática, exceções no que tange aos direitos e garantias individuais.

E no último parágrafo do livro, ele diz:

Não poderíamos encerrar este trabalho sem um lembrete. É bem possível que, antes de este livro estar impresso, novos dispositivos legais venham a retificar a legislação vigente de informação. A instabilidade tem sido a sina desta matéria. Isso é compreensível e quase natural. Em parte, reflete a necessidade de atualização do Direito que, em qualquer dos seus ramos, deve acompanhar as mudanças da vida social. E, também, em parte, retrata os momentos da crise política. Este último fato é inegável: a história do controle da informação sempre foi e sempre será o barômetro da vida política nacional (COSTELLA, 1970).

O livro *O Controle da Informação no Brasil* e seu autor, Antonio Fernando Costella, contribuíram para mudar a comunicação no Brasil, contribuindo decisivamente na construção das bases da fundamentação teórica da comunicação e do ensino da História, da Legislação e da Ética em nosso país. Em resumo, a produção

intelectual e multifacetada de Antonio Fernando Costella o coloca entre um dos autores mais importantes no que diz respeito à contribuição para a formação do pensamento comunicacional brasileiro.

Registre-se que o Museu Casa da Xilogravura, criado por Costella, neste ano de 2022, está comemorando 35 anos de sua fundação em Campos do Jordão, São Paulo. O museu congrega em seu acervo milhares de obras de centenas de artistas, distribuídas em trinta salas, permitindo aos visitantes conhecer a história da xilogravura e da evolução de outras técnicas de impressão gráfica. Antonio Fernando Costella também é diretor da editora Mantiqueira de Ciências e Arte, responsável pela publicação de inúmeros volumes dedicados à área da comunicação.

PUBLICAÇÕES DE COSTELLA

Os 35 livros de autoria de Antonio Costella podem ser classificados em três grupos: Literatura especializada, Literatura geral e Literatura infanto-juvenil. No primeiro grupo estão 16 títulos a seguir: *O Controle da Informação no Brasil* (Vozes, 1979), *Crimes contra a Honra e os Meios de Comunicação* (ECA/USP, 1972), *Direito da Comunicação* (Revista dos Tribunais, 1976), *Comunicação do Grito ao Satélite* (Mantiqueira, 1978; 6ª ed. 2015), *Introdução à Gravura e História da Xilografia* (Mantiqueira, 1984), *Para Apreciar a Arte* (Mantiqueira, 1985; SENAC, 4ª ed. 2010), *Xilogravura – Manual Prático* (Mantiqueira, 1987; 2ª ed. 2018), *Da Caverna à Galáxia* (Em Comunicação em Debate, Moderna, 1997), *Legislação da Comunicação Social* (Mantiqueira, 2002), *Breve História Ilustrada da Xilogravura* (Mantiqueira, 2003; 2ª ed. 2016), *Xilografia na Escola do Horto* (Mantiqueira, 2005), *Introdução à Gravura e à sua História* (Mantiqueira, 2006; 2ª ed. 2018), *A Censura nos Impérios Lusitano e Brasileiro* (em “Síndrome da Mordaça”, Cátedra UNERSCO/ Metodista, 2007), *Gazeta Picante: o Mundo Boêmio da Pauliceia* (em “Os Bandeirantes da Idade Mídia”, Intercom/Angelara, 2007),

Novas Perspectivas na História das Comunicações (em “Pensamento Comunicacional Uspiano”, ECA/USP – Intercom, 2011), e *Arte do Lenho Xilogravuras de Antonio F. Costella* (Mantiqueira, 2017).

No segundo grupo, Literatura geral, estão 13 títulos: *O Chão e a nuvem (contos)* (Mantiqueira, 1976; 2ª ed. 1994), *Xilopoemas* (Edição xilográfica do autor, 1982), *Currículo do Tempo (poesias)* (Mantiqueira, 1991), *Patas na Europa* (Mantiqueira, 1993; 2ª ed. 2021), *Patas 2 – A viagem Continua* (Mantiqueira, 1994), *Patas 3 – Ossos de Pizza* (Mantiqueira, 1995), *Vida de Cachorro – Biografia não autorizada* (Mantiqueira, 1995), *Bucéfalo, o Grande* (Mantiqueira, 1996), *Dick, o Herói* (Mantiqueira, 1996), *Cacareco, o Vereador* (Mantiqueira, 1996), *Patas 4 – A Odisseia Final* (Mantiqueira, 2000), *Patas na Europa (Completo de Portugal à Grécia, inclui Vida de Cachorro)* (Ediouro, 2008; Mantiqueira 2021) e *O Museu e Eu* (Mantiqueira, 2012).

No terceiro grupo de suas obras, Literatura infanto-juvenil, estão seis títulos: *Um nariz muito especial* (Moderna, 1996; 5ª ed. 2001), *Frederico vai à Lua* (Mantiqueira, 1996, 2ª ed. 2000), *A Gata Micholas e a praça* (Mantiqueira, 1996; 2ª ed. 2000), *O Ladrão das Palavras* (Mantiqueira, 1996), *Como cuidar caninamente de seu Cão* (Mantiqueira, 1998) e *Ter Cão é Coisa Séria* (Mantiqueira, 1998; 5ª ed. 2002). Este último título já vendeu mais de 100.000 exemplares impressos.

Sobre o livro *Patas na Europa* (Mantiqueira, 2021), que tem o cão Chiquinho como narrador, vale salientar que se trata de um livro de viagem, que Costella fez quando foi ministrar aulas na Faculdade Superior de Jornalismo do Porto, em Portugal. Nessa oportunidade, eles, o autor, sua esposa e Chiquinho percorreram um roteiro que incluiu, além de Portugal, a Espanha, França, Itália e Grécia. A contracapa do livro apresenta um texto que vale a pena ser reproduzido, pois, de certa forma, nos remete à sensibilidade e criatividade de Antonio Fernando Costella:

O narrador canino demonstra possuir a faculdade de ver e comunicar-se com vultos históricos já falecidos ligados aos lugares visitados. Tais personagens expõem fatos históricos surpreendentes, não mostrados em livros usuais, mas absolutamente verdadeiros. Temos aqui, neste sentido, um livro de história.

Patras na Europa torna-se muito divertido por valer-se também do encantamento da ficção, uma vez que Chiquinho, não só interage com figuras de além-túmulo (D. Pedro I, Júlio César, Pasteur, Napoleão, Garibaldi, Michelangelo, Monteiro Lobato, Alexandre o Grande, Van Gogh, Marco Polo, Lord Byron, Pitágoras etc.), como também conta com a companhia do templário Teobaldo, este sim, elemento totalmente ficcional. Eis porque, com certeza, é parcialmente um livro de ficção.

REFERÊNCIAS

A SEMANA. O prof. Antonio Costella lança livro sobre comunicações. São Paulo, 30 de setembro de 1970.

BRANCO, Samantha Castelo. Antonio Costella: perfil intelectual. In: HOHLFELDT, Antonio; GOBBI, Maria Cristina (orgs.). *Teoria da Comunicação: Antologia de Pesquisadores Brasileiros*. Porto Alegre: Sulina, 2004. p. 208-217.

COSTELLA, Antonio F. *O Controle da Informação no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1970.

COSTELLA, Antonio F. Vivendo a madrugada de novos tempos. In: *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*. Volume XXV, n. 2. São Paulo: INTERCOM, julho/dezembro, 2002, pp. 241-250.

COSTELLA, Antonio F. *O Museu e Eu*. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2012.

DINES, Alberto. Jornal dos Jornais. In: *Folha de S. Paulo*, 27 de Junho de 1976.

EGYPTO, Luiz. *Legislação: Para entender o (aparentemente)*

ininteligível. (Entrevista com Antonio F. Costella). Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artrigos/a1010520022.htm> Acesso em 8/4/2012.

MARQUES DE MELO, José. Legislação de imprensa no Brasil. In: *Jornal do Dia*, São Luís do Maranhão, 9 de Setembro de 1971.

MARQUES DE MELO, José. *História do Jornalismo: Itinerário crítico, mosaico contextual.* São Paulo: Paulus, 2012.

MATTOS, Sérgio. *O Guerreiro Midiático – biografia de José Marques de Melo.* Petrópolis: Vozes, 2010.

MATTOS, Sérgio. *A Televisão no Brasil: 50 anos de história (1950-2000).* Salvador: Editora PAS – Edições Ianamá, 2000.

MATTOS, Sérgio. *História da televisão brasileira: uma visão econômica, social e política.* 5.ed. Petrópolis: Vozes, 2010.



ANTONIO NONATO MARQUES (1919-2006)

O POETA DA BAIXINHA⁶

Como epígrafe do resumo de seu *curriculum vitae*, intitulado por ele mesmo como “Síntese de uma vida”, Nonato Marques escolheu uma citação de Leon Dénis que se aplica e, muito bem, para a homenagem que lhe prestamos na noite de hoje. Senão vejamos:

Cada um constrói, dia por dia, hora por hora, muitas vezes sem mesmo o saber, seu próprio futuro. A sorte que nos cabe na vida atual foi preparada pelas nossas ações anteriores, da mesma forma edificamos no presente as condições da existência.

Nonato Marques soube, ao longo de 96 anos bem vividos, construir a poesia que foi a sua vida, no dia a dia, tecendo laboriosamente os caminhos e as edificações de sua existência. Ao escolher a poesia como arte para transmitir seus sentimentos e observações, ele metrificou suavemente o seu viver diário, com o ritmo e a sonoridade das palavras trabalhadas como se joias fossem marcando o seu compasso, suas ações e determinando o futuro que ainda terá na história da vida literária baiana.

Ao optar pela carreira agrônômica, ele fez a escolha pelo meio ambiente, pela natureza, pela preservação da vida, pela ecologia. Não deixou aqui também de ser poeta. Isto porque, ao fazer a opção profissional de trabalhar com os quatro elementos – terra, ar, água

⁶ Este texto-perfil, originalmente, foi apresentado em homenagem a Antonio Nonato Marques, na Sessão Saudade promovida pela ALAS – Academia de Letras e Artes do Salvador, no dia 12 de junho de 2006.

e fogo – aproximou-se mais ainda do sentido da própria vida, da necessidade do registro, do resgate e da preservação da natureza e do próprio homem.

Ao exercer cargos públicos, inclusive eletivos, Nonato Marques demonstrou capacidade de contribuir pela edificação de um mundo melhor, pelo menos aquele sonhado pelo poeta que ele foi e continuará sendo, buscando encontrar as alternativas necessárias para a melhoria do nosso povo, sertanejo e sofrido.

Como homem deixou sua marca, registrando sua passagem, sua existência nesta terra: pensou e escreveu inúmeros livros e trabalhos, repercutindo sua experiência de vida e transmitindo conhecimentos para as novas gerações. Viveu seu tempo, quase um século, e nele deixou sua marca. Plantou não uma, mas inúmeras árvores. Deixou uma extensa prole e inúmeros amigos que saberão reproduzir a obra dele que haverá de permanecer porque tem um cunho universal.

Nonato Marques foi um homem e um amigo leal, mas também um Grande Poeta. Ele já não é mais do Grupo da Baixinha, pois, a partir de agora, passou a integrar o Grupo dos Poetas Encantados, como Castro Alves, Drummond, Bandeira e muitos outros.

Ao poeta Antonio Nonato Marques, ocupante da cadeira n° 40, da Academia de Letras e Artes do Salvador (ALAS), que tem como patrono Guillard Muniz, que foi o grande jardineiro de Salvador, é dedicada esta sessão especial que, com muita propriedade, é intitulada Sessão Saudade. Coube-me a missão de falar sobre o poeta, meu amigo por mais de 35 anos e por quem desenvolvi profunda admiração.

Conheci Nonato Marques pessoalmente quando, no início da década de 1970, editando o suplemento *Jornal de Utilidades*, um dos projetos editoriais que desenvolvi para o jornal *A TARDE*, ele comparecia semanalmente para levar sua contribuição para o caderno: o conteúdo de nossa página agrícola. Com uma voz grave e empostada, com os olhos pequenos e faiscantes de inteligência,

Nonato me passava os artigos e as notícias com as quais eu deveria editar a página agrícola. Ele sempre manifestava sua opinião e recomendava o que era mais importante a ser destacado na página, com a autoridade de quem havia sido o homem responsável pelo desenvolvimento da agricultura do estado da Bahia.

Foi a partir desses encontros semanais que surgiu nossa amizade. Mais tarde, a partir de 1985, quando à frente de outros projetos editoriais do *A Tarde*, os suplementos *A Tarde Municípios* e *A Tarde Rural*, dos quais também fui idealizador e editor, Nonato se aproximou mais ainda. Aí já não colaborava apenas no suplemento rural, mas também com seus artigos e crônicas que publicávamos no *A Tarde Municípios*, sempre abordando temas de interesse regionais, fossem eles sobre economia agrícola, ou de resgate da cultura da região sisaleira. Não faltavam, naturalmente, seus poemas e artigos sobre Santo Antônio de Queimadas e muitas outras histórias.

Ele não se satisfazia apenas com o fato de entregar pessoalmente o artigo em minhas nas mãos. Ele queria ter a certeza de que o editor-amigo iria lê-lo antes de publicá-lo e, para não deixar dúvidas sobre isto, levava-me a um canto da sala da redação, onde com sua voz empolgada, lia o texto em voz alta, dando a ênfase necessária às palavras ou trechos que achava serem os mais importantes. Sem contar com os poemas de época. Ele não deixava passar uma data importante (Dia das Mães, Dia dos Pais, da Criança, Natal, Quaresma etc.) sem levar um poema com a temática do dia, sempre tentando garantir sua publicação, não importava onde, em que caderno, o importante é que fosse publicado. Se não conseguia espaço no caderno Cultural ou no Caderno 2 do *A Tarde*, me procurava e, quando possível, eu publicava suas colaborações tanto em *Municípios* como em *Rural*.

Só no período em que fui editor de *A Tarde Municípios* e de *A Tarde Rural*, convivi com a visita semanal de Nonato por mais de 18 anos, entre 1985 a 2003. Esta convivência foi ampliada a partir do ano de 1999, quando começamos, no salão de festas do prédio do acadêmico Rozendo Ferreira, as reuniões semanais que deliberaram a

constituição desta ALAS – Academia de Letras e Artes do Salvador, instalada oficialmente em dezembro daquele mesmo ano e da qual tive a honra de ter sido o primeiro presidente. Nonato Marques esteve presente desde os primeiros momentos da constituição desta ALAS, só faltando às reuniões por motivo de força maior.

Nonato Marques era assim, de uma simplicidade sem par e ao mesmo tempo um homem persistente, seguro do que queria e brilhante no que fazia. Era também excelente orador e crítico literário, além de sentir muito orgulho sobre o que escrevia, valorizando ainda mais a publicação dos seus textos. Como orador, destacou-se na Câmara Federal ao lado de parlamentares e grandes oradores como o velho Mangabeira, Artur Bernardes, Afonso Arinos, Aliomar Baleeiro, Nestor Duarte e Carlos Lacerda, entre outros tão famosos quanto estes.

Nonato Marques nos contou, com uma dose de ironia e muito humor, em palestra aqui realizada, sob o título de “Pinga Fogo”, apelido dado às sessões do pequeno-expediente da Câmara dos Deputados devido à irreverência parlamentar, como se deu sua estreia na tribuna da Câmara Federal:

Naquele recinto heráldico e cintilante, eu – pobre provinciano egresso das caatingas, sentia-me mais insignificante do que uma ameba. A minha constante e invencível timidez matuta se apoderou de mim com todo o peso de sua contenção insuportável. Mas, era preciso falar, dizer alguma coisa, desembuchar, enfim. A muito custo arranjei uma vaga para falar no grande-expediente. Logo no grande-expediente, onde o orador fica no alto, por conseguinte mais exposto aos aplausos ou aos massacres. Antes, para amansar os nervos rebeldes, eu havia preparado o discurso no melhor estilo de que fui capaz, com todas as vírgulas e acentos nos lugares, caprichando no português à moda de Coimbra, mas uma surpresa desagradável me espreitava: na hora aprazada, subi à tribuna como quem vai para um patíbulo. Do plenário, os olhares que para mim se dirigiam eram como se fossem farpas a me estraçalharem o coração. Proferi as saudações

protocolares: Senhor Presidente, senhores deputados. Puxei do bolso o calhamaço. Procurei os óculos. Onde estavam os óculos? Apalpei os bolsos, nada. Na afobação, havia esquecido em casa os meus protetores visuais. Descer da tribuna seria um fiasco. De repente, não mais que de repente, uma reação raivosa se apoderou de mim e devolvendo ao bolso o papelório, fui forçado a falar sem as muletas escritas que eu havia cuidadosamente preparado. Quando terminei e desci da tribuna estava alagado de suor. Havia saído da maior batalha íntima que travei em toda a minha vida. Isto me fez lembrar Camões, quando o genial caolho adverte: “que o outeiro é mais fácil de descer do que de subir”. E a tribuna também.

Ainda na Câmara Federal, Nonato Marques praticou o que ele mais gostava de fazer: versos, sonetos satíricos ou epigramáticos, mas sem o propósito pejorativo. Durante as longas sessões de discursos na Câmara, para passar ou matar o tempo, ele escrevia sonetos e se escondia por trás de um pseudônimo: Marquês das Laranjeiras. Marquês, segundo ele, derivado de Marques, seu nome de família, e Laranjeiras, proveniente do bairro em que residia no Rio de Janeiro. Dentre os muitos sonetos satíricos de Nonato Marques ou Marquês das Laranjeiras destaco dois, escritos em 1956, durante o desenrolar de sessões agitadas:

Está aberta a sessão. O presidente
toca a sineta. Há número na casa.
O secretário lê todo o expediente
e a águia do verbo sobre nós abre a asa.

Depois há sururu ... o verbo abrasa.
Há sempre, cada dia, um bom valente
que desafia, esbraveja e arrasa
a paciência e o humor de toda gente.

Ninguém briga, afinal. É só arrelia.
Há uma turma do deixa-disso atenta,
que acaba de mansinho a valentia.

Depois se vota. Tudo entra nos trilhos.
Vai se votando no levanta e senta
No vai e vem solene dos fundilhos.

Outro soneto satírico do Marquês das Laranjeiras foi inspirado numa intervenção do então deputado Adauto Lúcio Cardoso ao dar um voto favorável a um projeto, recomendando que fosse melhorada sua redação final:

Diz o Adauto: “Eu espero que o Senado
melhore a redação deste projeto.”
Ele quer português do bom, correto,
flor do jardim do Lácio decantado.

Tudo isso para mim parece errado:
O que importa, de fato, no projeto,
direto ou não, é apenas o objeto,
e o tal sujeito oculto ou disfarçado.

Que importa na política a gramática,
A prosódia, a sintaxe, a sistemática,
todos esses troços complicados?

Que importa, amigo, deixa esses defeitos.
Valem mais em política os sujeitos
E valem muito pouco os predicados.

Este era o Nonato Marques, inteligente, bem-humorado e que nunca deixou de dar oportunidades tanto a jovens como a poetas já estabelecidos, como também escrevia sobre os mesmos. Escreveu inúmeros prefácios, orelhas e artigos enaltecendo obras. Eu mesmo tive a felicidade de ser resenhado por ele, que com estilo elegante escreveu sobre dois de meus livros de poemas, *Asas Para Amar* e *Estandarte*. Certa feita, como fui fazer o lançamento dessas obras em Queimadas, sua terra natal, ele fez questão de ir para lá para me receber, me saudar e me apresentar aos seus conterrâneos.

Nonato foi um homem marcante e teve uma vida pública marcante. Que o diga sua esposa, dona Maria Angélica Marques,

seus filhos, netos e bisnetos. Que o digam seus amigos, pois inimigos não os teve.

O escritor, político, engenheiro agrônomo e Poeta, com letra maiúscula, Antonio Nonato Marques, autor de *A Poesia era uma festa* (1996), era também um memorialista de mão cheia. Em resumo, Antonio Nonato Marques nasceu na antiga Vila Bela de Santo Antonio das Queimadas, atual cidade de Queimadas-BA, no dia 27 de Abril de 1910 e morreu no dia 5 de Abril de 2006, ou seja 22 dias antes de completar 96 anos de idade. Fez seu curso elementar em sua cidade natal e o curso complementar na cidade de Alagoinhas. Em 1924 começou a fazer exames preparatórios no antigo Ginásio da Bahia. Em 1934, prestou exame vestibular para a Escola Agrícola da Bahia, onde se diplomou tendo sido escolhido como orador da turma de Engenheiros Agrônomos de 1937.

Como agrônomo ocupou muitos cargos inclusive o de Secretário da Agricultura e Comércio da Bahia e Presidente do Instituto Baiano do Fumo, entre outros. Foi deputado estadual pela “coligação baiana” (PSD/PTB) eleito em 1950 e deputado federal em 1954 pelo PSD (Partido Social Democrático), tendo se reeleito para mais dois mandatos na Câmara Federal, em 1961 e 1964. Permaneceu na Câmara Federal até 1967, quando se afastou definitivamente da política. Depois passou a se dedicar a funções ligadas à sua profissão de agrônomo.

Como escritor e poeta colaborou em diversos jornais e revistas do estado e do País, com artigos técnicos e literários. As suas produções na imprensa diária ou periódica dariam para formar livros sobre assuntos diversos. Durante oito anos consecutivos foi responsável pela seção de agricultura e pecuária do jornal *A Tarde*, tendo editado boletins técnicos e informativos das entidades autárquicas, fundações e associativas a que serviu.

Como jornalista desempenhou ainda as seguintes funções, em 1939, Chefe do Serviço de Publicidade do Instituto Bahiano do Fumo, tendo sido na oportunidade também o redator-chefe do

Boletim Informativo daquela autarquia e diretor da revista *Bahia Rural*. Em 1941, com a criação do departamento de Assistência ao Cooperativismo, foi designado como responsável da Seção de Propaganda e Divulgação, tendo sob sua responsabilidade a revista *COOP*, que ali era editada. Posteriormente, em 1942, assumiu a diretoria do Departamento de Assistência ao Cooperativismo. Em 1945, foi nomeado, pela primeira vez, Secretário da Agricultura, e logo em seguida Diretor da Escola de Agronomia, em Cruz das Almas. Foi ainda Inspetor Geral do Trânsito (1947), Presidente do Instituto Baiano do Fumo (1941 a 1951); Presidente da Comissão Estadual de Preço (1951 a 1952), Eleito deputado estadual, em 1950, foi nomeado, pela segunda vez, Secretário da Agricultura em 1951. Além dessas funções, ele exerceu várias outras, como também integrou várias comissões e conselhos, além de ter sido presidente do Conselho Administrativo da Caixa Econômica Federal.

Na área acadêmica, foi diretor da Escola de Agronomia de Cruz das Almas e fundador da Faculdade de Medicina Veterinária da UFBA. Em sua homenagem, a EBDA – Empresa Bahiana de Desenvolvimento Agropecuário, mantém, em Salvador, no bairro da Ondina, um herbário com seu nome e que foi fundado em 1952 com um acervo de 13 mil espécies.

Nonato Marques integrou ainda as seguintes entidades: Associação dos Engenheiros Agrônomos da Bahia, Sindicato dos Engenheiros da Bahia, Associação Baiana de Imprensa (ABI), Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (IGHB). Foi também membro fundador da Academia de Artes e Letras do Salvador (ALAS), da qual nunca deixou de manifestar orgulho por integrá-la. Esta ALAS também se sente honrada, permito-me a ousadia de falar em nome de todos os seus membros, em ter tido entre seus fundadores um dos mais brilhantes poetas baianos do século XX: Antonio Nonato Marques, o Marquês das Laranjeiras, o Poeta da Baixinha, hoje um Nonato Encantado.

A atividade literária, sobretudo na área da criação poética, iniciada na adolescência, o acompanhou por toda a vida. Em poesia, publicou os seguintes livros: *Poemas de meu enlevo*, *Poemas do Céu e da Terra*, *Tempo de Poesia*, *A poesia era uma festa*, *Os dois últimos poetas da Baixinha*, em parceria com o também poeta Bráulio de Abreu. Na prosa, destacam-se: *O Lado verde da vida*, *Dom Pedro I e seus amores*, *Pinga-Fogo*, *Santo Antonio das Queimadas* e *Uma Porta para Canudos*. Escreveu duas peças para teatro: *A Procura de Marido* e *O Gigante também tem asas*, que foram encenadas em algumas cidades baianas. Deixou inédito o livro *Crônicas*. Outras produções literárias de Nonato Marques foram também publicadas em revistas e jornais do sul do país. E a respeito desses trabalhos existe uma grande fortuna crítica.

Na área de estudos técnicos vinculados à agronomia, destacam-se títulos como: *Geografia do Fumo na Bahia*, *Iniciação Cooperativista*, *Pessoas, Plantas e Animais* e monografias técnicas como *O Sisal na Bahia* e *O Umbuzeiro*.

Falar sobre Nonato Marque é falar sobre uma parte da história da vida literária da Bahia e, sendo assim, não podemos deixar de destacar o seu papel como membro do Grupo de Poetas da Baixinha. A denominação de Baixinha era porque o Café Progresso, onde jovens poetas boêmios se encontravam, estava situado próximo a um larguinho, de onde despontam as ladeiras do Carmo, do Passo e do Pelourinho, e que liga a Baixa dos Sapateiros ao Taboão.

O Grupo da Baixinha, que tinha como mecenas Raimundo Pena Forte, era formado por rapazes de 18 a 21 anos de idade, boêmios talentosos que passavam todo o tempo improvisando e escrevendo literatura em cafés e bares da cidade. O grupo da Baixinha frequentava o Café Progresso até o horário de saída do último bonde. Fizeram parte do Grupo da Baixinha: Alves Ribeiro, Aníbal Rocha, Amphiphio Britto, Ângelo Brandão Donatti, Bráulio de Abreu, Clodoaldo Milton, Dagmar Pinto, De Souza Aguiar, Epaminondas

Pontes, Elpidio Bastos, Egberto de Campos Ribeiro, Honorato Gomes, Leite Filho, Nonato Marques, Otto Bittencourt Sobrinho, Pereira Reis Júnior, Pinheiro Viegas, Raimundo Penna Forte, Samuel de Brito Filho, Wasny Casaes e Zaluar de Carvalho. O Grupo da Baixinha era conservador e seus integrantes cultivavam o verso rigorosamente metrificado, no melhor estilo parnasiano.

O Grupo foi responsável pelo lançamento da *Revista SAMBA* que marcou época e presença na história da vida literária baiana dos anos vinte do século passado. Graças ao Conselho de Cultura do Estado da Bahia recentemente saiu publicada uma edição fac-similada da mesma. A revista mensal *SAMBA* foi a primeira de feição modernista a ser editada na Bahia, sendo, portanto, precursora da revista *Arco & Flexa*, liderada pelo poeta e crítico Carlos Chiacchio.

Segundo depoimento de Nonato Marques, no livro *A poesia era uma festa*, “*SAMBA* era uma revista modesta composta em papel jornal. Foram publicados apenas quatro números. A revista teve vida efêmera como os cometas, porém, mesmo assim, deixou um traço luminoso na história da vida literária”.

Nonato Marques registrou, no livro *A poesia era uma festa*, publicado em 1994, o seu tempo poético de vida com as seguintes e precisas palavras:

No meu tempo a poesia fazia parte do cotidiano da vida da província. Vale dizer: habitava a idade dos homens e como eles conviviam no seu dia a dia, através da leitura de revistas e jornais que lhe abriam espaços generosos. A poesia se misturava com as pessoas, alegrando-as, divertindo-as, animando-lhes as festas cívicas e particulares, conquistando-as de tal maneira que era muito raro encontrar alguém, ainda que medianamente instruído que não soubesse de cor alguns versos de sua predileção.

Nonato nos deixou um legado como obras. Deixou também viúva, dona Maria Angélica Marques, sete filhos, 13 netos e quatro bisnetos, a quem estendo esta homenagem com a palavra de muito

obrigado, por ter ajudado na edificação da obra deste poeta encantado. Para finalizar, transcrevo alguns poemas do poeta NONATO MARQUES:

DESPEDIDA

Foi bem ali naquela ponte estreita
- em tudo a um cromo antigo parecida –
que ela tristonha e um tanto contrafeita
levou-me seu adeus de despedida.

Entre meus braços tensos envolvida,
ela por entre lágrimas desfeita
maldizia a desdita da partida
que ia forçada a viver insatisfeita.

Era a separação. Era a distância.
Era a ausência cruel – próxima e expressa –
que violentava um grande amor de infância.

Pelo meu rosto junto a minha fronte
as lágrimas corriam mais depressa
do que a água que corria sob a ponte...

BONECA

Porque ela é tão pequena e tão franzina
até receio quando alguém nos vê
beijar suas mãositas de musmê
ante seus olhos grandes de menina.

Ela parece assim (não sei porquê)
tendo uma boca rubra e pequenina,
uma boneca original da China
que ri e dança namora e lê.

Tenho receio de tocar de leve
aquela alvinha como a neve,
aquela carne tentadora e louca.

Se beijo-a muito, tenho muita pena
porque ela é tão franzina e tão pequena
que o meu beijo mau cabe em sua boca.

Trecho de outro poema referindo-se à época em que a poesia
era uma festa:

“...os rapazes boêmios daqueles
tempos perambulavam a declamar
pelas ruas tortuosas e
enladeiradas de Salvador,
até altas horas da noite,
dentro da qual sibilava,
a intervalos, o apito do guarda
noturno e se ouvia o grito
dolente e comprido
da negra do acarajé.”

Salve Nonato Marques, o Marquês das Laranjeiras, o mais novo
Poeta Encantado da Bahia!

ANTONIO LOUREIRO DE SOUZA (1913-1989) UM HISTORIADOR NATO⁷

Antonio Loureiro de Souza era um cachoeirano típico que tinha orgulho de suas origens, que não perdia oportunidade para falar de sua terra natal. Jornalista com passagem por vários jornais baianos, historiador nato, professor universitário e membro da Academia de Letras da Bahia. Sempre leal com os amigos, nunca deixou de ajudá-los e, como professor, sempre disponibilizava o acesso à sua rica biblioteca a seus alunos, principalmente aqueles que ele identificava possuir algum potencial ou que eram ligados a ele por estarem interessados em leituras que também lhe despertavam o mesmo apetite.

Fumante inveterado, não dispensava um cafezinho e um bom papo. Quando na intimidade dos amigos, gostava de emitir comentários críticos e satíricos sobre seus adversários (leia-se: aqueles que não privavam de sua amizade), sem, no entanto, nunca perder a postura elegante, usando um vocabulário rebuscado, claro e preciso em suas observações pontuadas com uma perfeita dose de humor. Deleitava-se em qualquer situação na qual fosse o personagem principal a falar e que tivesse uma plateia atenta às suas opiniões, quando impostava ainda mais a voz possante, transmitindo segurança e vibração no que dizia, o que lhe dava um ar de grande orador e conhecedor profundo do tema tratado.

⁷ Perfil-depoimento originalmente escrito em maio de 2013, ano do centenário de nascimento de Antonio Loureiro de Souza, por solicitação do acadêmico Edivaldo Machado Boaventura, orador oficial da Academia de Letras da Bahia no evento comemorativo, que coletou depoimentos sobre o homenageado.

Em suas aulas de história da imprensa, dava o seu show particular de conhecimento, gesticulando para enfatizar ainda mais suas palavras fazendo com que seus alunos prestassem atenção ao que dizia. Seu método de ensino lhe era próprio e, na área de conhecimento que dominava, era uma verdadeira biblioteca ambulante, respondendo de pronto a todo e qualquer questionamento.

Como professor de História Geral e da História da Imprensa, membro do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, deixou contribuições valiosas para os estudiosos da história da imprensa da Bahia, pois seus artigos são hoje verdadeiros roteiros para pesquisas a serem desenvolvidas. Deixou o caminho das pedras para que outros se aventurem no levantamento dos dados para escrever a história da imprensa da Bahia.

Fui aluno e depois seu colega de Departamento na antiga Escola de Biblioteconomia e Comunicação da UFBA, da qual Loureiro foi um dos diretores. Ele teve um papel decisivo em minha formação, pois foi quem me estimulou a fazer a pós-graduação e praticamente me forçou a comparecer a um exame de seleção para uma bolsa da Fundação Fulbright e da LASPAU nos Estados Unidos, quando fui selecionado e onde fiz o Mestrado e o Doutorado em Comunicação na Universidade do Texas, em Austin. Devo a Loureiro a gratidão pelo estímulo que deu um novo direcionamento ao meu papel como pesquisador e historiador da mídia brasileira. Foi Loureiro também quem prefaciou o meu segundo livro de poemas, *O Vigia do Tempo*, lançado no ano de 1977, quando fez uma análise de toda a minha produção poética publicada até então nos suplementos dos jornais locais, em livros, antologias e revistas literárias.

Enfim, Loureiro, um apreciador da poesia, foi responsável por inúmeros prefácios literários, abrindo caminho para uns e reconhecendo e sedimentando o valor de outros, como fez com a poesia de seu amigo e confrade na Academia de Letras da Bahia, Clóvis de Lima. Antonio Loureiro de Souza foi também um jornalista eficiente durante o tempo em que militou na imprensa diária, quando ocupou

a função de secretário de redação do jornal *A Tarde*, além de ter sido um educador que sabia semear com sabedoria, pois acreditava e tinha esperança no futuro.

DADOS BIOGRÁFICOS

Antonio Loureiro de Souza, ou simplesmente Loureiro, como gostava de ser chamado, nasceu na cidade de Cachoeira, Bahia, no dia 13 de junho de 1913 e morreu no dia 29 de abril de 1989. Era filho de Adolfo Loureiro de Souza e de Laura Loureiro de Souza. Em 23 de abril de 1934 casou-se com Elza Cajazeira, na Igreja do Monte, em Cachoeira, onde também havia sido batizado. Com Elza teve cinco filhos: João, Bernardo, Fernando, Nair e Luiz.

Seus primeiros estudos aconteceram no município de Castro Alves, onde seus pais foram morar. Depois foi para Salvador, onde estudou no Ginásio Carneiro Ribeiro. Em 1952, diplomou-se pela Faculdade de Filosofia da UFBA, Universidade da qual foi professor na Escola de Biblioteconomia e Comunicação (EBC), exercendo várias funções tendo sido inclusive diretor da Escola. Sua trajetória como jornalista e escritor foi profícua.

Como jornalista, atuou e colaborou tanto em veículos do interior como da capital. Em Castro Alves, ele fundou o jornal *O Tempo*. Em Cachoeira, foi redator responsável pelo jornal *O Social*, além de ter colaborado com artigos nos seguintes periódicos: *O Pequeno Jornal*, *A Ordem* e *A Cachoeira*. Em Salvador, trabalhou no jornal *A Tarde* e no *Diário da Bahia*, além de ter colaborado no *Imparcial*.

Como jornalista e escritor, Loureiro foi membro de várias instituições culturais e profissionais, a exemplo do Conselho Estadual de Cultura, Associação Bahiana de Imprensa (ABI), Sindicato dos Jornalistas Profissionais da Bahia (SINJORBA), Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (IGHB), Academia de Letras e Artes Mater Salvatori e da Academia de Letras da Bahia (ALB).

Ele foi empossado na Academia de Letras da Bahia no dia 28 de novembro de 1973, quando foi recepcionado pelo acadêmico Jayme de Sá Menezes. Por 16 anos ocupou a cadeira de número 27. Com sua morte, quem o sucedeu foi o escritor, jornalista e publicitário James Amado. No ano do centenário de nascimento de Loureiro, 2013, coube ao professor e acadêmico Edivaldo Boaventura, como orador oficial, lhe prestar as devidas homenagens.

Entre as diversas obras que escreveu destaca-se o livro intitulado *Baianos Ilustres – 1564-1925*, vencedor do Prêmio Carlos de Laet, concedido pela Academia Brasileira de Letras, no ano de 1950. Loureiro publicou também: *Gregório de Matos e outros ensaios*; *A poesia de Nathan Coutinho*; *Perfis Literários – ensaios*; *A poesia de Clóvis Lima*; *Notícia Histórica da Cachoeira*; *50 Poemas de Nathan Coutinho*; *A Poesia Emocional de Pedro Barros*; e *Apontamentos para a História da Imprensa na Bahia*.

Com relação às funções públicas exercidas, vale citar que além de diretor da Escola de Biblioteconomia e Comunicação da UFBA, Loureiro foi superintendente da Difusão Cultural do Estado da Bahia, diretor do Arquivo Histórico da Prefeitura Municipal do Salvador e diretor do Departamento de Turismo de Salvador.

Este depoimento teve o objetivo de traçar um breve perfil de Loureiro. São fragmentos narrativos como este que, quando colocados ao lado de outros, com certeza, produzirão de modo sutil o efeito do conjunto do que foi o homem e sua obra. Enfim, Loureiro era um grande guardião de amizades.

CONSUELO PONDÉ DE SENA (1934-2015) O VULCÃO DA BAHIA ADORMECEU⁸

Muitos foram e ainda são os termos utilizados para definir a professora Consuelo Pondé de Sena: agitadora cultural, antropóloga, caprichosa, contida, corajosa, cronista nata, defensora da cultura e da história da Bahia, defensora do Dois de Julho, destemida, determinada, educadora, eficiente, emblemática, emotiva, explosiva, feminista, guerreira, historiadora, independente, intransigente, irreverente, mulher imponente, professora, personalidade marcante, teimosa, entre outros. No entanto, quem melhor a definiu foi ela mesma, em sua última crônica, intitulada “Pranto da Madrugada”, publicada no jornal *Tribuna da Bahia*, 23 dias antes de seu falecimento, ocorrido no dia 14 de maio de 2015, aos 81 anos de idade:

Quem me conhece sabe que sou um vulcão em erupção. As lavas que derramo são águas escaldantes da minha “caldeira” interior. Pois, apesar de ser do “grito” de Terra, Capricórnio, sou ígnea. Gosto do fogo e de suas vibrações. Fazer o que se nasci assim?

O pranto da madrugada é uma válvula de escape. Penso ser necessário para restabelecer o que foi “mexido”, bem fundo, bem dentro de mim. Traz de volta tudo que tentei disfarçar, dissimular, para não fazer flutuar os meus desapontamentos, as minhas decepções, as minhas frustrações.

⁸ Texto-perfil de Consuelo Pondé de Sena originalmente publicado na revista *Bahia Ciências*, edição de 22 de Julho de 2015. O texto original foi acrescido de outras informações.

Desde a primeira infância e adolescência, Consuelo já se destacava pela beleza física e inteligência. Demonstrava ser diferente, devido à criatividade e ousadia em defender seu espaço e liberdade para fazer peraltices, como confessa em outra crônica, produzida no período de convalescença, no qual estava resgatando sua própria história, repensando sua vida, tentando encontrar respostas para o que estava acontecendo: “Meu lado lúdico, se é que assim posso denominar minhas maluquices, expandiu-se nas Mercês [Colégio católico feminino] como nunca. Minha cabeça astuciosa era uma usina inesgotável de ideias”.

Essa usina de ideias nunca parou de funcionar ao longo dos anos, tendo em vista que ela concentrava toda sua atenção em torno da cultura e da história da Bahia, procurando defender e promover nossa história por meio da realização de eventos na Casa da Bahia, como se referia ao IGHB. Aliás, como disse o jornalista Tasso Franco, que, como eu, também é ex-aluno de Consuelo, ela vivia mais no Instituto do que no seu apartamento da Princesa Isabel. Quando o assunto era Independência da Bahia era a primeira a chegar na Lapinha onde fazia a oração de praxe na abertura do desfile cívico, vestida de verde, a cor matriz da bandeira nacional; ou de amarelo, o ouro das nossas Gerais, e tecia elogios aos heróis da independência.

Na visão do antropólogo Luiz Mott, Consuelo

[...] deixou duas marcas indelévels na cultura soteropolitana: foi ela quem mais deu apoio cultural ao Caboclo e à Cabocla na caminhada do Dois de Julho, discursando patrioticamente todo ano na Lapinha, denunciando o desamparo governamental. [...] Destacaria como traços marcantes de sua personalidade: simpatia, alegria de viver, visão crítica, franqueza, amor pelo belo, boa gourmet, festeira e passeadeira.

Consuelo defendia os interesses do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (IGHB) com muita garra e não media esforços quando precisava realizar algum evento ou reforma na sede. Ela procurava as autoridades e pedia em nome da Casa da Bahia. Usava

para isso seu poder de persuasão, prestígio pessoal e as amizades construídas ao longo dos anos. Inspirava-se em um de seus ídolos, Bernardino de Souza, que foi Secretário Geral do IGHB e responsável pela arrecadação de doações para a construção do imponente prédio onde ainda funciona a instituição.

Quando se dizia amiga de alguém, defendia a pessoa como se um filho ou parente fosse. Também sabia ser dura e crítica com aqueles que não comungassem com os interesses da instituição que ela dirigia como se fosse a própria casa. Além de sempre manifestar seu respeito e admiração por Bernardino de Souza, Frederico Edelweiss, José Calasans e Jorge Calmon, ela era fã do poeta Castro Alves, de quem era profunda conhecedora da vida e obra, mantendo em seu gabinete, no IGHB, alguns móveis utilizados pelo poeta.

Vale salientar que o próprio nome dela, Consuelo, estava vinculado ao poeta, como lembrou o professor Edivaldo Boaventura, no discurso que a recepcionou quando de sua posse na Academia de Letras da Bahia:

Começo pela predestinação do nome. Tudo se fez por causa do nome assinalado! Nome espanhol que significa consolação. O pai o escolheu do poema Consuelo, símbolo do complicado romance não resolvido do poeta Castro Alves com a italiana Agnes Truci Murri, o seu último amor. Fazendo jus ao significado do seu nome, demonstra uma trajetória de realizações, de energia e de forças positivas que marcam a sua vida.

Em 2015, a celebração dos 192 anos das lutas pela Independência do Brasil na Bahia não contou com a participação de Consuelo Pondé de Sena, uma das suas principais personagens ao longo dos últimos 20 anos. Além dela, acredita-se que nenhum outro baiano tenha participado dessa cerimônia anual tantas vezes e ininterruptamente. No entanto, aproveitando-se do tema do desfile de 2015, “Guerreiras da Independência”, em homenagem às mulheres que participaram da luta pela libertação, representadas por Maria Quitéria,

Joana Angélica e Maria Felipa, o cortejo fez uma parada em frente ao IGHB, homenageando Consuelo Pondé de Sena pela conquista do reconhecimento do Dois de Julho como a data da Independência do Brasil na Bahia. E assim, de maneira indireta, Consuelo passou a ser considerada também como uma das heroínas da Bahia.

Além disso, o governador Rui Costa lançou, no dia Dois de Julho, na Fundação Pedro Calmon, no Palácio Rio Branco, Praça Thomé de Souza, a Biblioteca Virtual Dois de Julho, unidade especializada em História da Bahia, que, a partir de então, passou a ter como patrona a historiadora Consuelo Pondé de Sena que, durante muitos anos, organizou e manteve viva a tradição do Dois de Julho. A biblioteca virtual disponibiliza um rico acervo sobre a história da Bahia e mais especificamente sobre a história do Dois de Julho.

Em sua última participação nos festejos do Dois de Julho, realizado em 2014, Consuelo Pondé de Sena pronunciou um discurso contundente, como no trecho destacado a seguir:

Manda a minha consciência cívica e obriga-me a condição de presidente do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, que reafirme, alto e bom som, terem os combates ocorridos na Bahia consolidado a independência pátria, legando à nossa gente um lugar de destaque no seio da sociedade brasileira, lugar que jamais poderá ser postergado em benefício de interesses menores dos dias de hoje. Para concluir, basta fazer a entrega oficial dos carros emblemáticos do Dois de Julho e recordar o conceito do notável historiador Tobias Monteiro: “A resistência baiana decidiu a unidade nacional”.

O OUTRO LADO

Edivaldo Boaventura costumava dizer que a professora e historiadora Consuelo Pondé de Sena era “uma das mais expressivas mulheres baianas da contemporaneidade”.

Diante disso, o que dizer de Consuelo Pondé de Sena que todos já não saibam? Ela foi, antes de tudo, mãe e avó, além de historiadora,

professora, pesquisadora, acadêmica, escritora, empreendedora e dinâmica administradora, que sabia, como ninguém, deixar sua marca nas instituições que dirigiu, a exemplo do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, do qual foi presidente. Em suma, Consuelo certa feita se autodefiniu, em entrevista que me concedeu e publicada na revista *Neon*, com as seguintes palavras:

Sou uma pessoa muito curiosa. Eu tenho muitas curiosidades. Não sou uma pessoa que se interessa apenas por uma coisa, por um assunto. Interesse-me por muitas coisas ao mesmo tempo. Eu, em menina, gostava de literatura, gostava de poesia, sobretudo prosa, mas gostava de história, gostava de geografia, não gostava era de ciências exatas. Jamais gostei! Mas sempre fui voltada para a área das humanidades, a área das letras. Sempre gostei muito disso! Quando fiz vestibular para história, Hélio Simões, que me examinava na prova de francês – naquele tempo tinha exame oral também – disse: “Você está com uma pronúncia de parisiense. Por que não fez Letras, menina?! Acho que você deveria fazer Letras. Não só pela prova de redação como pelo fato de você se expressar tão bem.” Eu disse: eu não faria Letras nunca porque eu detesto Latim. Eu faria se não fosse o Latim. Ele achou muita graça. Mas acho que eu gosto mais da História. História não me leva ao Latim. Então, eu fiquei naquela dúvida... eu gostaria também de ser jornalista! Dr. Jorge Calmon acha que eu sou uma vocação frustrada. Talvez eu gostasse de ser mais jornalista do que qualquer outra coisa. Eu não tenho muita paciência para pesquisa... eu não tenho muita paciência para coisas miúdas não. Gosto muito de administrar... Administrar é realizar alguma coisa em prol da comunidade. Na área cultural, eu faço o que posso, gratuitamente, em benefício da comunidade. É uma forma de prestar serviço.

Esta foi a nossa Consuelo que da vida só se arrependia de não ter aprendido a dirigir automóveis, de não saber nadar e andar de bicicleta. Quanto à jornalista frustrada que ela dizia ser, posso assegurar: isto não é verdadeiro, pois se realizou por ter contribuído para a formação de vários jornalistas, entre os quais me encontro,

quando professora no curso de Jornalismo da UFBA e pelo fato de ter sido colaboradora emérita de jornais, fazendo publicar semanalmente sempre um artigo que era muito comentado na comunidade, devido aos pontos de vista colocados, às críticas procedentes e ao equilíbrio e bom senso com que tratava seus temas.

DADOS BIOGRÁFICOS

Consuelo Pondé de Sena nasceu em Salvador, no dia 19 de janeiro de 1934 e morreu no dia 14 de maio de 2015. Filha do médico Edístio Pondé e de Maria Carolina Montanha Pondé. Casou-se com o neurologista Plínio Garcez de Sena com quem teve quatro filhos: Maíra Pondé de Sena (psicóloga), Maria Luíza Pondé de Sena (assistente Social), Maurício Pondé de Sena (guia de turismo) e Eduardo Pondé de Sena (psiquiatra). Diplomada pela Universidade Federal da Bahia, no ano de 1956, em Geografia e História. No ano de 1977, concluiu o mestrado em Ciências Sociais quando defendeu a dissertação intitulada *Introdução do Estudo de Uma Comunidade do Agreste Baiano – Itapicuru – 1830-1892*, sob a orientação do professor José Calasans Brandão da Silva.

Na Universidade, atraída pelo estudo da Língua Tupi e contando com o incentivo do professor Frederico Edelweiss, dedicou-se ao tema, tendo-o substituído no ensino dessa disciplina em algumas oportunidades. Quando o mestre se afastou do magistério, Consuelo assumiu a disciplina em 1963 e permaneceu como docente da mesma até o ano de 1993.

Ao longo de sua vida exerceu inúmeros cargos administrativos, além de ter integrado vários conselhos, nos quais sempre se destacou pelas iniciativas e posições firmes adotadas. Dentre eles, destacam-se: Chefe do Departamento de Antropologia e Etnologia da FFCH da UFBA, Diretora do Centro de Estudos Baianos da UFBA (1974-1983), Membro da Diretoria do IGHB/Oradora oficial (1982), Diretora da Associação Bahiana de Imprensa (1984),

Conselheira do Conselho Permanente da Mulher Executiva da Associação Comercial, ocupando sua vice-presidência (1985), Conselheira e diretora da Associação Comercial da Bahia, Diretora da Casa Ruy Barbosa (1985), Diretora do Arquivo Público do Estado da Bahia (1987-1990) e Presidente do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia por um período de 19 anos, de 1996 a 2015.

Paralelo a essas atividades, Consuelo integrou a Comissão Estadual das Comemorações dos 150 anos de nascimento de Castro Alves, membro do Conselho Consultivo da Associação Bahiana de Imprensa (ABI), organizou e presidiu congressos e encontros de História da Bahia, além de ter presidido o Simpósio Internacional A Família Real na Bahia (2008). Ela integrou várias outras instituições a exemplo da Associação Brasileira de Antropologia (ABA), Associação Nacional de Professores Universitários de História (ANPUH), Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica, Academia Baiana de Educação, Academia Portuguesa de História e Academia de Letras da Bahia.

Foi ainda autora de inúmeros artigos, colunista dos jornais *A Tarde* e *Tribuna da Bahia*, de revistas especializadas, além de ter publicado os livros: *A imprensa revolucionária na Independência* (1983), *Os Dantas de Itapicuru* (1987), *Trajatória Histórica de Juazeiro* (em coautoria com Angelina Garcez (1992), *Cortes no Tempo* (1997), *A Hidranja Azul e o Cravo Vermelho* (2003), *Bernardino de Souza: vida e obra* (2010) e *No insondável tempo* (2013). Ela foi homenageada também com várias comendas e medalhas, dentre as quais destacam-se: Comenda Maria Quitéria (1987), Medalha do Mérito do Estado da Bahia, no grau de Comendador (1991), Medalha do Infante D. Henrique (1994) e a Medalha Dois de Julho.

UMA LIDERANÇA FEMININA — ENTREVISTA⁹

Neste número, *NEON* entrevista a professora Consuelo Pondé de Sena, presidente do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, recém-empossada na Academia de Letras da Bahia. Consuelo tem deixado sua marca em todas as instituições por onde tem trabalhado e se destaca como uma das mais atuantes e dinâmicas mulheres da vida cultural e intelectual da Bahia. Consuelo, que sempre marca presença onde quer que esteja, devido à sua maneira de ser, nesta entrevista, revela-se uma pessoa de personalidade marcante, objetiva, simples e que sabe exatamente o que quer: “Eu acho que não seria a mesma pessoa se eu não tivesse os filhos que tenho. Acho que qualquer mulher fica incompleta quando ela não tem família e quando não tem filhos. Ivete Oliveira, certa feita, disse: “Para eu ser uma mulher completa só faltou ter filhos e ter uma família”. Eu acho que é muito importante essa vivência como mãe, essa... Não é uma coisa piegas, é uma coisa realmente profunda. Eu acho que a coisa que mais me realizou na vida, o momento mais feliz de minha vida foi quando nasceu minha primeira filha”.

E a senhora tem quantos filhos?

Consuelo Pondé de Sena – Eu tenho quatro filhos. Todos crescidos e criados. Eu já tenho quatro netos. Mas o nascimento de uma filha para mim, saber que eu teria continuidade, a perpetuidade, realmente foi uma coisa que me deu grande alegria.

E a Consuelo intelectual, como é que ela seria definida?

CPS – Uma pessoa muito curiosa. Eu tenho muitas curiosidades. Não sou uma pessoa que se interessa apenas por uma coisa, por um assunto. Interesse-me por muitas coisas ao mesmo tempo. Eu, em menina, gostava de literatura, gostava de poesia,

⁹ Originalmente, esta entrevista, que fiz com Consuelo Pondé de Sena, foi publicada na revista *NEON*, nº 32 (março/abril de 2002) e assinada por Augusto Soares (meus nomes do meio). A entrevista enriquece o perfil da professora e historiadora.

sobretudo prosa, mas gostava de história, gostava de geografia, não gostava era de ciências exatas. Jamais gostei! Mas sempre fui voltada para a área das humanidades, a área das letras. Sempre gostei muito disso! Quando eu fiz vestibular para história, Hélio Simões que me examinava na prova de francês – naquele tempo tinha exame oral também – disse: “você está com uma pronúncia de parisiense. Por que você não fez Letras, menina?! Acho que você deveria fazer letras. Não só pela sua prova de redação como pelo fato de você se expressar tão bem”. Eu disse: Eu não faria Letras nunca porque eu detesto Latim. Entendeu? Eu faria se não fosse o Latim. Ele achou muita graça. Mas acho que eu gosto mais da história. História não me leva ao Latim. Então, eu fiquei naquela dúvida... Eu gostaria também de ser jornalista! Dr. Jorge Calmon acha que eu sou uma vocação frustrada. Talvez eu gostasse de ser mais jornalista do que qualquer outra coisa. Eu não tenho muita paciência para pesquisa... Eu não tenho muita paciência para coisas miúdas não.

E a Consuelo executiva?

CPS – Gosto muito de administrar. Tanto de administrar a minha casa, como administrar o Instituto, como administrar o Centro de Estudos Baianos, que administrei por quase 10 anos, como administrar a Casa de Ruy Barbosa, como administrar o Arquivo Público. Eu acho que administrar é alguma coisa em que a gente deixa uma marca, não é?! Administrar é realizar alguma coisa em prol da comunidade. E como eu não sou uma pessoa ligada à área de saúde, que eu gostaria de ter sido [...] gostaria de ter sido uma Irmã Dulce! Eu acho que isso é que é a grande coisa na vida, ser Irmã Dulce. Mas como eu não dou para essa área de saúde, eu não tenho nenhuma vocação para assistir sofrimento, então, eu migrei para a área cultural. Na cultura, eu faço o que posso, gratuitamente, em benefício da comunidade. É uma forma de prestar serviço.

Quais foram as principais marcas que a senhora deixou nas instituições por onde passou?

CPS – Eu deixei [marcas] no Centro de Estudos Baianos. Não deixei como eu queria no Arquivo Público, porque eu não tive condições políticas e deixo no Instituto Histórico uma marca forte. Eu digo que deixo pelo seguinte: porque quando você encontra um órgão mais ou menos desativado na sua função cultural e você consegue dinamizar, fazer alguma coisa, mesmo sem recursos, é deixar uma marca. Eu acho que isso é uma grande coisa. Minha passagem pelo Instituto Histórico ficará marcada como uma presença dinâmica. Uma presença que trouxe à casa uma intensidade de eventos culturais, como os congressos de história e eu acho que isso é uma marca muito grande para mim.

A senhora também tem deixado uma marca impressa. Por onde passou, deixou uma marca de editora. Muitas publicações foram feitas durante suas administrações.

CPS – Isso é verdade. Olha, eu fiz muitas publicações. Retomei aquela série Centro de Estudos Baianos, depois publiquei algumas coisas, inclusive influenciada pelo prof. Frederico Edelweiss.¹⁰ Eu acho que foi muito importante publicar aquele texto de Maximiliano... Um livro importantíssimo... Durante o reitorado de Macedo Costa. Fiz uma coletânea de textos de Wanderlei Pinho... No Instituto Histórico, tenho publicado muito. Publiquei agora, por exemplo, Os Anais do Congresso de História da Bahia e estamos fazendo Os Anais do 4º Congresso com a Fundação Gregório de Mattos que, sem ela, eu não faria nada, pois eu (o Instituto) não tenho dinheiro. Os Anais do 5º Congresso vão ser publicados também. E tenho outras coisas, agora nem

¹⁰ Frederico Grandchamp Edelweiss foi bibliófilo, escritor, historiador, professor e tupinólogo. Nasceu em Santo Ângelo, Rio Grande do Sul, em 19 de maio de 1895 e faleceu em Salvador no dia 15 de outubro de 1976.

me lembro. Às vezes, me esqueço o que eu fiz. Eu fiz também o Centenário de Wanderley Pinho...

Este ano a Bahia tem alguns centenários a serem comemorados...

CPS – Em 1984, dr. Thales de Azevedo me indicou para coordenar o Centenário de Bernardino de Souza. Eu reuni uma quantidade enorme de artigos de ex-alunos e eu queria publicar isso em forma de livro. Eu queria ter chance de reunir esse material que foi publicado no *Diário Oficial* do estado em suplementos, no tempo em que Edivaldo Machado Boaventura era secretário da Educação. Então, eu fazia aqueles suplementos inteiros. Fiz muita coisa sobre portugueses, tanto assim que recebi, depois, a comenda do infante D. Henrique... Eu sempre mantive essa atividade. Eu tenho gosto por bibliotecas, livros e editoração.

Edelweiss teve uma influência muito direta neste seu gosto por livros e biblioteca?

CPS – Sempre quis ser professora de História. Eu era aluna de José Calasans¹¹ desde o ginásio, e ele chegou a me dizer que eu seria uma assistente dele para história moderna e contemporânea. Mas eu também disse no meu discurso de posse que eu gosto das coisas brasileiras. Eu tenho predileção pelos assuntos brasileiros. Aí, quando eu comecei a estudar etnologia brasileira na Universidade, a antropologia, sobretudo, me encantei completamente com o Tupi. Eu só queria saber de Tupi. Fiquei muito mais tempo na área da antropologia do que na da história. Tanto assim que fui ser professora. Eu ensinei história da arte três anos, substituindo a Carlos Eduardo da Rocha, que havia se aposentado e ele indicou meu nome. Eu fui lá um tanto às cegas porque o Tupi havia saído do currículo. Eu, na realidade, queria deixar a Universidade. Aí o

¹¹ José Calasans Brandão da Silva foi advogado, escritor, folclorista, historiador e professor. Nasceu em 14 de julho de 1915 em Aracaju-Sergipe e faleceu em Salvador no dia 28 de maio de 2001.

professor Edelweiss me aconselhou: “Ensine o que lhe oferecerem, depois você volta a ensinar Tupi”. Aconteceu exatamente o que ele havia dito. Eu fiquei três anos e depois voltei. As coisas se acalmaram, e eu voltei a ensinar Tupi. E é o que eu gostava de ensinar realmente.

Além de Edelweiss, quais foram as pessoas que marcaram sua formação e sua carreira?

CPS – Meu pai. Meu pai era um pai muito atento, que não só cuidava de prover a família, mas de tomar conhecimento do que os filhos estudavam. Foi meu pai quem me colocou os primeiros livros às mãos. Ele me orientava a leitura. “Você vai ler o *Moço loiro*. Você vai ler *A Moreninha* e começava a dar os livros... Todos acessíveis ao meu tempo, à minha idade. Ele tinha uma coleção de clássicos brasileiros para crianças que comeci a ler no primário. Eu tinha muita curiosidade pela leitura. Eu acho que meu pai foi fundamental nessa abertura para a leitura.

...mas, e a formação profissional, quem influenciou?

CPS – No lado profissional foi Edelweiss, pois me encaminhou para a área de antropologia, etnologia do Brasil... Ele ensinava etnologia do Brasil. Aí, eu já gostava das coisas indígenas, me apaixonei mais ainda quando eu estudei o Tupi. Exatamente porque eu achava absurdo que os brasileiros não dispensassem nenhuma atenção a uma língua que havia sido fundamental à própria língua brasileira falada no Brasil. D. Anfrísia Santiago¹² também foi muito marcante em minha formação básica. Isto porque, frequentemente, no colégio dela, ela substituía professores. E substituía com vantagens, porque ela, uma mulher brilhantíssima, chegava à sala para dar aula de história, de geografia, de português ou do que fosse... E ela dava muito bem. E como eu

¹² Anfrísia Augusta Santiago, educadora e historiadora. Nasceu em Salvador no dia 21 de setembro de 1894 e faleceu no dia 27 de abril de 1970.

fazia leituras por fora...(eu não era muito de estudar Matemática, Aritmética, Cálculo, nada disso...). Eu estudava as disciplinas que eu gostava. Quando D. Anfrisia chegava na sala para substituir um professor, ela fazia sabatina de conhecimentos gerais. E eu sempre me destacava. Um dia ela disse: “Venha cá. Você tem notas baixas em Matemática, não sei o quê... Como é que você sabe tanta coisa assim?” Procurou meu pai. Mandou chamar meu pai para falar com ele. Eu passei do terceiro ano primário para o quinto. Era uma mulher de tanta visão que ela percebeu que meu assunto era outro. Eu não estava afinada com essas coisas, das quais eu não gostava. Eu estava afinada com outro elenco de disciplinas. D. Anfrisia disse: “ela tem vivacidade, ela tem desembaraço para estar num curso mais adiantado, mesmo que ela não goste das outras”. Então ela chamou meu pai e perguntou se eu era vadia. Meu pai disse que eu era muito dispersiva. Gostava de ficar escrevendo, escrevendo muito... Eu contei isso no meu discurso de posse na Academia [de Letras da Bahia]. Eu escrevia três romances ao mesmo tempo... aí um dia, eu queimei esses romances...

Nunca publicou?

CPS – Não, porque um dia, quando eu cheguei da missa, encontrei meu pai lendo os meus romances com os irmãos, dando gargalhadas... Eu lembro exatamente... Um pisou no acelerador e aí todos caíram na risada. Daí eu queimei os romances todos, achei que estava indignada e queimei, joguei fora!!! Nunca mais escrevi, tomei até raiva de romance...

Sua reação é interessante porque, na verdade, seu pai estava feliz...

CPS – Mas eu gostava mesmo era de papel velho... Eu me lembro bem que morreu um tio-avô de João Eurico Mata, que morava perto de nossa casa, jogaram um bocado de jornal fora.

Aí eu fui catar todos os jornais velhos e botei debaixo do meu colchão. Naquele tempo os colchões eram de palha. Então o colchão ficou numa altura estúpida... Minha mãe já estava vendendo que aquilo já estava dando traça... Tinha papel e jornal por tudo que era canto. Um belo dia, eu saí e queimaram todos. Aí eu cheguei em casa, e minha mãe tinha queimado meus jornais. Lembro-me que nos recortes tinha o registro da morte de Ruy Barbosa. Eram jornais velhos com reportagens que eu estava guardando com tanto carinho... Aí meu pai reclamou com minha mãe: “Você não devia ter feito isso com ela!”. – “Ah! Mas a cama estava cheia de traça, não sei o que mais... Não sei como ela podia dormir ali”, respondeu minha mãe. A verdade disso é que eu gostava de juntar papel e continuo juntando até hoje.

Que outras pessoas marcaram sua formação?

CPS – Os professores da Universidade me marcaram muito. José Calasans, o primeiro deles, porque foi meu professor desde menina. Mas Wanderley Pinho... Eu tinha fascinação pelas aulas de Wanderley Pinho! Eu não sei como uma pessoa que nunca havia estudado didática, um homem que era advogado, promotor público, político, conseguia ser tão didático. As pessoas ficavam extasiadas com as aulas dele, não só pelo que ele dizia, mas pela forma como ele dizia, como ele interpretava os fatos históricos. Foi uma pessoa que me impressionou profundamente. Talvez, como expositor, tenha sido o melhor professor que eu tive. Outro, foi Thales de Azevedo.¹³ Thales de Azevedo impressionava pela maneira moderna de ensinar. Ensinava em estilo americano. Ele mandava que os alunos consultassem os livros... Foi o primeiro professor que eu vi fazendo isso. Dava provas difíceis, mas permitia a consulta. E quem não entendia nada, evidentemente, se esborrachava. Ele também foi um

¹³ Thales de Azevedo foi antropólogo, escritor, jornalista, médico e professor. Nasceu em Salvador no dia 26 de agosto de 1904 e faleceu no dia 5 de agosto de 1995.

professor muito marcante. Eu trabalhei com ele, também, em um seminário de antropologia e, certamente, ele influenciou muito a minha ida para o departamento de antropologia.

E na vida profissional... no trabalho?

CPS – Edelweiss sempre me ajudou. Eu ensinava Tupi na faculdade, estava muito bem fazendo meu trabalho corriqueiro, quando ele vendeu a biblioteca à Universidade Federal da Bahia... e o Centro de Estudos Baianos foi criado em torno da biblioteca dele. Então, o Reitor Lafayette Pondé pediu que ele indicasse um nome para ser o diretor do Centro de Estudos Baianos. Aí, Edelweiss disse: “eu não tenho nenhum nome para indicar, a não ser o da pessoa de Consuelo. É a pessoa que conheço profundamente, conheço a capacidade do trabalho. Ela se desdobra no trabalho... Se for para indicar, indico o nome dela”. Lafayette contra-argumentou e voltou a lhe consultar outras vezes. Três vezes lhe foi feita a mesma indagação e Edelweiss continuou dizendo a mesma coisa... “a pessoa é Consuelo”. ... Um belo dia, eu estava na faculdade de sociologia, quando o telefone tocou: “o reitor quer falar com você”. Aí ele, brincando, disse: “Consuelo, venha aqui agora que eu quero lhe falar”. Eu disse “eu não posso, não, porque eu estou de calças compridas”. Naquele tempo – 1974 – eu achava que vestir saia seria muito mais elegante. Eu sou uma mulher que cuida da aparência. Seria mais elegante saia para ficar diante do reitor do que de calças compridas. Aí ele disse: “Pode vir. Sem calças é que você não pode vir”, ele brincou comigo. Aí eu fui. Cheguei lá na reitoria e ele foi me dizendo assim mesmo, textualmente: “Eu não lhe chamei para lhe perguntar se você quer. Eu lhe chamei para dizer que você é a diretora do Centro de Estudos Baianos!” Mas logo eu Lafayette?! Não tenho nenhuma experiência administrativa. Eu sou apenas dona de casa e professora! “Mas você é, porque seu professor a escolheu!” Eu acho

que quem me deu, realmente, a primeira grande oportunidade na vida foi Lafayete aceitando a indicação de Edelweiss.

A partir daí?

CPS – A partir daí, eu fiz uma gestão dinâmica. Realmente, eu trabalho acima do que devo porque eu faço. Tanto faz ganhar ou não ganhar, eu faço do mesmo jeito, com a mesma disponibilidade. No Instituto Histórico é a mesma coisa... a mesma coisa, com a mesma vocação para servir. Então, fui para o Centro de Estudos Baianos e fiquei – o prazo era para ficar durante seis anos – seis anos. Mas pela minha atividade, pela minha atuação, Macedo Costa me chamou e disse: “Olha, pelo regimento, você teria que sair agora. Mas eu acho que não se tira gente de time que está ganhando! Você vai continuar. Comigo você fica mais três anos.” Fiquei nove anos com ele. Logo depois, durante o reitorado de Germano Tabacof, ocupei a função de pró-reitora e Fernando da Rocha Peres assumiu como diretor do Centro. De modo que, eu acho, o Centro de Estudos Baianos foi a grande chance de me projetar na Universidade. Na época, se comentava que eu havia sido a grande revelação na administração. Eu transferi a biblioteca de Edelweiss da casa dele para a Faculdade de Medicina no Terreiro de Jesus.

E depois?

CPS – Depois eu fui esbarrar na Associação Baiana de Imprensa – ABI – (risos)... Fui dirigir a Casa de Ruy Barbosa. Fiquei na Casa de Ruy até meu marido adoecer. Daí, eu não tive mais condições para ficar. Passei também pelo Arquivo Público. No Arquivo Público, eu realmente não fiz o que podia, o que eu queria, o que desejava, o que eu planejava, por questões de ordem política. Dinheiro, sobretudo, não é?! Eu fiz, como pude, o centenário do Arquivo Público, em 1990. E esta é a minha grande frustração administrativa, porque eu não pude fazer o

que eu queria. O que eu havia planejado. Depois da ABI, eu fui para a Associação Comercial e ocupei a vice-presidência do Conselho da Mulher Executiva. Então, eu fui ganhando esses espaços todos e trabalhando sempre...

Considerando sua atuação firme à frente de várias instituições, já há quem diga que, devido ao seu estilo dinâmico, acabará chegando também à presidência da Academia de Letras...

CPS – Imagina! Então, eu fui para o Instituto Histórico até de surpresa. Eu era a terceira vice-presidente do Instituto Histórico quando Dr. Jorge Calmon me disse: “Consuelo, eu quero lhe falar. Olha, eu estou pensando em você para ser presidente do Instituto Histórico”. Eu disse: “Eu, professor?! Presidente do Instituto Histórico? É muita areia para meu caminhão!”. Dr. Jorge disse: “Não. Pode ficar certa que você vai ser!”. E, realmente, eu fui...! Uma votação muito expressiva e, em 1996, eu entrei para o meu primeiro mandato. E, daí, ele não está me deixando sair. Eu já estou ficando estressada, já dei minha contribuição, mas realmente não tenho encontrado muitos voluntários dispostos...

Só pode sair quando encontrar uma pessoa para substituí-la?

CPS – É, eu quero uma pessoa que tenha um perfil parecido e que também dê essa dinâmica à Casa da Bahia, e que tenha o mesmo amor que eu tenho pela instituição, porque eu faço por ela qualquer coisa. Acho que ser presidente do Instituto Histórico é uma grande representação, pois esta é uma instituição muito respeitável. Afinal de contas, foi a primeira instituição cultural da Bahia e, a partir de 1894, grandes nomes passaram por lá. Eu fiz um artigo sobre Josaphat Marinho e ele era sócio desde 1951. Não sei se eu seria, teria realmente essa qualificação toda para ser presidente do Instituto, mas eu tenho procu-

rado corresponder à confiança que Dr. Jorge Calmon depositou em mim. E, há poucos dias, ele me disse: “Você excedeu as minhas expectativas. Você tem feito realmente um trabalho muito bom, de dedicação total”. Isto porque eu me preocupo com a Casa... Eu sou capricorniana e todo capricorniano ama o trabalho loucamente. Eu sou obcecada pelo trabalho. Quando não tenho trabalho, invento. Eu estou sempre disponível para o trabalho.

E quais são seus heróis?

CPS – Castro Alves é um deles. Meu pai também. O professor Edelweiss e Otávio Mangabeira, minha paixão política de menina. Eu ficava louca quando via Otávio Mangabeira em qualquer lugar. Meu pai me levava aos comícios. Meu pai também me levava para o Instituto Histórico, onde além de sócio, ele tinha sido tesoureiro. D. Anfrísia Santiago falava de Castro Alves e eu via Pedro Calmon, eu via Anísio Teixeira... Então, essas coisas, essas figuras passaram a fazer parte do meu cotidiano. Quando ainda criança, assisti uma vez Olegário Mariano declamando no Instituto Histórico junto com João Moniz, Arthur de Sales, Cássio Rabelo, os poetas antigos da Bahia, já velhinho. Eu gosto muito de José de Anchieta, eu gosto muito do Barão do Rio Branco, Antônio Conselheiro e de Euclides da Cunha...

E as heroínas?

CPS – As antigas? Ah, Maria Quitéria! Em primeiro lugar, Maria Quitéria. Heroína antiga. Gosto muito de Bertha Lutz, feminista, aquela mulher que, além de ser feminista, era uma mulher enamorada, pouca gente sabe disso. Ela tinha um caso amoroso com um governador chamado Juvenal Lamartine, da Paraíba. E esse Juvenal Lamartine foi o primeiro governador brasileiro a defender as mulheres.

E sua identificação com Maria Quitéria?

CPS – Uma figura feminina, não é? Ela teve dois maridos. Teve uma filha, e não me parece que ela foi essa figura assim virada. Uma sertaneja, uma mulher modesta, com hábitos muito rudimentares, comendo de mão, mas nunca uma expressão de uma mulher virada. A minha impressão é que ela era realmente uma mulher feminina. Gosto da bravura dela, gosto de ver exatamente toda aquela coragem com que ela enfrentou a Guerra da Independência. Acho que ela é heroína enquanto Joana Angélica é mártir. Minha ideia é essa.

O que representa para você o fato de ter sido eleita para a Academia?

CPS – Eu gostei muito do achado de Edivaldo Boaventura. Eu achei genial! Nunca havia pensado nisso. Que existem eleições que são comunitárias. E eu nunca tinha pensado nisso. Mas realmente foi o que aconteceu com Cid Teixeira, com o padre Sadoç, e ele diz que comigo também. Eu acho que eu entrei muito mais pela pressão popular, pela simpatia, talvez, de muitas pessoas... Eu recebi muitos telegramas de pessoas que eu não convidei para a posse, dizendo que “afinal de contas, já esperavam que a posse acontecesse...”. A Academia representa talvez... Meu marido tinha muita vontade que eu fosse para a Academia. Talvez mais do que eu! Então, algumas vezes em que eu fui votada e perdi, ele ficava indignada. “Acho um absurdo...” Eu dizia: deixa isso pra lá, se tiver de algum dia ser, eu vou. Mas ele realmente... Sentia que eu estava sendo injustiçada. Eu não sentia isso. Eu achava que se eu tivesse que ser algum dia, eu seria. Eu acredito muito no destino. Dizem que não se deve acreditar, mas eu acredito. As coisas vêm escritas.

O que é do homem o bicho não come...

CPS – Acho que as coisas quando têm que acontecer, aconte-

cem. Certa feita, por brincadeira, estava fazendo aquela coisa de copo e eu perguntei: “Eu vou para a Academia?”. Meu pai que me apareceu no copo, disse: “Não agora, muito mais tarde!”. Por brincadeira ou não, eu sei que eu fiquei certa disso. De que seria muito mais tarde, mas que seria. Então, eu acho que é o caminho natural de alguém que faz alguma coisa com entusiasmo, com paixão e que representa na sua comunidade um nome feito. Então, eu “achei o achado” de Edivaldo interessante por isso. “Ela fez um nome. Ela se tornou conhecida. Fez um fã-clube”. Eu não sei, eu acho que isso é predestinação...

O que a senhora mais deseja da vida?

CPS – Uma coisa que eu sempre desejei, desde pequena, era viajar muito. Eu não viajava quando meu marido estava vivo. Primeiro, porque ele não deixava, porque era como se eu deixasse a casa. Depois, eu ensinava, mas depois que ele morreu eu viajei muito. Viajei enquanto o Real estava dando, agora não está dando mais. O salário da gente não aumenta há sete anos. As despesas são grandes. Eu acho que eu tenho que dar aos meus filhos uma assistência para que eles nunca se esqueçam de mim. Talvez, pelo fato de eu ter sido criada com muito amor, uma família muito grande, com muitos irmãos. Eu gosto de famílias grandes. Eu gosto de casa cheia. Eu gosto de festa. Eu gosto de alegria. Eu sou uma pessoa alegre. De modo que eu vivo tudo isso. Eu vivo a Bahia inteira com todas suas festas, com toda a sua magia. Eu vivo intensamente.

Como a senhora poderia se definir?

CPS – Como uma mulher presente. Uma mulher, que é uma coisa que me agrada muito, expressiva. Edivaldo dizia que eu era a mulher mais expressiva da Bahia. Muitas mulheres se aborreceram. Inclusive, eu ouvi, um dia, uma, em minha frente, dizer: “A mais não. Uma das mais!” Então, ele ficou doidinho e

disse: “Uma das mais!”. Mas o fato de ser uma das mais é muito agradável. Que eu possa ser essa síntese. Possa ser uma mulher – que não sou tão jovem assim, não é?! – Já estou mais “pra lá do que pra cá”, mas, de qualquer maneira, eu mantenho essa vitalidade que muita gente moça não tem.

O que você se arrependeu de não ter feito?

CPS – Gosto de tudo, mas nunca aprendi a dirigir, não aprendi a nadar, nem tão pouco aprendi a andar de bicicleta. Estas são as minhas impossibilidades. E eu acho que tudo isso me frustrou um pouco.

A senhora ainda pode aprender a dirigir, a nadar e a andar de bicicleta...

CPS – Mas, eu tomei 100 aulas e não aprendi a dirigir. Meu instrutor disse que eu era a mulher mais burra da Bahia. E aí eu fiquei com isso na cabeça. Quando meu marido morreu, eu fui aprender novamente, aí eu perguntei ao instrutor: “O senhor não me deixa dirigir sozinha?”, ele disse: “Eu não tenho coragem não. Porque quando a senhora vê uma pessoa, lá longe a senhora solta o volante e ainda chama de guidom. De modo que eu não tenho coragem de lhe deixar dirigir. Não!”

Agora a coisa que mais lhe deu prazer de ter realizado.

CPS – Publicar livro eu acho que é a coisa que me dá muito prazer. Eu gostaria de ter dinheiro. A verdade é essa, eu não tenho muita cara de pau para arranjar quem publique meus livros. Mas eu gostaria de ter assim, uma cara de pau, mais ou menos para pedir para publicarem meus livros. Porque eu tenho tanta crônica que eu podia reunir. Pelo menos, não deixar tanta coisa sem publicar, não é?! Mas eu não quero que se diga depois que eu usei o cargo de presidente do Instituto Histórico para pleitear alguma coisa em benefício próprio. Por outro lado,

o que eu ganho hoje em dia, você sabe o que professor ganha, não é?

Falando sobre publicações, a senhora já publicou livros sobre municípios baianos?

CPS – Sim, sobre Juazeiro e Itapicuru. Porque eu sou cidadã de Itapicuru. Preciso ser cidadã de Juazeiro, porque eu gosto muito de Juazeiro. Eu sou cidadã de Itapicuru. Mas, em Itapicuru, existia tanta briga entre facções políticas diversas que o meu título de Itapicuru me foi entregue em Olindina. Fiquei muito frustrada. Não me deram na cidade de Itapicuru, não. Sem discurso, sem nada. Eu acho que é fundamental fazer um discurso. Então, uma vez eu estive lá em Itapicuru com João Carlos Tourinho Dantas e me deram a palavra, e então, eu fiz um discurso inflamadíssimo e disse isso: “Estou agora fazendo o discurso que eu não fiz quando deveria ter feito, porque não me deixaram”. Porque eu também digo as coisas depois. Mesmo que fiquem guardadas aqui dentro. Não sou de guardar raiva. Esta é a minha grande qualidade! Eu não guardo ressentimentos.

E quanto aos títulos, condecorações que a senhora já recebeu?

CPS – Eu perdi até meu diploma de formatura e o diploma de mestrado... Não os tenho. Eu recebi o título da Academia portuguesa. Agora tenho que tomar posse lá e eles mandaram pedir todos os meus títulos e diplomas, copiados e eu não tenho. Eu não tenho cópia de nada. Entre condecorações, eu tenho a Medalha Maria Quitéria e a Comenda Maria Quitéria, a primeira que eu recebi e muito me honrou.

O que a senhora gosta de ler?

CPS – Gosto muito de ler. Leio e releio. Os *Sertões*, eu já li muitas vezes. Os poemas de Castro Alves, eu leio frequentemente.

Eu tenho prazer em ler. E gosto muito de *Memória de Adriano*. É um livro que me diz tanto, da sensibilidade, de Marguerite Yourcenar. Já li todos os livros dela. Tenho quase todos. Esse, especialmente, *Memória de Adriano*, me toca muito. As frases me parecem lindíssimas. Gosto também de *Memorial do Convento*, de Saramago. Gosto de Saramago porque ele é um inovador. Gosto muito de Eça de Queirós, sobretudo *Cidade e as Serras*. Dos portugueses, eu gosto mais de Eça de Queirós. Dos brasileiros, Machado de Assis tem um lugar de destaque. Gosto também dos baianos Jorge Amado e Adonias Filho e também da poesia de Arthur de Sales.

E na área musical, o que mais atrai a senhora?

CPS – A música clássica, evidentemente que todo mundo gosta. Tenho prazer em ouvir, mas em determinados momentos. Gosto muito da música popular brasileira.

E como historiadora, como é que a senhora vê a evolução da música baiana?

CPS – Não gosto do pagode. Eu também não sou muito chegada ao axé, não. Eu gosto muito das músicas de Caetano, Dorival Caymmi e, também, Gilberto Gil... Acho que esses três são realmente extraordinários. Mas o que eu não gosto, aqui, na Bahia, é que as pessoas falam muito mal da vida dos outros e da vida particular... Acho que entram demais nisso. Eu acho que essa coisa é uma coisa que deve ser completamente privada. Vida privada é vida privada, não tem por que as pessoas se preocuparem... “Tá se separando”, “tá com quem?” ... Eu não gosto dessa fofocada. Eu acho isso abominável!

Para encerrar algumas perguntinhas de ordem pessoal e que os leitores gostam de saber quando admiram as pessoas. A senhora fuma?

CPS – Não.

Bebe?

CPS – Não. Eu gosto de champanhe. Eventualmente, champanhe. Também gosto de uísque, mas, às vezes, tomo socialmente. Talvez, eu goste mais da batida.

Algum tipo de perfume especial?

CPS – Gosto de Paloma Picasso.

Cores prediletas?

CPS – De vestido... Gosto muito de vermelho... Eu me sinto ótima de vermelho! Tanto que Dr. Jorge me fez uma observação: “Não vá de vermelho para a Academia!” Eu me sinto assim... Uma coisa que me dá uma energia... Como não posso vestir, não posso dormir de camisola vermelha, porque eu não durmo. Eu já fiz, assim, algumas pesquisas de cromoterapia e eu vi que não posso estar usando tanto vermelho como eu gostaria. Tenho que, às vezes, botar um castanho, um amarelo... Botar um azul para me neutralizar um pouco. Eu uso mais cores vivas do que cores neutras. Gosto de cores fortes, marcantes. Tanto que eu botei meu vestido verde, sabe o que me disseram lá na Academia? Que eu estava homenageando os integralistas.

Qual a sua comida predileta?

CPS – Eu gosto de tudo. De comer rabada, sarapatel, maniçoba, feijoada... Gosto da comida sofisticada. Gosto da comida chinesa. Gosto da comida japonesa. E quando eu viajo, gosto de comer a comida local. Faço questão de provar a comida local.

O que é que mais lhe chama atenção na cidade do Salvador?

CPS – Duas coisas me chamam a atenção: a vista da cidade de

Salvador para o mar. O Forte de São Marcelo. Eu tenho paixão pela Baía de Todos os Santos. Gosto muito daquele ponto de Humaitá. Eu acho uma beleza! Gosto muito do Farol da Barra. Em minha opinião, são os pontos mais bonitos da cidade.

Qual o caminho que uma pessoa deve seguir para ser vitoriosa?

CPS – Eu acho que a pessoa deve ser, acima de tudo, autêntica, a gente nunca deve fingir o que não é. Eu sou uma pessoa espontânea.

Mais alguma coisa, que não tenha sido abordado?

CPS – Cinema. Gosto muito de cinema. E desde pequena eu queria ser artista de cinema. Queria ser escritora ou artista de cinema. O meu modelo de artista de cinema era Ingrid Bergman. De modo que eu assisti todos os filmes de Ingrid Bergman. Gosto também de televisão e gosto de assistir para poder criticar. Acho que ninguém pode viver seu tempo estando fora dele. O *Big Brother*, por exemplo, é um péssimo programa. Mas eu fui ver para poder criticar. Você não pode criticar o que você não conhece. Então, eu assisti, também a Casa dos Artistas, Raul Gil, para saber que tipo de programas estava sendo transmitidos. Eu estou inserida no meu momento. Eu quero ser uma testemunha do meu momento, do meu instante, entendeu?! Então, disso eu não quero perder nada.



FERNANDO DE AZEVEDO (1894-1974) COMO OBSERVAR E ANALISAR A OPINIÃO PÚBLICA¹⁴

Como sociólogo, Fernando de Azevedo foi responsável pela disseminação das concepções sociológicas de Émile Durkheim no Brasil. Como jornalista e crítico literário, organizou e dirigiu “O Inquérito”, produzido para o jornal *O Estado de S. Paulo*, em 1926, por meio do qual se projetou na vida pública política do Brasil, ao realizar uma pesquisa sobre as condições da educação no Estado de São Paulo. Como educador, reconhecido como do mesmo porte e importância de Anísio Teixeira, redigiu, em 1932, e foi o primeiro signatário do “Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova”, que serviu para colocar a educação como o problema prioritário do país, acima inclusive do desenvolvimento econômico.

Para se ter noção do valor da produção intelectual de Fernando de Azevedo é necessário saber que toda a sua obra foi construída entre 1926 e meados da década de 1960, ou seja, em um contexto socioeconômico, cultural e político situado entre as duas guerras mundiais e duas ditaduras, quando ocorreram muitas rupturas de valores tradicionais com a adoção de novos processos de modernização do país. Talvez, devido ao contexto em que foi gestada, sua obra não apresente uma unidade de concepção como apontado por seus estudiosos e biógrafos. A obra dele é multifacetada e suas reflexões vão além de sua própria época.

¹⁴ Originalmente o texto foi publicado em 2014, como capítulo do livro *O pensamento Comunicacional Brasileiro: o legado das ciências humanas*. Organizado por José Marques de Melo e Guilherme Moreira Fernandes. O texto original sofreu modificações e acréscimos.

Ao longo de sua vida, ele se destacou por estar sempre refletindo, conscientemente, sobre os problemas do país, apresentando uma visão sintética e analítica de nossas diferenças e contradições, além de apontar a educação como a solução para o processo de reconstrução nacional. Sob a influência de Durkheim, criador do método científico-objetivo da sociologia, Azevedo vinculava a questão social e educacional com a ética política de seu tempo. Ele defendia a ideia de que por meio de uma revolução de mentalidade se poderia alcançar uma mudança nas estruturas e, exatamente por isso, fazia uma oposição sistemática à clássica escola burguesa, que ele considerava elitista.

Por acreditar na socialização da educação por meio da democracia, compreendeu que a transformação da vida social só aconteceria por meio da mudança de mentalidade, daí a ênfase com que defendia a necessidade da organização educacional, cultural e do uso da Opinião Pública para intervir no desenvolvimento político e econômico do país.

No livro *Sociologia educacional*, cuja primeira edição data de 1940 e que é considerado como o melhor livro dele, Azevedo aborda a educação como um problema de ordem filosófica, além de defini-la e analisá-la com precisão. Usando os artifícios de uma metodologia mestiça, ele analisa as tendências e características brasileiras a partir das teorias sociológicas e antropológicas. Vale salientar que a época em que o livro foi publicado coincide com o período no qual a Sociologia se estabeleceu como uma ciência empírico-indutiva, difundindo novas práticas teórico-metodológicas.

Em um dos capítulos desse livro, intitulado “A opinião pública e a educação”, objeto deste ensaio, ele deixa transparecer, com seu estilo clássico de escrever, com acentuada retórica, que, apesar de ser considerado um intelectual de centro, ele, de certa forma, aceitava a pregação de um Estado forte para solucionar os problemas do país. No referido capítulo, fica também evidenciado como ele sistematizava e explorava as convergências e divergências teórico-

-metodológicas para construir, defender e legitimar seus pontos de vistas, conduzindo o leitor a concordar com suas interpretações. Percebe-se aqui o quanto seu discurso não apenas legitimava sua ação político-pedagógica, mas também sedimentava teoricamente sua ação no espaço público. Os questionamentos levantados por ele com relação aos fenômenos da opinião pública, que devem ser analisados e debatidos, permanecem atuais.

De maneira didática, ele apresenta, nesse capítulo, suas preocupações com a influência da mídia na formação de uma opinião pública, estabelecendo um diálogo entre as várias vertentes. Ele começa o capítulo manifestando sua estranheza de que os movimentos de opinião “não tenham ainda constituído objeto de quaisquer estudos e investigações especiais”, justificando a seguir que “não se tinha prestado atenção suficiente à influência cada vez mais poderosa dos fenômenos de opinião pública sobre a educação”.

Considerando que a maior dificuldade para tal estudo reside no entendimento do que se atribui à expressão “opinião pública”, Azevedo trata de decompor o significado do que seja “opinião” e do que se caracteriza como “público” a partir das noções elementares da Sociologia. Para tanto, ele se utiliza das discussões teóricas e definições de quatro importantes sociólogos da época: Robert Ezra Park, Emory Stephen Borgadus, Gabriel Tarde e Eugène Dupréel. Então, Fernando de Azevedo se pergunta e responde:

[...] não se pode chamar no mesmo sentido “opinião pública” o pensamento de indivíduos do mesmo grupo debatendo como tais seus interesses, por mais numerosos que sejam. Mas, como se opera essa transformação do povo ou de uma fração do povo num “público” ou quais os meios que atuam nessa transformação? É fácil verificar em ação nos fatos, através de observações acumuladas, os diversos fatores que influem, nas diferentes situações, para a criação de um “público”, e o desencadeamento, em consequência, de fenômenos de opinião e cuja eficiência varia com a concentração ou rarefação da população, com as forças dos grupos ativos que entram na

composição do público e as técnicas adotadas de propaganda e de ação sobre o público. O público não é coisa ou categoria social exclusivamente moderna e surgiu com o crescimento quantitativo dos grupos e a complicação de estrutura social, tem na civilização atual, com as transformações técnicas que se operam, as condições sociais mais favoráveis à sua formação e ao seu desenvolvimento: o livro, a imprensa e, especialmente, o telégrafo, o cinema e o rádio. É por isso que Gabriel Tarde considera a idade atual, 'a era do público e não a era das multidões'.

[...] A técnica suscitou não só formas novas, mas também meios novos de agir sobre a opinião e de tamanha eficácia, umas e outras, que se desenha por toda parte a tendência e, em alguns países, já se adotou a prática de controlar, pelo Estado, esses fatores que influem sobre a opinião pública e os seus meios de ação. [...] O poder do Estado é, pois, mais reforçado pela opinião pública do que pelas leis. [...], Mas é certo que as invenções, como a imprensa, o cinema e o rádio, sobretudo, armaram o Estado de novas técnicas de propaganda com que pode desenvolver o seu despotismo, galvanizando e canalizando, para melhor lhes dirigir a impulsão num determinado sentido, energias dadas, correntes de opinião que, unificadas, dão lugar a fenômenos de opinião e de massa tão característicos das sociedades modernas.¹⁵

O pensamento de Fernando de Azevedo, como se pode observar, está coerente com os conceitos contemporâneos de opinião pública, apesar de muitos pesquisadores trabalharem, hoje em dia, o conceito como sinônimo das sondagens de opinião, numa tendência reducionista, na qual a opinião pública pode ser constatada e medida por meio da aplicação de questionários e analisada por modelos quantitativos, sem levar em consideração uma série de outras variáveis.

¹⁵ AZEVEDO, Fernando de. "A Opinião Pública e a Educação". In: AZEVEDO, Fernando de. *Sociologia Educacional* - Introdução ao estudo dos fenômenos educacionais e de suas relações com outros fenômenos sociais. 6, ed., São Paulo: Melhoramentos, 1964. p. 327-338.

Azevedo reconhece que os Estados totalitários controlam a opinião pública devido aos princípios de organização, disciplina e controle racional, mas afirma também que essa técnica poderia “ser orientada para fins mais humanos e racionais”, respeitando-se a liberdade e as diferenças individuais, pois

[...] a organização da opinião pública, dentro de um regime de liberdade, é aliás essencial às democracias, pois quanto mais a estrutura de um governo ou um regime político dá força à opinião pública, chamada constantemente a manifestar-se, como se dá na Inglaterra e nos Estados Unidos, por exemplo, tanto mais é essencial que ela seja verdadeiramente esclarecida. A técnica de ação social e de propaganda é um meio e, como técnica, indiferente aos seus fins, pode servir às democracias como às ditaduras.

Ora, se se considerar o poder às vezes tirânico que exerce a opinião pública, compreender-se-á o papel que desempenha, na educação, quer como um meio de controle social, em apoio dos valores estabelecidos, quer como um estimulante às grandes reformas desde que precedidas de um rigoroso movimento de opinião.

[...] E todos sabemos – e é exatamente o que nos confirma a experiência dos estados totalitários, com a sua linguagem agressiva – que é muito mais fácil reunir homens contra um inimigo comum do que em torno de um ideal comum, sobretudo quando esse inimigo é ao mesmo tempo um mito e uma realidade social (a mística de classe, de raça etc.)¹⁶

Fernando de Azevedo reservou a segunda e última parte de seu capítulo para sugerir, didaticamente, alguns problemas e discussões que podem e devem ser feitas sobre o fenômeno da opinião pública. Da mesma maneira que conduziu “O Inquérito” educacional para o jornal *Estado de S. Paulo*, quando as perguntas devidamente embasadas e dirigidas aos educadores e intelectuais acabaram sendo

¹⁶ Trechos transcritos do capítulo “A Opinião Pública e a Educação”, publicado no livro *Sociologia Educacional*, de Fernando de Azevedo.

mais importantes do que as respostas dadas, porque induziam ao desfecho pretendido. No final desse capítulo, Fernando de Azevedo usa da mesma técnica, ou seja, ele sistematizou a parte anterior, dividindo-a em seis pontos básicos, apresentando em cada um deles uma questão-problema e dois ou três pontos essenciais que devem ser analisados para que se possa:

- a) entender o fenômeno da opinião pública;
- b) como definir e classificar o fenômeno como resultado de um pensamento coletivo, como reação de um grupo, ou como forma do próprio público se manifestar;
- c) entender a importância das pesquisas de opinião como subsídios de orientação das políticas governamentais;
- d) entender e analisar o papel da opinião pública sob o aspecto político e de acordo com os tipos de sociedades: democráticas e aristocráticas;
- e) examinar de que forma a opinião pública participa do processo de educação;
- f) observar como uma técnica de ação social e propaganda difundida pelos meios de comunicação pode manipular e produzir fenômenos de opinião.

O capítulo “Opinião Pública e a Educação”, contido no livro *Sociologia Educacional*, de Fernando de Azevedo, se constitui uma peça importante do Pensamento Comunicacional Brasileiro, pois, apesar de ter sido escrito há mais de cinquenta anos, ainda está atual e suscita novas pesquisas com diferentes perspectivas que podem ser vinculadas às mais variadas áreas de conhecimento e ou produzidas nas salas de aula dos cursos de Comunicação que tratam de pesquisa sobre a formação da Opinião Pública e o uso que os governos e os próprios meios de comunicação fazem dela.

DADOS BIOGRÁFICOS

Professor, ensaísta e sociólogo, Fernando de Azevedo nasceu na cidade de São Gonçalo do Sapucaí, Minas Gerais, no dia 2 de abril de 1894 e faleceu na cidade de São Paulo, no dia 18 de setembro de 1974. Era filho de Francisco Eugênio de Azevedo e de Sara Lemos Azevedo. Começou seus estudos no Colégio Anchieta, em Nova Friburgo. Estudou letras clássicas e diplomou-se pela Faculdade de Direito de São Paulo. A partir daí dedicou-se ao magistério, transformando-se em um dos ícones do movimento Escola Nova, participando ativamente da construção da universidade brasileira.

Fernando de Azevedo exerceu funções públicas ligadas à área da educação e sempre buscando a qualidade do ensino no Brasil. No ano de 1926, ele foi diretor-geral da Instrução Pública do Rio de Janeiro. No período de 1927 a 1930, participou das reformas da educação brasileira e, em 1930, integrou a equipe responsável pela criação do Ministério da Educação. O envolvimento dele com a educação o levou a ser um dos principais redatores do “Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova”, lançado em 1932. O manifesto, além de estabelecer diretrizes para a área, tinha como princípio que a educação era um direito do cidadão e um dever do Estado.¹⁷

Ele foi responsável pela organização da Biblioteca Pedagógica Brasileira, vinculada à Companhia Editora Nacional, dirigindo-a por mais de 15 anos. Em 1967, Fernando de Azevedo foi eleito para a Academia Brasileira de Letras, ocupando a cadeira de nº 14. Em função de suas atividades como educador e escritor lhe foram outorgados algumas premiações, tais como: Prêmio Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras, em 1944; Cruz de Oficial da Legião de Honra, da França, em 1947; Prêmio de Educação Visconde de Porto Seguro, de São Paulo, em 1964; e o Prêmio de Ciências Sociais, do Moinho Santista, em 1971.

¹⁷ FRAZÃO, Dilva. *Biografia de Fernando de Azevedo*. Disponível em: https://www.ebiografia.com/fernando_de_azevedo/ Última atualização em 14/4/2021. Acesso em 4/11/2021.

A professora Dilva Frazão fez um levantamento pormenorizado das principais atuações dele que apresentamos abaixo de maneira resumida:

Em 1933, assumiu a direção da Instrução Pública do Estado de São Paulo. [...] Foi membro da comissão organizadora da Universidade de São Paulo, onde ingressou como professor em 1934. [...] Quando a USP foi fundada, Fernando de Azevedo criou o Instituto de Educação, localizado na Praça da República, como uma de suas unidades e, pela primeira vez no Brasil, passou a existir um ensino de formação de professores a nível universitário.

Em 1938 passou a dirigir o Instituto de Educação. [...] Em 1941 ocupou a cadeira de sociologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras na Universidade de São Paulo. Em 1942 assumiu a direção da faculdade. Em 1947 foi nomeado Secretário de Educação e Cultura do Estado de São Paulo. Foi também presidente da Sociedade Brasileira de Sociologia e presidente da Associação Brasileira de Escritores (seção de São Paulo). Durante vários anos escreveu para o jornal O Estado de São Paulo.

Em 1950, Fernando de Azevedo foi eleito, no Congresso Mundial de Zurich, para vice-presidente da International Sociological Association. Em 1961 concebeu a primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação e em 1968 promoveu uma ampla Reforma Universitária.¹⁸

Ao longo de sua trajetória, Fernando de Azevedo publicou inúmeros artigos na imprensa diária, capítulos de livros, ensaios e livros individuais, dos quais destacam-se: *Novos Caminhos e Novos Fins* (1922); *Princípios de Sociologia* (1935); *A Educação e Seus Problemas* (1937); *Sociologia Educacional* (1940); *A Cultura Brasileira, Introdução ao Estudo da Cultura no Brasil* (1943); *As Universidades no Mundo do Futuro* (1947); *Canaviais e Engenhos na Vida*

¹⁸ FRAZÃO, Dilva. *Biografia de Fernando de Azevedo*. Disponível em: https://www.ebiografia.com/fernando_de_azevedo/ Última atualização em 14/4/2021. Acesso em 4/11/2021.

Política do Brasil (1948); *Um Trem Corre Para o Oeste* (1950); *Na Batalha do Humanismo* (1952); e *A Educação Entre Dois Mundos* (1958).



JORGE CALMON (1915-2006)

O JORNALISMO E O JORNALISTA¹⁹

O objetivo deste depoimento é acrescentar aspectos sobre como Jorge Calmon via e pensava o jornalismo e o jornalista, que não tenham sido contemplados no livro *Jorge Calmon, o jornalista*, organizado pelo professor Edivaldo Boaventura e que o IGHB lança hoje [26/10/2009]. Assim, apresento aqui uma visão geral de seus ensinamentos sobre o que é ser jornalista e o que é o jornalismo.

Em seu discurso de posse na Academia de Letras da Bahia, em julho de 1965, Jorge Calmon definiu o jornalista como sendo o depositário do contrato feito pela sociedade com uma instituição particular – a imprensa – para que proteja o interesse público, fiscalize os governos, denuncie os abusos, clame contra as violências, ampare as liberdades, advogue pelos desprotegidos, zele pelo Direito, propugne pelo progresso, pela prosperidade coletiva para a construção pacífica e harmoniosa do futuro (CALMON, 1970).

Com plena consciência da dimensão dessa definição, Jorge Calmon gostava de ser identificado como jornalista, porque sempre foi homem de jornal. Não hesitava em afirmar: “Jornalista tenho sido, mais que qualquer outra coisa, no terreno das letras”. Gostava de transformar suas ideias, opiniões, fatos e histórias em sinais gráficos,

¹⁹ Texto perfil-profissional-depoimento apresentado durante mesa-redonda sobre Jorge Calmon promovida pelo Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (IGHB), realizada no salão nobre no dia 26 de outubro de 2009. Jorge Calmon trabalhou no jornal *A Tarde* de 1934 a 1996. Ele nasceu em 7 de julho de 1915 e faleceu em 18 de dezembro de 2006.

publicar em letra de forma. Como também gostava de ver publicado no jornal que dirigia, o jornal A Tarde, criado em 1912 por Ernesto Simões Filho, textos bem escritos, notícias bem apuradas, verdadeiras e dentro dos princípios éticos.

O ato e a prática de escrever, diariamente, como hábito e dever, além de ler bons autores, era o que aconselhava, principalmente aos principiantes, como o meio mais eficaz para melhorar a qualidade do texto e ingressar na arte de bem dizer. Para ele, a primeira regra para dominar a “arte de bem dizer” é ter perfeito conhecimento da gramática, escrever com naturalidade e simplicidade:

se na prosa literária o emprego de palavras não-usuais é desaconselhável, na linguagem jornalística isso se torna uma aberração, pois o texto da notícia, ou do comentário, há de ser despojado, a modo do falar coloquial. O leitor de jornal não deve precisar de dicionário. [...] Sem prejuízo dos elementos essenciais da notícia, o jornalista deve ter a liberdade de escrevê-la conforme entenda que há de chegar ao leitor. Para gozar dessa liberdade, ele precisa adquirir autonomia de texto, vale dizer que seja capaz de produzir texto definitivo, dispensado de revisão e correção (CALMON, 1999).

Visto sob este ângulo, ele acreditava que um jornalista só obteria sucesso na profissão quando tivesse conquistado plena autonomia de texto. Cometer erros elementares na redação de qualquer texto jornalístico era considerado como “consequência de desleixo, inapetência, falta de autoestima”. Só depois da almejada autonomia de texto, o jornalista poderia se aventurar em outros gêneros jornalísticos que não apenas o informativo. Para Jorge Calmon, o gênero opinativo “é o mais importante e, ao mesmo tempo, o mais delicado da ética da comunicação”, porque é o espaço no qual o jornalista pode exercitar um dos papéis mais elevados do jornalismo, no qual ele passa a ser o “porta-voz de sua comunidade, para comentar os grandes fatos correntes, emitindo seu ponto de vista, que há de coincidir com o pensamento... [de seus] leitores”.

As quatro funções sociais básicas do jornalismo são: educar, informar, fiscalizar e entreter. Para bem desempenhar essas funções, portanto, a ética é imprescindível. Jorge Calmon tinha consciência disso e alertava:

[...] quando o jornalista se apresenta como fiscal da gestão de assuntos públicos [...], quando denuncia ou censura, não pode ter rabo-de-palha, encontrar-se exposto a justificado descrédito. Nem deve esperar, de parte da coletividade, retribuição, sob qualquer forma, pelo seu trabalho de saneamento da vida pública. Por mais útil que seja à sociedade, o jornalista dificilmente será estimado. Esta é, todavia, uma regra que comporta exceções (CALMON, 1999).

Neste ano de 2009, o jornalismo sofreu um retrocesso a partir do momento em que a o Supremo Tribunal Federal (STF) decidiu acabar com a obrigatoriedade do diploma de nível superior para o exercício jornalístico, desconsiderando o quanto a formação superior e a existência dos cursos de jornalismo contribuíram para o avanço e a melhoria dos conteúdos de nossa imprensa e para a valorização dos princípios éticos. Jorge Calmon, que sempre acompanhou de perto a questão, que vinha se arrastando desde que surgiu o primeiro curso universitário de Jornalismo no Brasil, foi um dos responsáveis pela implantação, em 1949, do primeiro curso de Jornalismo na Bahia, no qual começou a lecionar gratuitamente.

Sua conduta sempre foi intransigente na defesa da liberdade de imprensa e na manutenção dos cursos de Jornalismo. Como diretor-redator chefe do *A Tarde* só contratava profissional que fosse diplomado. Quando paraninfo da turma de Jornalismo de 1986, da UFBA, proferiu um discurso, intitulado “Oito razões (dentro muitas outras) para que exista Curso de Jornalismo”, republicado no livro *Apontamentos para história da imprensa na Bahia*, no ano de 2008.

Sintetizando as razões que favorecem o funcionamento dos cursos de jornalismo, Jorge Calmon enumerou:

a opção vocacional; a seleção dos mais aptos ao exercício da profissão; o preparo para o ofício; o conhecimento da ética do jornalismo; o estudo da legislação de imprensa; a formação universitária do comunicador; a profissionalização definitiva do jornalista; e, afinal, a estabilidade econômica da categoria.

Dentre essas razões, destaca-se “a conscientização da ética da imprensa”. Segundo Jorge Calmon, a ética é a parte mais nobre do jornalismo:

Comunicação desamparada de princípios morais passa a ser algo como uma agressão aos sentimentos da comunidade, na medida em que se torna um agente de corrupção de costumes e de inversões de valores. O paladar de uma comunicação dessa natureza não distingue, por exemplo, entre o crime e a ação útil, senão para alardear aquele em busca de ressonância no seio da massa. A comunicação corretamente orientada, pelo contrário, se não subtrai o registro do crime do fato negativo, já que seu dever é informar, todavia lhe retira o destaque gritante, privilegiando, em termos de espaço e de tempo, as notícias de real interesse público. E ela, a comunicação honesta, assim procede porque procura agir dentro da ética. Análogo será o seu comportamento perante inumeráveis situações outras. Porque a ética não alcança apenas o tratamento do fato que tem de ser levado ao conhecimento do público, envolve também as relações entre os veículos que trabalham na mesma área, bem como entre os comunicadores, uns para com os outros (CALMON, 2008).

Ao longo dos 32 anos em que trabalhei no jornal *A Tarde* pude desenvolver, com total apoio de doutor Jorge Calmon, vários produtos jornalísticos e perceber que ele gostava de inovações, mas tinha que acompanhar o desenvolvimento dos projetos de perto, fazendo elogios e sugestões críticas, por meio de seus bilhetinhos, sem jamais interferir diretamente na autonomia do editor. Quando queria a publicação de alguma matéria, elegantemente, solicitava, caso houvesse espaço que a mesma fosse publicada em tal página e em tal posição, com ou sem ilustração. Na verdade, seu pedido

era uma ordem e essa prática, ele a estendia a todos os setores do jornal, e seus pedidos eram sempre atendidos.

Doutor Jorge gostava também de ser consultado por seus editores. Assim, desenvolvíamos uma relação de confiança. Sabíamos até onde poderíamos ir sozinhos e, nas dúvidas, recorriamos a ele que daria sempre a orientação final. Essa prática criava um elo de confiança, de mão dupla, necessário para que os editores pudessem trabalhar em horários outros não coincidentes com o da jornada que ele dava no jornal. Quando desempenhei a função de editor de Cidade (editoria local), trabalhando à noite, ele sempre telefonava para saber as principais matérias do dia e quando, em várias oportunidades, fechei também a primeira página, ele combinava a manchete, muitas vezes, ditando-a, por telefone, com o número de caracteres exatos.

Recordo-me também de um fato, durante um período eleitoral, quando editava o suplemento *A Tarde Municípios*: ele entrou mansamente na redação (na época, nós mantínhamos uma redação separada só para o interior), cumprimentou a todos, elogiou o caderno, afirmando ser um dos melhores produtos que o jornal havia criado nos últimos anos, “uma ilha de excelência no jornalismo regional”. Depois, folheando o exemplar do dia, abriu a página dedicada à cobertura política dos candidatos majoritários no interior e comentou: “você está fazendo um belo trabalho. Um trabalho jornalístico democrático, dando o mesmo espaço a todos os candidatos...” e, apontando para a fotografia de um deles, deixou escapar, “mas este não vale o espaço que está recebendo” e, em seguida saiu rapidamente da sala, como quem deu o recado e não queria ouvir qualquer explicação ou contestação. Sobre o assunto nenhum outro comentário foi feito no sentido de coibir ou de censurar o trabalho que estávamos fazendo. Continuamos a dar o mesmo espaço a todos. O curioso é que pouco tempo depois as normas de divulgação eleitoral do TRE passaram a “orientar” o jornalismo impresso no sentido de dar oportunidades iguais (o mesmo espaço) a todos os candidatos.

O elogio ao trabalho executado nos colocava em evidência, mas também servia para que fossemos envolvidos em novos projetos que ele criava, tais como as várias campanhas que desenvolveu. Lembro de ter coordenado, sob sua orientação direta, algumas campanhas como a da recuperação da BR-101 (trecho no sul da Bahia) e algumas mesas-redondas, como a da lavoura cacaueteira, da habitação e da fome, que resultaram em cadernos especiais com a participação das mais altas autoridades do estado, em busca de encontrar soluções para os problemas sociais e econômicos da Bahia.

Em síntese, posso dizer que Jorge Calmon fazia de tudo para que o jornal que ele dirigia, o jornal *A Tarde*, praticasse um jornalismo de acordo com os padrões da boa comunicação. E assim buscávamos seguir suas orientações no sentido de fazer um jornalismo comprometido com a verdade, que informava com exatidão, sem nada esconder. Para ele, o bom jornalismo/jornalista sabe desprezar as seduções oferecidas pela própria influência, para manter-se fiel à sua missão. O bom jornalismo é aquele desvinculado de intimidade com o poder e com grupos de qualquer natureza. Dr. Jorge dizia também que o bom jornalismo assume, sem vacilações, o papel que a sociedade lhe confere, de fiscal dos assuntos públicos.

Jorge Calmon, apesar de ser diplomado em Direito, foi um homem que dedicou toda a sua vida ao jornalismo, tendo trabalhado por mais de 60 anos no jornal *A Tarde*. Nos últimos anos, de certa forma, vinha sistematizando o seu pensamento sobre o que é ser jornalista e sobre o jornalismo por meio de entrevistas concedidas, artigos e discursos pronunciados. A seguir alguns pensamentos dele:

- O jornalista é, realmente, a testemunha da história. Especialmente quando ele tem a obrigação de dirigir ou coordenar a cobertura dos fatos.
- Para ser digno da singular posição a ele reservada na sociedade democrática, o jornalista tem de acreditar, firme e sinceramente, nessa abstração que se chama interesse

público. E, porque nele acredita, tem de defendê-lo com intrepidez e veemência.

- O bom jornalista deve saber escrever e ter agressividade. O desanimado e burocrata, que espera pelo fato, este não é jornalista. Só considero mesmo jornalista aquele que tem o calor, o interesse pela notícia.
- Acho que o jornalismo só tem beleza quando tem sentido social. O jornalista deve ser um combatente do interesse coletivo, e não um carreirista.
- A credibilidade se constrói vagarosamente e se destrói por muito pouco. Se o jornal escorregar, se sair do sério, se virar instrumento de negociata, o leitor percebe.
- À imprensa cabe a informação minuciosa com a interpretação e o comentário que a televisão não pode fazer.
- Dizer que não há nenhuma censura em jornal seria faltar com a verdade. Existe uma censura moral, como existe na consciência de cada um de nós. Não praticamos determinadas coisas porque refletimos e vemos que não podem ser praticadas. Assim também é no jornalismo.
- Uma coisa essencial é a ética do jornalismo. Quando deixar de exercer função social, o jornalismo se enquadrará em qualquer outra atividade, será um balcão de negócios, uma banca de engraxate, uma loja.

Para complementar e dar uma ideia geral de como ele se comportava perante um texto, transcrevo, a seguir, parte do prefácio que ele escreveu, em 1990, para um livro de minha autoria, no qual ele revela o hábito que tinha de corrigir tudo o que lhe caía às mãos, escrito com a elegância de quem sabe a força de cada palavra:

Começo este prefácio falando de mim mesmo, em vez de começar falando sobre o autor e seu trabalho. No entanto, não vou propriamente falar de mim – o que não teria o mínimo cabimento – mas de um costume que tenho contraído por

força do hábito na rotina do jornal, qual seja o de acompanhar de pequenas corrigendas, feitas a lápis, a leitura de certos textos que me dão a conhecer. Claro que as observações feitas assim não têm sentido compulsório; o dono do trabalho fica com inteira liberdade para aceitá-las ou não; sendo colocadas a lápis, basta um leve esfregão de borracha para sumirem do papel, retornando a página à limpeza primitiva, e talvez, em troca de limpeza, devolvidos os equívocos que o censor amigo procurou suprimir.

Em alguns casos, esse costume, bem-intencionado, mas impertinente, reconheço, leva-me a invadir o pensamento do autor do texto, propondo linguagem diferente para a ideia que ele quis expressar, a fim de melhor situá-lo perante o futuro leitor. Pois foi isso o que aconteceu quando me pus a ler este trabalho de Sérgio Mattos.

Vejam o que sucede quando se age precipitadamente, como agi. É que não gostara, a princípio, da maneira como ele se refere ao seu próprio trabalho, tendo-me parecido que se antecipava, com o autoelogio, ao julgamento que terceiros viessem a fazer. Na apresentação do trabalho diz ele que “nada melhor para registrar “(o 40º aniversário da televisão brasileira) “do que a publicação de um livro como este”. Sugerir a alteração da frase, para diminuir a importância que ele atribuía ao livro. Entretanto, ao terminar a leitura dos originais, voltei à primeira página e apaguei a observação escrita a lápis, porquanto o que poderia ser tomado como imodéstia não é senão a justa consciência do valor de um trabalho feito com grande esforço, trabalho que representa uma contribuição notável para o estudo da televisão em nosso país, sendo um balanço, enxuto e equilibrado, da ação desse veículo no decurso dos seus quarenta anos de existência entre nós, assim como uma fonte preciosa de informações e de orientação para os estudiosos. Emendei a mão, portanto. O livro de Sérgio efetivamente “resgata a trajetória da televisão. Registrando-se as influências socioculturais e políticas que interferiram direta e indiretamente no seu processo de desenvolvimento [...]. (CALMON, 1990).

Dr. Jorge Calmon era um verdadeiro cavalheiro, sereno, sincero e fiel aos seus princípios. Um homem sem medos que procurava manter uma conduta simples e impecável, que sabia se expressar até com o olhar, mas gostava mesmo era de mandar bilhetinhos para todos os seus subordinados. Era também muito econômico nos elogios e gostava de escolher o que devíamos exercer dentro e fora do jornal. Quando determinava o que devíamos fazer, ele simplesmente comunicava à pessoa o que ela iria exercer e quando havia uma recusa, imediatamente reagia dizendo: “ou você indica uma pessoa com o mesmo nível para assumir ou você mesmo é quem vai fazer”. E quanto a isto era irredutível, principalmente se o indicado não aceitasse o que havia sido determinado.

Recordo-me de uma situação, quando como editor de suplementos, editava também o *Jornal de Utilidades*, eu dedicava minhas manhãs ao jornal e ensinava na Faculdade de Comunicação da UFBA nos turnos vespertino e noturno. Foi nessa época, em meados dos 1970, que ele resolveu que eu tinha que assumir a Editoria Política do jornal, querendo me transferir para o turno noturno. Diante de minha impossibilidade, fiquei com a incumbência de indicar uma pessoa. Na época, o jornalista Samuel Celestino, com quem trabalhei na cobertura jornalística da política local, ele então no *Jornal da Bahia* e eu na *Tribuna da Bahia*, estava fora de jornal. Indiquei, então, seu nome a Dr. Jorge, reforçando que era um profissional competente e experiente na área. Seu nome foi aceito e Samuel Celestino²⁰ foi então convidado, tendo aceitado o convite e permanece até os dias de hoje [outubro de 2009] no jornal, além de ter sido indicado por Jorge Calmon para a presidência da Associação Bahiana de Imprensa (ABI).

Em outra oportunidade, quando já estava como editor dos suplementos *A Tarde Municípios* e do *A Tarde Rural*, Dr. Jorge queria que

²⁰ Samuel Celestino da Silva Filho foi presidente da Associação Bahiana de Imprensa (ABI) por 25 anos, durante o período de 10 de setembro de 1986 a 13 de julho de 2011.

eu assumisse também a editoria do suplemento *A Tarde Cultural*, pois o editor tinha se afastado do jornal. Expliquei que não tinha condições de assumir mais um caderno, ainda mais um produto completamente diferente dos que produziâmos. Até aí ele aceitou, mas inconformado e me chamando, ironicamente, de vice-rei da Bahia, porque nossos produtos circulavam e tinham muito prestígio em todos os 417 municípios da Bahia, foi taxativo: “tudo bem. Ou você indica uma pessoa, ou vai ter que se virar com sua equipe”.

Foi aí que novamente consegui indicar uma pessoa de nível e ele aceitou. Indiquei o nome do professor Florisvaldo Mattos, que tinha deixado o *Jornal do Brasil* e estava apenas ensinando na Faculdade de Comunicação. Dr. Jorge gostou da indicação, por ele ser jornalista, professor e poeta, e então me incumbiu de contatar com Florisvaldo para saber se ele tinha interesse e disponibilidade. Consultado, manifestou-se interesse. Marquei o dia do encontro e o professor foi convidado pessoalmente por Jorge Calmon. Florisvaldo Mattos realizou um excelente trabalho à frente do *A Tarde Cultural* e, em consequência, recebeu alguns prêmios nacionais e hoje [2009] está exercendo a função de editor chefe de *A Tarde*.²¹

Dr. Jorge Calmon sempre que desejava imprimir alguma mudança no jornal me procurava e, possivelmente, também a outros profissionais que gozavam de sua confiança. Talvez porque eu fosse o único profissional da empresa que detinha o título de PhD em Comunicação, obtido em universidade norte-americana, ele sempre estava a me consultar, querendo ouvir e saber minha opinião sobre isto e mais aquilo, mas nem sempre aceitou minhas ideias, pois quando já tinha decidido alguma coisa, dificilmente voltava atrás. Era um homem que tinha objetivos e tudo que concebia tinha que ser iniciado e concluído.

²¹ O poeta e jornalista Florisvaldo Mattos foi editor do Caderno Cultural do jornal *A Tarde* no período de 1990 a 2004 e exerceu a função de redator chefe no período de 2004 a fevereiro de 2011, quando foi substituído pelo jornalista Ricardo Mendes.

Em síntese, ele sabia prestigiar, colocar sua equipe em evidência e, ao mesmo tempo, exigir de seus editores a realização de algum trabalho extra ao jornal. Muitas vezes fui indicado para realizar palestras em nome do jornal ou para representar Dr. Jorge Calmon, dona Regina Simões de Melo Leitão (presidente do jornal) e ou Dr. Renato Simões (superintendente do jornal) nas mais variadas solenidades, seminários e encontros, inclusive um, realizado em Vitória do Espírito Santo, promovido pelo jornal *A Gazeta*, de Carlos Lindemberg, no qual foi plantada a semente que deu origem a Associação Nacional dos Jornais (ANJ).

É por tudo isso que posso dizer que ter trabalhado no jornal *A Tarde*, sob a liderança de Dr. Jorge Calmon, foi uma grande honra e uma experiência de vida fantástica.

O PONTO DE REFERÊNCIA²²

No ano de 2005, Jorge Calmon completaria 90 anos de idade, dos quais mais de 60 anos dedicados ao jornalismo diário, trabalhando no jornal *A Tarde*. Inúmeros eventos aconteceram durante todo o ano para comemorar a data. A revista *NEON* antecipou-se a essas comemorações, dedicando sua capa ao decano dos jornalistas baianos, edição que circulou em dezembro de 2004.

Desde o momento em que decidi dedicar a capa da revista *NEON* ao jornalista Jorge Calmon – o Dr. Jorge, como todos o chamavam na redação do jornal *A Tarde* –, assumi a responsabilidade de esboçar este perfil da figura do Jornalista Maior que ele era. Várias pessoas já haviam destacado suas inúmeras qualidades. Repeti-las, acrescentando outras seria fácil. Difícil seria encontrar outras qualidades que não tivessem sido ainda lembradas ou registradas.

Partindo dessa constatação, optei por dar um testemunho objetivo, conciso e preciso. Um relato sobre este profissional que

²² Texto perfil-depoimento, entrevista e dados biográficos publicados originalmente na revista *Neon*, dez./2004, assinados por Sérgio Mattos.

merece, mas que relutava em aceitar homenagens e elogios, pois os considerava exagerados. Na verdade, todas as homenagens que lhe foram prestadas em vida estão aquém das que ele realmente merecia, principalmente por sua atuação não apenas como jornalista, mas como homem comprometido com a cultura e a preservação das entidades culturais da Bahia.

Quem não teve o privilégio de conviver no dia a dia de uma redação, sob o comando desse profissional da imprensa, não pode imaginar que por traz de sua figura tranquila – a imagem clássica de um verdadeiro *gentleman* – existia um jornalista cheio de energia, possuidor de uma força de vontade capaz de mover montanhas para defender os interesses da Bahia.

Esta é uma qualidade, entre outras, que gostaria de destacar, pois a imagem do jornalista Jorge Calmon se confunde com a imagem do cidadão consciente, do homem público que sempre soube exercer o seu ofício em benefício da comunidade. Além de mestre do jornalismo, emérito professor universitário e historiador, com vários livros publicados, ele se projetou como uma das personalidades mais marcantes da Bahia e que era frequentemente consultado por dirigentes de várias entidades baianas.

Consciente das funções sociais que um jornal deve desempenhar junto à comunidade, com equilíbrio e senso de percepção, enquanto esteve à frente do jornal *A Tarde*, ele soube dar continuidade aos objetivos traçados por Simões filho, ajudando a transformar aquele jornal, durante o século passado, num porta-voz das minorias e injustiçados, defendendo, em campanhas memoráveis, os interesses da Bahia. Sob seu comando, o jornal de Simões Filho tinha a Cara da Bahia e quando queríamos saber o que acontecia na terra, bastava ler aquele veículo, que já foi considerado inclusive como sendo uma instituição baiana devido aos laços que mantinha com a cultura e as tradições locais, dando espaço a todas as manifestações culturais, políticas, religiosas, sociais e econômicas que aqui aconteciam. Graças à visão e preocupação de se praticar um jornalismo correto e honesto,

participativo e ético (conceitos transmitidos a toda a equipe que com ele trabalhou), aquele jornal, sob sua direção, interagia com credibilidade no contexto da comunidade no qual estava inserido.

Como escreveu Jorge Amado, o escritor maior da Bahia, “sem ser político, Jorge Calmon exerceu cargos políticos e administrativos com capacidade e zelo, sem falar na extrema integridade que caracterizou sua atuação. Dedicou-se, sobretudo, a apoiar e incentivar organizações culturais do quilate da Academia de Letras da Bahia e da Associação Bahiana de Imprensa, centros definitivos e indispensáveis da cultura de um Estado”.

Doutor Jorge foi o responsável direto por inúmeras campanhas vitoriosas realizadas pelo jornal *A Tarde*, haja vista a campanha contra a Divisão Territorial da Bahia, entre muitas outras. Graças à sua determinação e seu amor pela terra e pela cultura baiana, o mapa da Bahia continua o mesmo e muitas instituições culturais, como a Academia de Letras da Bahia (ALB), a Associação Bahiana de Imprensa (ABI) e o Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (IGHB), para citar apenas algumas, foram beneficiados, direta e indiretamente, por sua atuação e influência no sentido de restaurar, preservar e modernizar suas respectivas sedes.

Sua atuação na condução da linha editorial do jornal, por mais de 60 anos, contribuiu diretamente para o sucesso que *A Tarde* conseguiu angariar no século passado. A atuação firme do então diretor-redator-chefe se destaca também como um marco referencial para o jornalismo baiano. Jorge Calmon passou a ser o ponto de referência do sucesso alcançado pelo jornal fundado por Simões Filho.

Dr. Jorge soube assimilar o dinamismo, a sagacidade e o espírito determinado de Simões Filho. E exatamente por isso, historicamente, ele também se constitui num referencial para qualquer jornalista e deve ser objeto de estudo de monografias e teses, nas Faculdades de Jornalismo e cursos de pós-graduação em comunicação, cujos autores queiram entender e registrar sua participação e influência na história do jornalismo da Bahia.

Conviver com ele e trabalhar sob seu comando foi um privilégio e uma certeza de que aprendíamos algo de novo todos os dias. Suas observações, críticas ou elogiosas, sempre foram pertinentes e equilibradas. Como diretor-redator-chefe, ele soube ser duro e condescendente. Soube ser justo e exigente. Soube também valorizar o empenho e a dedicação dos colegas e nunca deixou de estimular os jovens, abrindo-lhes oportunidades, desde que possuíssem dinamismo, garra e agressividade – atributos que ele considerava natos de um bom jornalista e com os quais ele mesmo se identificava.

OPINIÕES DE JORGE CALMON — ENTREVISTA

Jorge Calmon nasceu em 7 de julho de 1915 e faleceu em 18 de dezembro de 2006. Ele trabalhou no jornal *A Tarde* no período de 1934 a 1995. Iniciou sua carreira jornalística como repórter de assuntos gerais em 1935. Cinco anos depois foi nomeado secretário de redação e, em 1949, redator-chefe. Em 1979, passou a exercer a função de diretor-redator-chefe, cargo que exerceu até deixar o jornal em 1995, após 60 anos de trabalhos ininterruptos na mesma empresa. Ao longo de sua vida profissional, o professor e jornalista Jorge Calmon sempre emitiu suas opiniões em artigos, entrevistas, discursos e palestras sobre o jornalismo e diversos outros assuntos. A seguir algumas de suas opiniões sobre o jornalismo em entrevistas concedidas e que foram publicadas na edição da revista *NEON* de dezembro de 2004:

Quais suas primeiras funções no jornalismo?

Jorge Calmon – Comecei a trabalhar gratuitamente (como estagiário, em meados de 1934) como auxiliar de arquivo, recortando fotografias e fazendo reportagens eventuais. Fui admitido em 1º de fevereiro de 1935. Eu não fui repórter de grandes reportagens, mas adquiri boa experiência nos primeiros anos.

Quais foram os seus mestres no jornalismo?

JC – Entre os mestres, invoco naturalmente ao primeiro plano a figura tutelar de Ernesto Simões Filho que me abriu a porta de seu jornal e que, a seguir, me deu a mão para que eu pudesse galgar, degrau por degrau, os sucessivos patamares da carreira. Enquanto me permitiu observar, ao longo de 23 anos de relacionamento, o seu próprio desempenho como jornalista, um dos mais completos jornalistas que jamais houve neste país, sabendo da imprensa todos os segredos e possibilidades. Soube conhecer como poucos a indústria do jornal e as formas mais apropriadas de comunicação pela palavra impressa. Raros também o terão igualado na utilização do jornal como instrumento de influência junto ao povo, para orientá-lo de acordo com seus apelos e suas ideias. Foi um privilégio ter estado tanto tempo ao seu lado, aprendendo, verificando que ele sempre tinha razão quando reclamava ou corrigia, mas, sobretudo, buscando assimilar seus conceitos sobre os homens e sobre os assuntos públicos, conceitos derivados de uma sagaz experiência que, entretanto, de nenhum modo estiolava a pureza dos objetivos, seu espírito público, sua apaixonada baianidade.

E quais foram os outros mestres?

JC – Mestres, tive vários: Ranulfo Oliveira, que me ensinou, pelo comportamento e pelas opiniões, a preciosa lição do equilíbrio. Antonio Marques Pinto, modelo de discrição e companheirismo. Aloysio de Carvalho, pai, de quem recolhi conselhos sobre a arte de escrever, e que me habituou a recorrer ao dicionário para dirimir dúvidas. Florêncio Santos, corrigindo os meus primeiros originais e mostrando como titular matérias. Aristóteles Gomes, o irreverente e honesto Aristóteles, exemplar na capacidade de trabalho, e, dentre os de gerações mais recentes, ressuscitando-lhe a presença, Heron de Alencar, jornalista nato, que, certa feita,

solidariamente, preparou comigo, a quatro mãos, um editorial a ser impresso com urgência.

Quais os requisitos exigidos para que o trabalho na imprensa alcance seus elevados objetivos?

JC – Para ser digno da singular posição a ele reservada na sociedade democrática, o jornalista tem de acreditar, firme e sinceramente, nessa abstração que se chama interesse público. E, porque nele acredita, tem de defendê-lo com intrepidez e veemência.

Quais os pré-requisitos do bom jornalista?

JC – O bom jornalista deve saber escrever e ter agressividade. O desanimado e burocrata, que espera pelo fato, este não é um jornalista. Só considero mesmo jornalista aquele que tem o calor, o interesse pela notícia. O espírito público é outra característica fundamental ao jornalista. Acho que a profissão só tem beleza quando tem sentido social. O jornalista deve ser um combatente do interesse coletivo, e não um carreirista.

Como se constrói a credibilidade do jornalista e de um jornal?

Jorge Calmon – A credibilidade se constrói vagarosamente e se destrói por muito pouco. Se o jornal escorregar, se sair do sério, se virar instrumento de negociata, o leitor percebe.

O que mudou na prática jornalística ao longo do tempo?

JC – Quando me iniciei no jornalismo e nos primeiros anos em que o exerci, pude observar vários casos e modalidades de aproveitamento da condição ou do trabalho do jornalista para fins nada recomendáveis. Naquele tempo, havia jornalistas que eram meros passageiros da profissão, sempre à espera de nomeação para uma sinecura, quando não de um mandato político, havendo também os vencidos na vida, acomodados com o magro salário

pago pelo jornal, a que somavam o ordenado de um empreguinho em repartição pública. Esse quadro mudou muito, para melhor. Hoje, o jornalismo é uma atividade cuja remuneração, mesmo fora dos grandes centros, caminha para a suficiência, não devendo estar longe o dia em que o profissional da imprensa possa viver e sustentar família, em nível decente, com a contrapartida pecuniária do seu trabalho, deixando, assim, de necessitar de outras fontes de renda, e adquirindo, por isso mesmo, plena independência. Ora, é inegável que, para isso, quer dizer, para a autonomia e dignidade da profissão, contribuiu, decisivamente, a habilitação universitária do jornalista, complementada e protegida pelas garantias legais que atualmente cercam o trabalho na imprensa. Naquela época [quando se iniciou], o estilo jornalístico diferia do de hoje, dava-se certo teor literário aos textos no jornal. Hoje, o jornalismo é mais objetivo, investigativo e voltado para os fatos.

E a imprensa propriamente dita mudou ao longo dos anos em que o senhor exerceu o jornalismo diário?

JC – Eu diria que a imprensa mudou muito neste período, inclusive com o advento dos outros meios de comunicação de massa. O rádio e depois a televisão vieram de certo modo como concorrentes, mas a imprensa tem sua faixa própria. A princípio, julgava-se que o rádio poderia prejudicá-la no alcance e influência, o que não aconteceu porque muita coisa não pode ser veiculada no rádio. A televisão também, quando se popularizou, julgou-se que afetaria o jornalismo impresso, porém a televisão tem sua mensagem própria e peculiar, caracterizando-se mais como divertimento, sendo que, na informação, seu desempenho é relativo. À imprensa cabe a informação minuciosa com a interpretação e o comentário que a televisão não pode fazer. No que diz respeito à imprensa baiana, embora tenha sofrido com a concorrência desses outros meios de massa, inclusive na parte publicitária, ela continua a ter influência.

E a censura no jornalismo?

JC – Você dizer que não há nenhuma censura em jornal seria faltar com a verdade. Existe uma censura moral, como existe na consciência de cada um de nós. Não praticamos determinadas coisas porque refletimos e vemos que não podem ser praticadas. Assim também é no jornalismo. Há várias coisas que o jornal não publica porque não quer assumir responsabilidade, ou porque fazem mal aos leitores certos fatos degradantes. Por outro lado, isso de jornal estar aberto a todas as opiniões, de certo modo, é justificado sob determinado ponto de vista, mas acontece que não há um jornal sem ideologia. Claro, poderíamos vender muito com notícias de polícia e fotos de mulher nua, mas este não era o padrão de jornalismo adotado em *A Tarde*.

Então, em alguns casos a censura é justificável?

JC – Não digo a censura, mas o pudor na liberação da notícia. Não por falta de coragem, mas por responsabilidade.

Que critérios então o senhor utilizava para decidir o que era ou não para ser publicado?

JC – O bom senso. O bom senso e o respeito às pessoas e sua imagem.

O senhor lembra de alguma situação em que ficou em dúvida na hora de decidir o que seria publicado ou não?

JC – Não, dúvida não. *A Tarde* deixou de publicar a partir do dia 4 de dezembro de 1968 todos os comentários editoriais por falta de liberdade de expressão. Essa foi a decisão mais delicada que eu tive que tomar.

O senhor teve algum arrependimento por algum veto ou por ter autorizado a publicação de alguma matéria?

JC – Pode ser. Mas o jornalista mais experiente dificilmente hesita, porque a sensibilidade reage logo. E é mais provável que eu tenha me arrependido de uma permissão do que de um veto.

O que é essencial para a prática do bom jornalismo?

JC – Uma coisa essencial é a ética do jornalismo. Quando deixar de exercer função social, o jornalismo se enquadrará em qualquer outra atividade, será um balcão, uma banca de engraxate, uma loja. Claro, o jornalismo deve estar aberto a opiniões amadurecidas, mas lutamos com limitação de espaço e a produção do jornal é cara.

Em sua opinião o que caracteriza o bom jornalismo?

JC – O jornalismo praticado conforme os padrões da boa comunicação. O jornalismo comprometido com a verdade. O jornalismo que informa com exatidão, sem nada esconder. O jornalismo que lealmente fornece ao leitor os elementos necessários a que ele forme a sua própria opinião. O jornalismo consciente de sua função educativa. O jornalismo que se abstém de emprestar sensação ao registro de fatos escabrosos, ainda sabendo que isso lhe renderia mais leitores e aumentaria a mídia publicitária. O jornalismo que despreza as seduções oferecidas pela sua própria influência, para manter-se fiel à sua missão. O jornalismo desvinculado de intimidades com o poder e com grupos de qualquer natureza. O jornalismo que assume, sem vacilações, o papel que a sociedade implicitamente lhe confere, de fiscal dos assuntos públicos. O jornalismo elevado à condição de intérprete do pensamento e dos reais interesses da coletividade. O jornalismo intransigentemente engajado na preservação da liberdade, da qual a imprensa retira o oxigênio vital.

Como decano do jornalismo baiano, o que o senhor acha que lhe faltou ao longo de 60 anos de prática jornalística?

JC – Na lenta viagem pela vida, o tempo é o sutil e implacável timoneiro, que, em dado momento nos surpreende mostrando a distância percorrida. Neste caso, no entanto, o tempo importa menos que a confortadora certeza interior de que não me abandonou o entusiasmo com que, ainda bem jovem, ingressei na profissão; e de que mantenho, intactos, os mesmos ideais. Se me falta, como bem reconheço, o fulgor intelectual característico dos grandes jornalistas (daqueles que sabem conduzir à expressão máxima as potencialidades da imprensa, daqueles que em si reúnem o gênio, a mensagem e a bravura, daqueles que só pela atitude ou pelo artigo eletrizam o ambiente social), sempre procurei, quanto possível, suprir essas qualidades com o modesto e pontual cumprimento do dever, todos os dias na minha mesa de trabalho, buscando contribuir para que a opinião do jornal fosse oportuna e sensata, e que a notícia fosse publicada tão imediata quanto veraz, avesso ao sensacionalismo, cioso da honra e dignidade alheias, mais amigo dos fracos do que dos poderosos, fiel, sinceramente fiel ao interesse público.

DADOS BIOGRÁFICOS

Jorge Calmon Moniz de Bittencourt era filho de Pedro Calmon Freire Bittencourt e de Maria Romana Moniz de Aragão Calmon de Bittencourt. Ele nasceu no bairro de Nazaré, em Salvador, no dia 7 de julho de 1915 e morreu em 18 de dezembro de 2006. Sua alfabetização ocorreu na escolinha mantida pela professora Laura Barbuda. Concluiu o segundo grau no Colégio Antônio Vieira, ingressando logo a seguir na Faculdade de Direito da UFBA, tendo se diplomado em 1937.

Em 1938, juntamente com Pinto de Aguiar, fundou a Editora Cruzeiro que foi responsável pela publicação de vários livros, hoje considerados clássicos, a exemplo de *O Rio São Francisco e a Chapada Diamantina*, de autoria de Teodoro Sampaio.

No ano de 1948, ele se casou com Leonor Calmon com quem teve seis filhos: Maria Romana, Maria Edith, Mário, Maria Virgínia, Maria Tereza e Jorge Calmon Filho.

Suas atividades profissionais estão distribuídas por quatro setores básicos: o jornalismo, o serviço público, o magistério e a política. Como reconhecimento nestas atividades ele também foi condecorado e recebeu vários títulos. A seguir suas principais atividades:

- **Jornalismo**

Na Faculdade de Direito participou da direção da Associação Universitária da Bahia, quando promoveu uma campanha pela construção da Casa do Estudante. Foi nessa época que ele desenvolveu sua primeira experiência jornalística, quando assumiu a direção e edição do jornalzinho da Associação. Observe-se que ele começou a estagiar no jornal *A Tarde* em 1934 e foi efetivado como repórter contratado no ano seguinte, mais precisamente no dia primeiro de fevereiro de 1935, com a função de cobrir os acontecimentos da cidade.

Como jornalista foi repórter, redator e secretário (1935), Redator-Chefe (1949) e Diretor-Redator Chefe (1971-1996). Foi presidente da Rádio Cultura da Bahia (1955); membro do Grupo de Trabalho nomeado pelo Presidente da República para estruturar a Agência Brasileira de Notícias (1961), membro da Comissão de Liberdade de Imprensa da Sociedade Interamericana de Imprensa e Presidente da Associação Bahiana de Imprensa (1970-1972).

- **Serviço Público**

Foi diretor da Biblioteca Pública do Estado (1938-1942), editando um boletim informativo mensal e duplicando, em sua gestão, o total de volumes à disposição do público. De 1955 a 1963 não exerceu cargos públicos, dedicando-se ao jornalismo e ao magistério, lecionando História das Américas na Faculdade de Filosofia da Universidade Federal da Bahia. Em 1963 foi nomeado

Secretário do Interior e Justiça, durante o Governo de Lomanto Junior, permanecendo no cargo até 1966. Foi Secretário da Justiça (1966-1967) e Ministro do Tribunal de Contas do Estado da Bahia (1967-1971). Em 1969 foi nomeado relator das Contas do Governador, apresentando na oportunidade um amplo estudo sobre a situação econômica e financeira do Estado no ano de 1968. Em 1979, reconhecendo a colaboração que o Conselheiro prestara com seus trabalhos, o Tribunal de Contas outorgou-lhe a Medalha do Mérito Ruy Barbosa.

- **Política**

De 1947 a 1955, Jorge Calmon foi eleito e reeleito deputado estadual, primeiro pela União Democrática Nacional e depois pelo Partido Libertador. Como deputado participou dos trabalhos da primeira Constituição do Estado da Bahia, contribuindo com o artigo constitucional que assegurou ao município de Salvador a sua Lei Orgânica. Pode-se destacar também como sua efetiva participação parlamentar a preparação do anteprojeto da Lei Orgânica do Município de Salvador, os estudos sobre o êxodo de baianos para São Paulo, sobre os preços do petróleo baiano, sobre as tarifas de água e a decadência das estradas de ferro. Destacam-se ainda seus pareceres técnicos sobre a reforma do Tribunal de Contas do Estado da Bahia e do Instituto de Cacau da Bahia.

- **Magistério**

Jorge Calmon iniciou suas atividades no magistério no ano de 1941, como professor de Português e História do Comércio na Escola Comercial Feminina da Bahia. Naquele mesmo ano, foi nomeado Professor Catedrático de História Americana da Faculdade de Filosofia da Bahia, atual Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia, da qual foi um dos professores fundadores, mantendo-se em atividade até julho de 1985, quando se aposentou. Na área do magistério superior, exerceu vários cargos

e funções, participando também de inúmeras comissões, dentre os quais foi chefe dos Departamentos de Jornalismo e de História, vice-diretor da Faculdade de Filosofia (1961-1964) e Presidente do Núcleo da Bahia da Associação Nacional dos Professores Universitários de História (1961-1962). Foi professor voluntário de Técnica de Jornal no Curso de Jornalismo da Faculdade de Filosofia da Universidade da Bahia (1956) e organizador, a convite do Reitor da Universidade, do segundo e atual Curso de Jornalismo e chefe do respectivo Departamento (1961).

- **Títulos**

Entre os inúmeros títulos que lhe foram concedidos, Jorge Calmon possui: Professor Emérito da Universidade Federal da Bahia; Membro Benfeitor e ex-presidente da Academia de Letras da Bahia; Sócio Benemérito e ex-presidente da Associação Bahiana de Imprensa; Membro da Academia Brasileira de História; Administrador do Ano (1984) outorgado pela Escola de Administração da UFBA; Cavaleiro da Ordem de Malta; além de outros títulos de destaque, Jorge Calmon é também Cidadão Honorário de Ilhéus, Itabuna, Juazeiro, Feira de Santana, Santo Amaro, Ubaitaba, Coaraci e Uauá.

- **Condecorações**

Entre as condecorações, destacam-se Ordem do Mérito da Bahia, no grau de Grande Oficial; Ordem do Mérito das Comunicações, Grande Oficial; Medalha Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras; Medalha do Mérito Jornalístico, da ABI-BA; Medalha Thomé de Souza, da Câmara Municipal de Salvador; Ordem do Mérito Judiciário do Trabalho, no grau de Oficial; Medalha do Mérito Ruy Barbosa, do Tribunal de Contas do Estado; Medalha Ana Néri, da Sociedade Brasileira de Educação e Integração, de São Paulo; Medalha do Mérito Castro Alves, da Secretaria de Educação do Estado da Bahia; Medalha do Pacificador, do Exército Brasileiro; Medalha do Mérito Tamandaré, da Marinha de Guerra, Medalha do

Mérito Marechal Argolo, Visconde de Itaparica, da Polícia Militar da Bahia; Ordem do Infante D. Henrique, de Portugal, no grau de Comendador, Comenda de Número de 1ª Ordem Del Mérito Civil, da Espanha; Comenda Del Mérito Civil da República do Chile.

REFERÊNCIAS

- CALMON, Jorge. Discurso de posse. *Revista da Academia de Letras da Bahia*. Salvador, n.21, p. 85-93. 1962-1970.
- CALMON, Jorge. Jornalista e escritor. Depoimento no programa do Instituto de Letras da UFBA e da Fundação Casa Jorge Amado intitulado “*Com a Palavra o Escritor*”. Salvador: 28 jul. 1999.
- CALMON, Jorge. Oito Razões (dentre muitas outras) para que exista Curso de Jornalismo. In: TAVARES, Luis Guilherme Pontes (org.). *Apontamentos para a história da imprensa na Bahia*. Salvador: Academia de Letras da Bahia, 2. ed., p. 199-211.
- CALMON, Jorge. Este livro e seu autor (prefácio). In: MATTOS, Sérgio. *Um Perfil da TV Brasileira: 40 anos de história: 1950-1990*. Salvador: Associação Brasileira de Agências de Propaganda/Capítulo Bahia; A Tarde, 1990, p.9-11.
- MATTOS, Sérgio. Jorge Calmon, o ponto de referência. *Neon*, Salvador, n.47, dez. 2004, p.3-9.
- MATTOS, Sérgio. *Relicário comunicacional e literário*. Salvador: Contexto & Arte editorial, 2008.
- TAVARES, Luis Guilherme Pontes (org.). *Apontamentos para a história da imprensa na Bahia*. Salvador: Academia de Letras da Bahia, 2008;

ROBERTO MARINHO (1904-2003)

UMA TRAJETÓRIA DE SUCESSO²³

Admirado e invejado, odiado e temido. Frio, parcial, imprevisível e maquiavélico. Pragmático, ousado e, ao mesmo tempo, cauteloso. Determinado, empreendedor e visionário. Competidor e esportista. Humanista, idealista e pluralista. Simples, direto e franco. Imperador humilde e ditador, o Stalin das Comunicações no Brasil. Falseador da verdade e manipulador dos fatos. Conservador na política e liberal na economia. Todos estes, entre outros termos, podem ser encontrados em textos jornalísticos ou acadêmicos e são utilizados nas conversações de políticos e cidadãos que procuram definir um único homem, um dos brasileiros mais influentes do século XX: o jornalista Roberto Marinho.

A estas opiniões contraditórias sobre ele, Roberto Marinho reagia parafraseando seu amigo Nelson Rodrigues, afirmando que “toda unanimidade é chata”. Sobre seu sucesso empresarial, costumava atribuir a muito trabalho, certa ousadia e alguma sorte, sem jamais deixar de investir e pensar no futuro. Pessoalmente não acreditava ser o homem mais influente do Brasil, mas admitia exercer influência, “o que faço sempre com vistas ao bem de meu país”.

Em outra ocasião, afirmou: “Não é verdade que eu exerça poder político hegemônico e menos ainda que o faça em caráter pessoal.

²³ Trabalho apresentado originalmente durante o seminário “Pioneirismo Empresarial no Brasil e a Construção do Século XXI”, realizado no dia 9 de outubro de 2007, na sala da Congregação da FEA/USP – São Paulo, organizado pelo professor doutor Jacques Marcovitch.

A orientação que imprimo aos veículos que me cabe dirigir visa estritamente à defesa do que julgo serem os reais interesses do país e dos caminhos a serem trilhados para que se possa alcançar o bem-estar do povo”.²⁴

O poder de Roberto Marinho era considerado tão grande que lhe atribuíam o comando de um governo paralelo que ditava o que a população devia pensar, como agir e como falar. Também era identificado como o magnata das comunicações, capaz de fazer e desfazer ministros. Por conta da indicação de Antonio Carlos Magalhães para o Ministério das Comunicações, Ulysses Guimarães teria anunciado seu rompimento com Tancredo Neves, do qual ouviu a seguinte afirmação: “Olha Ulysses, eu brigo com o Papa, eu brigo com a Igreja Católica, eu brigo com o PMDB, com todo mundo, eu só não brigo com o Doutor Roberto”.²⁵

Na visão de seus filhos, em entrevista concedida à revista *Isto É*²⁶, Roberto Marinho era um pai carinhoso, com grande senso de humor e capacidade de perdoar, mas que exigia respeito. Era um homem equilibrado, determinado, com vontade de aço e um grande competidor que nunca quis ficar sem concorrente e que se empenhava, esportivamente, em vencer seus adversários. “Não nos dava aulas nem roteiros. A experiência nos foi passada por horas e horas de conversas inesgotáveis em que cada palavra era incorporada ao nosso patrimônio profissional”.

Este capítulo aborda a atuação do jornalista Roberto Marinho, responsável pela implantação das Organizações Globo, buscando identificar e destacar ensinamentos deixados pela marcante trajetória deste empresário pioneiro. Este texto é fruto de um levantamento

²⁴ “Jornalista por escolha e por destino”. O Globo, 8/8/2003. Disponível em: < <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=3320&sid=463> >. Acesso em 25/09/2007.

²⁵ BIAL, Pedro. *Roberto Marinho*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2004: 315.

²⁶ “Não temos privilégios”. *Isto É*. Disponível em: www.terra.com.br/istoe/biblioteca/brasileiro/comunicacao/comunicacao01.htm acesso em 6/2/2005.

aleatório realizado em parte do que foi publicado sobre este empresário. Não se pretende aqui disfarçar fracassos e erros, fazer apologia ou transformar Roberto Marinho em um herói ou homem acima de qualquer suspeita. Como homem, ele tinha defeitos e qualidades. Foi um personagem polêmico como todos aqueles que obtiveram sucesso e poder. O objetivo é identificar, de maneira sucinta, alguns pontos positivos, como exemplos, que possam contribuir para aqueles que já estão no caminho ou pretendem realizar projetos profissionais ou empresariais no setor das comunicações. A história do império construído por Roberto Marinho (1904-2003) começou com o jornal *O Globo*, nome que passou a ser a marca registrada de todo o grupo cuja história se confunde com a própria história de vida de seu proprietário e vice-versa.

O INÍCIO DO IMPÉRIO

Tudo teve início com o lançamento do jornal *O Globo*, no dia 29 de julho de 1925, que surgiu como um veículo noticioso, em oposição ao jornalismo partidário praticado na época, tendo como objetivo maior ser o defensor das causas populares. Seu fundador, Irineu Marinho, morreu 21 dias após o lançamento do veículo, obrigando a família a contratar Eurycles de Mattos para comandar o jornal. Roberto Marinho, que tinha apenas 20 anos de idade, demonstrando humildade, não se sentiu suficientemente seguro para assumir o comando como era desejo de sua mãe. Durante seis anos, acompanhou o dia a dia do jornal, exercendo as funções de repórter, reescrevedor, secretário de redação adquirindo completo domínio sobre o fazer jornalístico. Quando Eurycles de Mattos morreu, no dia 5 de maio de 1931, ele assumiu, com 26 anos de idade, a direção de *O Globo* colocando em prática um estilo empresarial ousado, que resultou na construção de um império de comunicação que cresceu ininterruptamente.

Mantendo uma posição política e editorial cautelosa, *O Globo* apoiou o governo instituído pela Revolução de 30. “No período

que se seguiu à vitória da Revolução de outubro de 1930, o jornal manteve uma linha de acomodação com o governo. No final da década de 1930, o jornal empenhou-se na campanha eleitoral, com simpatia pelos candidatos da Aliança Liberal – Getúlio Vargas e João Pessoa”.²⁷ Durante a Segunda Guerra Mundial, O *Globo* era favorável ao rompimento da aliança com a Alemanha e tomou posição a favor do fim da ditadura de Getúlio Vargas.

O jornal era o carro-chefe, mas “o crescimento financeiro do grupo se deu por causa da edição de gibis, histórias em quadrinhos norte-americanos e de empreendimentos imobiliários”²⁸, durante as décadas de 1930 e 1940, o que lhe permitiu comprar transmissores e inaugurar sua primeira emissora, a Rádio Globo do Rio de Janeiro, no dia 2 de dezembro de 1944. Quando da solenidade de inauguração da emissora de rádio, Roberto Marinho, já demonstrando uma visão estratégica de mercado e procurando diversificar ainda mais seus empreendimentos, enfatizou que “esta não é só uma estação de rádio que estamos lançando. É uma nova forma que O *Globo* encontrou de servir ao país”.²⁹

Na época, Roberto Marinho teve que enfrentar a concorrência direta e brigar pela audiência com o dono do ramo no Brasil, Assis Chateaubriand, com quem haveria de ter outro confronto, na década de 1960, quando pretendeu e acabou ocupando novos espaços em uma área também dominada por Chatô, o da televisão. Na disputa com Chatô, saiu mais uma vez vencedor, obtendo maior audiência tanto na programação geral como no telejornalismo. O

²⁷ Academia Brasileira de Letras. *Roberto Marinho*. Disponível em www.academia.org.br. Acesso em 12 dez.2004.

²⁸ Roberto Marinho influiu durante sete décadas. *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 7 agos. 2003.

²⁹ “Globo has Brazil in its pocket”. *Variety*, 25/3/1987, p. 131. MATTOS, Sérgio, “As Organizações Globo na mídia impressa”. In: BRITTOS, Valério Cruz; BOLANO, César (orgs.). *Rede Globo: 40 Anos de poder e hegemonia*. São Paulo, Paulus 2005, p. 267-286. MATTOS, Sérgio. *História da Televisão Brasileira: Uma visão Econômica, Social e Política*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2002.

“Jornal Nacional” conseguiu em pouco tempo superar o prestígio do “Repórter Esso”, da TV Tupi, dos Diários Associados. Segundo o próprio Roberto Marinho, seus programas noticiosos passaram a ser, para os brasileiros, “uma nova maneira de ver o mundo”, por meio do padrão de qualidade da Rede Globo.

Quando o jornal *O Globo* completou 70 anos, Roberto Marinho escreveu um texto no qual reconhece que o grupo multimídia começou mesmo com a instalação da rádio:

Naquela época, início da década de 30, não se podia falar em Organizações Globo nem supor que viessem a existir. Essa história esperaria até 1944 para dar seu primeiro passo fora do âmbito da comunicação impressa, quando decidi fundar a Rádio Globo do Rio de Janeiro, num momento em que o rádio ganhava importância graças aos noticiários sobre a Segunda Guerra Mundial. Somente comecei a pensar em televisão em 1960 e resolvi colocar no ar a TV Globo do Rio de Janeiro, em 1965.³⁰

Na verdade, Pedro Bial, ao escrever a biografia de Roberto Marinho, conta uma história diferente. Ele afirma que Marinho “pensava como um consumidor, e isso o fez pensar em abrir um canal de TV já em 1950”. Relata que, por meio da Rádio Globo um pedido de concessão de uma transmissora de TV fora enviado ao presidente Eurico Gaspar Dutra, que acatou o pedido que foi revogado por Getúlio Vargas em 1953.³¹ A concessão só foi outorgada mesmo por Juscelino Kubitschek.³² Com a eleição de Vargas nos anos 50, *O Globo* lhe fez oposição a ponto de quando o presidente se suicidou, em agosto de 1954, durante a comoção popular duas

³⁰ MARINHO, Roberto. *Quem somos*. Disponível em <http://editoraglobo.globo.com> e www.infoglobo.com.br

³¹ MATTOS, Sérgio, “As Organizações Globo na mídia impressa”. In: BRITTOS, Valério Cruz; BOLAÑO, César (orgs.). *Rede Globo: 40 Anos de poder e hegemonia*. São Paulo: Paulus 2005. p. 267-286.

³² BIAL, Pedro. *Roberto Marinho*. Jorge Zahar Editor, 2004.

caminhonetes da Rádio Globo e dois caminhões do jornal O *Globo* foram incendiados.³³

O *Globo* fez oposição moderada a Juscelino Kubitschek de quem acabou recebendo a primeira concessão de um canal de TV no Rio de Janeiro, em 1957. Em 1961, Marinho apoiou Jânio Quadros e depois apoiou João Goulart, no início, e conspirou contra ele depois, apoiando o golpe de 1964. Mas foi Goulart quem lhe outorgou o segundo canal de TV, o de São Paulo. No dia 26 de abril de 1965, inaugurou a TV Globo do Rio de Janeiro, dando início a uma nova fase estrutural das Organizações Globo, beneficiando-se de suas relações com o regime militar e com todos os governos que se sucederam.³⁴

Sob o regime militar, Marinho deu um salto decisivo na expansão de seus negócios ao inaugurar em abril de 65, a TV Globo do Rio. Seu jornal estava entre os mais vendidos na cidade e a rádio era líder de audiência. A TV Globo se firmou rapidamente por três razões: um acordo financeiro e operacional com o grupo norte-americano Time-Life, a colaboração com o regime militar e o declínio das TVs Tupi e Excelsior.³⁵

Com uma maior receita e prestígio, a TV Globo passou, no início dos anos 1970 a ser o carro-chefe das Organizações Globo, administrando em 2022 cinco emissoras próprias, contando com 118 afiliadas. O grupo explora também TVs por assinatura, destacando-se aqui a Globo News, Canal Brasil, Canal Futura, entre outros canais. Integra ainda o grupo a Editora Globo, o Sistema Globo de Rádio, Globo Ventures e a Fundação Roberto Marinho e dezenas de títulos de revistas. Nem por isso o grupo deixou de investir na mídia

³³ Roberto Marinho influiu durante sete décadas. *Folha de S. Paulo*, 7 agos. 2003.

³⁴ MATTOS, Sérgio, "As Organizações Globo na mídia impressa". In: BRITTOS, Valério Cruz; BOLAÑO, César (orgs.). *Rede Globo: 40 Anos de poder e hegemonia*. São Paulo: Paulus 2005. p. 267-286

³⁵ Idem.

impresa. O grupo possui quatro jornais: O *Globo*, *Extra*, *Diário de S. Paulo* e *Valor Econômico*, além de jornais de bairro vendidos em banca e por assinatura.

Em 1995, Roberto Marinho escreveu sobre as Organizações Globo:

Em 1986, a então Rio Gráfica Editora incorporou a Editora Globo, de Porto Alegre. A partir daí, além das revistas, passou a editar livros e fascículos e assumiu o nome de Editora Globo. Com a reorganização pela qual passou em 1989, a Editora Globo evoluiu para se tornar a segunda maior do país. Hoje [1995], podemos falar das Organizações Globo com o orgulho de vê-las inclusas entre as maiores do mundo no campo da comunicação de massa. O jornal O Globo é o maior do país; a Rádio Globo transformou-se no Sistema Globo de Rádio enquanto a TV Globo do Rio de Janeiro foi o primeiro passo para que se formasse a Rede Globo de Televisão, hoje cobrindo todo o território brasileiro.³⁶

A partir da década de 1990, Roberto Marinho passou a cuidar pessoalmente de sua sucessão, dividindo com os filhos as responsabilidades na direção das Organizações Globo, embora continuasse no comando e se mantivesse informado sobre tudo. Em 1998, se afastou do comando do conglomerado que tem na rede Globo de Televisão a empresa mais importante do grupo que reúne quatro jornais, rádios, gráfica, gravadoras e canais de TV paga, Internet e editora de livros e revistas, semanais e mensais, direcionadas para segmentos específicos.

Quanto à política, Roberto Marinho era conservador. Quanto à economia, era um liberal de primeira linha. Seus veículos de comunicação sempre seguiram uma “posição política alinhada com seu pensamento e harmonizada com seus interesses. Não se deixou

³⁶ MARINHO, Roberto. *Quem Somos*. Disponível em <http://editoraglobo.globo.com> e www.infoglobo.com.br

dominar pelo mito confortável da imparcialidade na imprensa. Preferiu o risco de tomar partido, o que fazia de modo transparente”.³⁷

LIÇÕES DEIXADAS

Roberto Marinho, como nenhum outro brasileiro acumulou muito poder ao longo do século XX. Com uma fortuna pessoal avaliada em mais de US\$ 1 bilhão e um conglomerado empresarial com faturamento anual de US\$ 5,7 bilhões, ele constava, em 2003, da lista dos homens mais ricos do mundo elaborada pela revista *Forbes*.³⁸ Ao longo de sua vida, dedicada ao trabalho, encontrou tempo para a prática de esportes. Na juventude, praticou natação, boxe e o remo. Na idade madura, dedicou-se à pesca submarina e ao hipismo, além de casar-se três vezes: com Stela Marinho, a mãe de seus filhos, com Ruth Marinho e, em 1984, com Lily de Carvalho, com quem viveu até o final de sua vida. Ele nasceu no Estácio, um bairro de classe média baixa na Zona Norte do Rio de Janeiro, no dia 3 de dezembro de 1904 e morreu, aos 98 anos, no dia 6 de agosto de 2003. Filho do jornalista Irineu Marinho e de D. Francisca Pisani Marinho, foi eleito membro da Academia Brasileira de Letras em 22 de julho de 1993, tendo tomado posse a 19 de outubro do mesmo ano, passando a ocupar a cadeira de nº 39. Em 1992, Roberto Marinho publicou um livro intitulado *Uma Trajetória Liberal*, reunindo textos diversos, contendo experiências e testemunhos sobre Carlos Lacerda, Tancredo Neves e Luís Carlos Prestes.

Seu império foi herdado por seus três filhos: Roberto Irineu Marinho, que passou a ocupar a presidência das Organizações Globo; João Roberto Marinho e José Roberto Marinho permaneceram

³⁷ SOARES, Lucila. Memória: Interrompemos nossa programação”. *Veja*, 13 de agosto de 2003. Disponível em: < http://veja.abril.uol.com.br/130803/p_080.html >

³⁸ MATTOS, Sérgio, “As Organizações Globo na mídia impressa”. In: BRITTOS, Valério Cruz; BOLAÑO, César (orgs.). *Rede Globo: 40 Anos de poder e hegemonia*. São Paulo: Paulus 2005. p. 267-286.

como vice-presidentes de Relações Internacionais e Responsabilidade Social, respectivamente.

Quando da morte de Roberto Marinho, seus filhos divulgaram uma nota oficial, no dia 8 de agosto de 2003, concluindo a mesma com o firme propósito de dar continuidade a obra do pai: “Nosso compromisso, em conjunto com nossos companheiros de trabalho, é ampliar a obra de Roberto Marinho, voltada para informar, entreter e educar a população brasileira. Assim o fazemos pela importância em si desse objetivo para toda nossa sociedade, mas também porque, dessa forma, manteremos viva a sua presença”.³⁹

Numa entrevista concedida à revista *WSN – World Screen News*, Roberto Irineu Marinho, herdeiro e hoje presidente das Organizações Globo, enumerou três importantes lições, deixadas por seu pai, para a condução dos negócios, salientando que elas funcionam como um guia, fornecendo-lhe a certeza de que está no caminho certo. A primeira lição seria sempre acreditar no Brasil, pois foi acreditando no Brasil e nos brasileiros, ao longo dos últimos 80 anos, que o grupo das Organizações Globo foi construído. A segunda lição é procurar trabalhar sempre com os melhores e mais talentosos profissionais, independente de amizades, laços familiares e de divergências ideológicas. A terceira lição é manter a paixão pela comunicação que “nos motiva a construir um relacionamento com nossa audiência, pesquisar por inovações e manter a qualidade do produto final. Embora sejamos líderes do mercado, nós não estamos acomodados. Nós não consideramos que perseguir a qualidade e a inovação seja meramente uma despesa. Este é o caminho pelo qual geramos nosso lucro”.⁴⁰

³⁹ “Roberto Irineu Marinho assume presidência das Organizações Globo”. *Folha Online*, 8/8/2003.

⁴⁰ CARUGATI, Anna. *Interview: Globo’s Roberto Irineu Marinho* (may 2004). Disponível em: www.worldscreen.com/interviews/current.php?filename=0504marinho .

A partir de suas próprias atitudes e opiniões e do depoimento que inúmeros amigos e adversários deram sobre Roberto Marinho, pode-se construir um perfil de suas qualidades que hoje são referências para profissionais e empresários. Ele se imortalizou como um dos mais destacados homens de negócios do Brasil, porque soube ser um empreendedor obstinado. Além de visionário imprimiu sua marca na cultura brasileira.

Logo após o Golpe de 1964, que ele apoiou, tomou uma atitude corajosa contra a exigência do ministro da Justiça, Juracy Magalhães, que convocou os proprietários dos jornais após a decretação do AI-5 e exigiu que as empresas não admitiessem cassados políticos em suas redações. Na oportunidade, Roberto Marinho protestou dizendo: “O cassado político perde seus direitos políticos, mas não o direito ao exercício de sua profissão, que sequer lhe pertence, mas à sua família que, para sobreviver, depende deste direito”.⁴¹

É também de Roberto Marinho a seguinte autodefinição: “Sou um democrata que sempre respeitou a livre expressão do pensamento e das ideias, mesmo quando elas são inteiramente contrárias às minhas”. Ele também era extremamente consciente do valor e do papel desempenhado pelos veículos de comunicação: “Utilizando-se a força dos meios de comunicação pode-se talvez vencer, mas não convencer. O convencimento exige diálogo. E este implica consulta à opinião da coletividade”.

Roberto Marinho, que foi presidente da Associação Nacional dos Jornais (ANJ) por duas gestões (1979-1984), acreditava que, por definição, a imprensa é o instrumento para difusão das divergências e dos conflitos inerentes à sociedade moderna:

[...] ela [a imprensa] é uma poderosa arma para a fiscalização coletiva dos atos do Governo e um instrumento posto, institucionalmente, a serviço do debate das ideias. Somos o veículo do pluralismo, fundamento da democracia. Fal-

⁴¹ “Jornalista por escolha e por destino”. O *Globo* 8/8/2003.

tariamos ao nosso compromisso público se fugíssemos à nossa responsabilidade de opinar. Todos temos o direito, inerente à própria concepção de democracia, a expressar nossas preferências. A propor caminhos que nos pareçam os melhores. Esse direito não pode ser negado à imprensa sob pretexto nenhum.

Como presidente da ANJ, Roberto Marinho, demonstrando, mais uma vez, visão mercadológica e pioneirismo, consolidou a ANJ, reunindo os jornais brasileiros em torno de uma associação. Foi durante sua gestão que os primeiros estudos sobre elaboração de jornal foram realizados e criados grupos técnicos com o objetivo de aprimorar a atividade do jornalismo. Foi em sua gestão que a ANJ promoveu a primeira campanha institucional visando incentivar a leitura e o consumo do veículo impresso, além de se estabelecer a padronização da mancha impressa, o que resultaria na criação do sistema de módulos de publicidade, adotado por todos os jornais do país.

Em síntese, pode-se ainda destacar outros ensinamentos e exemplos deixados por Roberto Marinho que servem de inspiração para aqueles que pretendem enfrentar os desafios e as adversidades do século XXI e que desejam alcançar o sucesso.

Roberto Marinho:

- Manteve-se sempre atualizado com as tendências políticas e econômicas, além de acompanhar o desenvolvimento tecnológico no mundo;
- Teve ousadia e corria riscos. Como empresário apostava em ideias revolucionárias e importava novas práticas gerenciais e profissionais. Como jornalista nunca teve medo de enfrentar, fazendo oposição, ou de apoiar, se unindo a presidentes ou correntes partidárias;
- Soube exercer o poder em defesa de seus princípios e ideais. Nunca buscou o aplauso fácil, mas tinha consciência de

seu poder e sabia que todos que o procuravam estavam sempre a pedir alguma coisa, defendendo interesses pessoais. Exatamente por isso sabia dosar seu apoio;

- Soube manter a união familiar em torno do negócio, treinando os filhos na arte e no ofício, exigindo que todos conhecessem e soubessem fazer de tudo dentro das empresas;
- Soube identificar o momento exato de se retirar e conduzir pessoalmente sua sucessão;
- Teve o senso da oportunidade e aproveitou todas as chances que lhe foram apresentadas. Sabia o momento exato de avançar ou recuar para adotar novas atitudes e empreitadas, a exemplo de parcerias firmadas inclusive com concorrentes;
- Foi um grande negociador e com flexibilidade soube tirar partido para beneficiar suas empresas;
- Reconhecia seus próprios limites e por isso sempre procurou trabalhar com os mais competentes, independente de ideologia, raça ou credo religioso. Acreditava e apostava nas boas ideias e propostas revolucionárias;
- Respeitava os adversários, mas só entrava numa competição para ganhar;
- Era um líder nato. Não agredia nem humilhava os subordinados, mas conduzia os negócios com mão de ferro: todos sabiam de quem era a última palavra;
- Procurava ver na profundidade dos fatos (econômicos e políticos) não se limitando às borbulhas da superfície;
- Sempre procurou estar no local certo, na hora certa;
- Exigia fidelidade à empresa, à sua missão e o cumprimento dos objetivos planejados.
- A diversidade de atuação empresarial foi a receita para a construção do maior conglomerado de comunicação do Brasil.

OPINIÕES SOBRE MARINHO

Apesar de muitos de seus atos serem contestados por adversários, políticos e profissionais, e até mesmo em nível acadêmico, Roberto Marinho, sempre teve uma explicação para suas decisões. Se as mesmas não deram certo ou não foram aceitas pela maioria, pelo menos ele acreditava nelas. Sempre esteve em sintonia fina com a política, com os políticos, com o desenvolvimento tecnológico e sabia, como ninguém, avaliar os riscos e o momento certo para novos empreendimentos. Era firme em suas decisões, fossem elas de cunho meramente administrativo ou político. Roberto Marinho foi um homem vitorioso e, em sua carreira, de sucesso soube agradar a muitos, mas também desagradou a outros. Enfim, ele era um homem de posições, um homem de opinião, pois só quem as tem pode mudar de direção, avançar ou retroceder, exercendo com sabedoria a estratégia político-empresarial.

A seguir, algumas opiniões sobre Roberto Marinho:

- **Jorge Rodrigues**, advogado: “O Roberto era um homem de grande coragem física. Ele dizia o seguinte: ‘Um homem que não tem coragem não merece viver’”. Seu amigo José Aleixo também destaca sua coragem: “Ele nunca teve medo físico de nada, ele sempre foi uma pessoa muito corajosa”.
- **Fernando Henrique Cardoso**, ex-presidente: “O que é o empresário? O que caracteriza um empresário? No fundo, é política, não é? Tem que ver o todo e ter audácia. Se você não for capaz de ver o conjunto e ter audácia, você pode ser um bom chefe de empresa, um bom capitão de indústria, como se diria, mas você não é um líder, não é um empreendedor. Um empreendedor tem que inovar, e o Roberto Marinho é isso. Então, um empresário definido assim, é também um político”.
- **José Sarney**, ex-presidente: “Ele era um homem de extrema polidez, um dos homens mais educados que eu já conheci.

Juntava aquela sobriedade do poder que ele tinha com uma polidez muito grande. E aquilo decorria da personalidade dele sem que a gente percebesse ali qualquer esforço para que isso ocorresse”.

- **Luis Inácio Lula da Silva**, então presidente: “O Brasil perde um homem que passou a vida acreditando no Brasil. Como dizia o nosso amigo Carlito Maia, tem gente que vem ao mundo a passeio e gente que vem ao mundo a serviço. Roberto Marinho foi um homem que veio ao mundo a serviço. Quase um século de vida de serviços prestados à comunicação, à educação e ao futuro do Brasil”.⁴²
- **Paulo Henrique Amorim**: “Roberto Marinho era mais do que um empresário de visão. Ele era o *editor at large* do jornalismo da Rede Globo (e do jornal *O Globo*). Ou, como se dizia na redação, quando cheguei à TV, ele era ‘o nosso melhor repórter’. Ele e só ele decidia sobre o noticiário ‘sensível’ de política e economia”.⁴³
- **Aloizio Mercadante**, então senador: “Foi um homem que atravessou pelo menos 70 anos da nossa história, sempre presente nos fatos mais relevantes da vida pública, interferindo, acompanhando, participando, alterando processos extremamente relevantes para a vida da nossa sociedade. [...] As nossas divergências são pequenas diante do que representou e o que pode representar as Organizações Globo para construir uma sociedade democrática plural, livre e cidadã”.⁴⁴

⁴² “Morre Roberto Marinho, aos 98 anos”. *O Globo* 7/8/2003. Disponível em: < http://geocities.yahoo.com.br/site_espelhomagico/marinho.html >

⁴³ AMORIM, Paulo Henrique. “Os 35 anos do Jornal Nacional”. Disponível em: < <http://www.digestivocultural.com/ensaios/imprimir.asp?codigo=106>. Acesso em 25/9/2007.

⁴⁴ MERCADANTE, Aloizio. *Discurso de homenagem ao jornalista Roberto Marinho na solenidade realizada pelo Senado*, em 3 set. 2003. Disponível em: < www.mercadante.com.br/pronunciamentos_88.html > . Acesso em 25/9/2007.

- **Antonio Palocci**, então deputado federal: “Dr. Roberto Marinho foi fundamental na construção da democracia brasileira e no fortalecimento, na estabilidade das instituições democráticas do Brasil”

CONSIDERAÇÕES

A força do prestígio de Roberto Marinho foi registrada pela revista *Veja* com o seguinte texto:

O empresário costumava dizer que vivia muito ocupado para pensar na morte. Talvez por isso não tenha levado à frente o projeto de escrever suas memórias, previamente batizadas por ele de “Condenado ao êxito”. A exatidão do título pôde ser conferida na quinta-feira. Compareceram ao velório e ao enterro de Roberto Marinho mais de 3.000 pessoas, entre populares e mandatários. Estiveram presentes o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, os ex-presidentes Fernando Henrique Cardoso e José Sarney, cinco governadores, seis ministros de Estado, os presidentes do Senado e da Câmara, quase todos os empresários, políticos e artistas de alguma relevância no cenário nacional, além de adversários políticos históricos, como o ex-governador do Rio de Janeiro Leonel Brizola. Morreu como viveu. Cercado por poderosos.⁴⁵

Um trecho do texto de como a revista *Época* registrou sua morte resume a figura de Roberto Marinho:

Para Roberto Marinho, os desafios estavam acima de tudo. Nunca era tarde para abraçá-los. Não é à toa que, homem de jornal e rádio, resolveu investir em televisão aos 61 anos. Iniciava um negócio novo, repleto de adrenalina e turbulências, com energia de garoto em plena terceira idade. Tempos depois, aos 84 anos, mostrou novamente que não tinha medo do tempo – e investiu, desta vez no amor. Passou então a

⁴⁵ SOARES, Lucila. Memória: Interrompemos nossa programação. *Veja*, 13 de agosto de 2003. Disponível em: < http://veja.abril.uol.com.br/130803/p_080.html >. Acesso em 25/09/2007.

namorar dona Lily, com quem se casou em 1989. Sua morte, aos 98 anos, foi recebida com surpresa para muitos. Mas como se surpreender com o falecimento de alguém numa idade tão longa? A resposta está na vitalidade, inteligência e inquietação que o acompanharam até o fim. Esse comportamento dava a impressão a muita gente de que o jornalista era imortal – impressão essa que criava anedotas e historietas em torno de sua longevidade [...]. Doutor Roberto, como todos o chamavam, era um empreendedor nato. Mas preferia ser conhecido como jornalista, e não como empresário. Participou ativamente no processo que culminou na criação de *Época* e fez questão de escrever seu primeiro editorial.⁴⁶

Assim sendo, pode-se dizer que Roberto Marinho sabia defender seus pontos de vista e seus interesses empresariais dentro de nossa sociedade competitiva e capitalista, procurando realizar e consolidar suas empresas, conduzindo-as à liderança do mercado e, como ele dizia, para “servir ao país”. Para realizar seus sonhos e objetivos foram necessários muito trabalho, determinação, bom senso, humildade, respeitar as opiniões contrárias, ter senso de oportunidade, ousadia, saber selecionar pessoas competentes e, acima de tudo, acreditar em si próprio e nos próprios sonhos, pois só quem sonha, constrói. Foi sonhando que Santos Dumont conseguiu voar e foi sonhando que Roberto Marinho construiu a maior fábrica de sonhos dos brasileiros: A Rede Globo de Televisão.

DADOS BIOGRÁFICOS

O jornalista e empresário Roberto Pisani Marinho, filho do jornalista Irineu Marinho e de Francisca Pisani, nasceu em 3 de dezembro de 1904, no Rio de Janeiro, e morreu no dia 6 de agosto de 2003, em São Paulo. Foi casado com Lily Marinho (de 1991 a 2003), com Ruth Albuquerque (de 1971 a 1991) e com Stella Gou-

⁴⁶ FALCÃO FILHO, Aluizio. Jornalista e empreendedor. *Revista Época* agosto 2003. Disponível em: < <http://revistaepoca.globo.com/epoca/0,6993,ept582791-2117,00.html> > Acesso em 6/2/2005.

lart Marinho (de 1946 a 1971). Deixou quatro filhos do primeiro casamento: Roberto Irineu Marinho, João Roberto Marinho, José Roberto Marinho e Paulo Roberto Marinho, os quais, como herdeiros, deram continuidade ao império midiático que ele construiu em vida.

Sua produção intelectual está contida basicamente nos artigos que produziu e publicou como jornalista. Em vida publicou apenas um livro: *Uma trajetória liberal*, publicado pela Topbooks, em 1992. O livro é uma coletânea de textos sobre experiências e testemunhos de personalidades a exemplo de Carlos Lacerda, Tancredo Neves e Carlos Prestes.

No ano seguinte, Roberto Marinho postulou a cadeira de n.º 39, da Academia Brasileira de Letras, na sucessão de Otto Lara Resende. Ele foi eleito em 22 de julho de 1993. Em seu discurso de posse falou um pouco de sua trajetória e frisou:

Conscientizei-me de estar me comprometendo a partilhar convosco a defesa da dignidade da palavra. Como certa vez observei, a comunicação não é privilégio do homem. Aquilo que nos distingue é a compreensão. Com isso, queremos dizer que não adianta distribuir informações se não estivermos dispostos a discuti-las. Utilizando-se a força dos meios de comunicação, pode-se talvez vencer, mas não convencer. O convencimento exige diálogo em que nos arriscamos à troca de palavras. Quando o jornalista atreve-se a imprimir editoriais e comentários, aventurando-se a refletir o pensamento do homem comum, corre o risco atinente à sua profissão.⁴⁷

Coube ao acadêmico Josué Montello proferir o discurso de recepção do novo acadêmico. Montello destacou a importância do jornalismo e do jornalista Roberto Marinho:

Há poucos dias, para escrever este discurso, reli a excelente entrevista que concedestes a um jovem amigo e editor, a José Mário Pereira, e ali encontrei esta opinião exemplar, ao vos

⁴⁷ MARINHO, Roberto. *Discurso de Posse na ABL*. Disponível no site da Academia Brasileira de Letras, 1993.

ser perguntado o que pensais das Letras: “A Literatura é o retrato de um Povo, de uma nação. Sempre li muito.” E entre os grandes autores que citastes, lá figuram o nosso Machado de Assis, Balzac, Anatole France, Flaubert, Dickens, Eça de Queirós, Dante, Tolstoi, Shakespeare, Proust. E discordastes deste último, no texto em que ele censura aos jornais as supostas coisas insignificantes a que dão o relevo de um comentário ou de uma notícia.

É que Proust era essencialmente romancista, enquanto vós sois, Sr. Roberto Marinho, essencialmente jornalista. Mas jornalista com a sensibilidade do homem de letras.⁴⁸

Sobre Roberto Marinho e seu império midiático já foram escritos e publicados inúmeros artigos, livros e defendidas várias teses e dissertações universitárias. Sobre ele mesmo, dois livros se destacam: *Roberto Marinho*, de autoria de Pedro Bial, publicado pela Editora Jorge Zahar, em 2004; e *Roberto Marinho: um jornalista e seu boneco imaginário*, de autoria de Eugenio Bucci, publicado em 2021 pela Companhia das Letras. Nesse volume, que integra a Coleção Perfis Brasileiros, Bucci resgata a trajetória pessoal e profissional de Roberto Marinho, considerado o maior magnata da mídia brasileira, além de esclarecer suas relações com o poder constituído e com o período da ditadura militar.

Karla Monteiro,⁴⁹ em resenha do livro, publicada pela *Folha de S. Paulo*, apresenta a seguinte síntese:

O livro de Bucci nos ajuda a compreender o tamanho de Roberto Marinho na história política do país. Apesar de fazer questão do título de jornalista, jamais se contentara em ser um mero fiscal do poder. Disputou-o, sem trégua, usando o seu conglomerado de mídia para construir e desconstruir

⁴⁸ MONTELLLO, Josué. *Discurso de recepção a Roberto Marinho*. Disponível no site da Academia Brasileira de Letras, 1993.

⁴⁹ Monteiro, Karla. *Um homem com compromissos*. Disponível em: [HTTPS://quatrocinco.com.br/br/resenhas/jornalismo/um-homem-com-compromisso](https://quatrocinco.com.br/br/resenhas/jornalismo/um-homem-com-compromisso). Acesso em 17/1/2022.

presidentes. Pragmático, não acreditava em balelas, tais como ideologia. Mesmo sendo tão solícito com a ditadura, adentrou fagueiro os anos da redemocratização. Em meados dos anos 80, quando os generais eram mandados de volta aos quartéis, tinha na conta bancária 1 bilhão de dólares. Ao ser questionado por Ulysses Guimarães do porquê de haver escolhido o baiano Antonio Carlos Magalhães para ministro das Comunicações, o então eleito Tancredo Neves deu a letra: “Olha, Ulysses, eu brigo com o papa, brigo com a Igreja Católica, brigo com o PMDB, eu só não brigo com o doutor Roberto.”

REFERÊNCIAS

- ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Roberto Marinho*. Disponível em: www.academia.org.br . Acesso em 12/12/2004.
- AMORIM, Paulo Henrique. *Os 35 anos do Jornal Nacional*. Disponível em: <http://www.digestivocultural.com/ensaios/imprimir.asp?codigo=106> . Acesso em 25/9/2007.
- BIAL, Pedro. *Roberto Marinho*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- BRITTOS, Valério Cruz; BOLAÑO, César (orgs.). *Rede Globo: 40 anos de poder e hegemonia*. São Paulo: Paulus, 2005.
- BUCCI, Eugenio. *Roberto Marinho: Um jornalista e seu boneco imaginário*. Companhia das Letras, 2021.
- CARUGATI, Anna. *Interview: Globo's Roberto Irineu Marinho* (May 2004). Disponível em: www.worldscreen.com/intervuiewscurrent.php?filename+0504marinho .
- Jornalista por escolha e por destino. *O Globo*, 8/8/2003. Disponível em: <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/star.htm?inford=3320&sid=463> Acesso em 25/9/2007.
- Globo has Brazil in its pocket. *Variety*, 25/3/1987.
- FALCÃO FILHO, Aluizio. Jornalista e empreendedor. *Revista*

Época, agos. 2003. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/epoca/0,6993.ept582791-2117,00.html> Acesso em 6/2/2005.

MARINHO, Roberto. *Quem Somos*. Disponível em: <http://editoraglobo.com> e www.infoglobo.com.br .

MARINHO, Roberto. *Discurso de posse na Academia Brasileira de Letras*, 1993. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/roberto-marinho/biografia>

MATTOS, Sérgio. *História da Televisão Brasileira: Uma visão econômica, social e política*. 5.ed., Petrópolis: Vozes, 2010.

MATTOS, Sérgio. As Organizações Globo na mídia impressa, in Brittos, Valério Cruz; BOLAÑO, César (orgs.). *Rede Globo: 40 Anos de poder e hegemonia*. São Paulo: Paulus, 2005. p.267-286.

MERCADANTE, Aloizio. *Discurso de homenagem ao jornalista Roberto marinho na solenidade realizada pelo Senado*, em 3 set. 2003. Disponível em: www.mercadante.com.br/pronunciamentos_88.html . Acesso em 25/9/2007.

MONTEIRO, Karla. Um homem com compromisso. *Folha de S. Paulo*, 1/1/2022. Disponível em: <https://www.quatrocincom.com.br/br/resenhjas/jornalismo;um-home-m-com-compromiosso>. Acesso em 17/01/2022.

MONTELLO, José. *Discurso de recepção a Roberto Marinho*, 1993. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/roberto-marinho/biografia>

Não temos privilégios. *Isto É*. Disponível em: www.terra.com.br/istoe/biblioteca/brasileiro/comunicacao/comunicacao01.htm Acesso em 06/02/2005.

Roberto Marinho influenciou durante sete décadas. *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 7 agos.2003.

SOARES, Lucila. Memória: Interrompemos nossa programação. *Veja*, 13 agos. 2003. Disponível em: http://veja.abril.uol.com.br/130803/p_080.html .

VALÉRIO CRUZ BRITTOS (1963-2012)

UM PESQUISADOR EXEMPLAR⁵⁰

Estava ainda exercendo a função de coordenador do GT de Televisão, em meados da década de 1990, durante um dos congressos anuais da INTERCOM, quando um gordo e jovem gaúcho, que transpirava muito, na mesma rapidez com que falava e desenvolvia suas ideias, me foi apresentado por Alfredo Vizeu, que integrava o GT. O jovem era Valério Cruz Brittos, advogado, jornalista e professor de comunicação da UNISINOS que já havia trabalhado em redações de jornais, rádio e televisão, tanto no Rio Grande do Sul, como em Brasília, tendo sido repórter e editor de política. A identificação profissional e empatia comigo foram de imediato.

Ele queria ir para Salvador, fazer o doutorado na Faculdade de Comunicação da UFBA, no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas, onde eu ensinava. Queria saber se eu o aceitaria como orientador. Conversamos sobre o projeto a ser desenvolvido, despertando e aumentando meu interesse e atenção ao que ele dizia. Queria trabalhar com televisão, um dos campos de pesquisa da minha predileção e porque gostaria de abordar o mercado de televisão por assinatura, um tema muito novo, tendo em vista que a Lei da TV a Cabo havia sido sancionada em 1995.

⁵⁰ Depoimento preparado e apresentado durante o Simpósio Valério Brittos, realizado no dia 3 de setembro de 2012, durante o XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, numa promoção da INTERCOM e realização da Universidade de Fortaleza- UNIFOR

Valério já vinha trabalhando no tema desde o mestrado, quando defendeu dissertação sobre TV a Cabo, que foi publicada como livro, *Recepção e TV a Cabo: A força da cultura local*, e que tive o prazer de assinar o prefácio.

Sobre o livro, escrevi:

[...] é um livro que dá uma contribuição muito mais ampla do que se espera numa obra que à primeira vista, seria segmentada, totalmente voltada para o setor da televisão, ou mais especificamente para a recepção da TV a Cabo. Entretanto, Valério Cruz Brittos conseguiu, com um estilo leve e um domínio vocabular exemplar, desenvolver um tema, de interesse dos comunicólogos, de tal maneira que este trabalho pode e deve ser lido, não apenas pelos estudiosos da área, mas também por todo aquele leitor-consumidor do maior veículo de massa deste século, que é a televisão. [...] Enfim, podemos dizer que este livro amplia o conhecimento sobre a relação entre receptor, produto e tecnologia, agregando novos conhecimentos, além de sinalizar para uma mudança no modo de ver e de fazer pesquisas sobre televisão no Brasil.

Manifestei interesse em orientá-lo, mas que antes ele teria que se submeter aos trâmites normais de seleção, o que ele procedeu com excelência, pois de imediato foi selecionado e iniciou o programa de doutoramento tendo sido a mim atribuída a tarefa de orientá-lo devido principalmente à temática do projeto submetido e aprovado.

A partir daí começamos a desenvolver uma relação de amizade extremamente rica, de troca de experiências e de conhecimento, de respeito intelectual, de afinidade pessoal e de empatia, que culminou com a defesa brilhante de sua tese de doutoramento intitulada “Capitalismo contemporâneo, mercado brasileiro de televisão por assinatura e expansão transnacional”, no início de 2001. A nossa amizade continuou anos afora sedimentada na sinceridade profissional e na admiração mútua até o dia em que ele faleceu prematuramente, em 27 de julho de 2012, aos 48 anos de idade.

ABARCAR O MUNDO

Ao longo do período de doutoramento, Valério teve oportunidade de evidenciar suas características técnicas, seu comprometimento com o rigor científico, sua capacidade de trabalho e produção intelectual, organização e dedicação aos estudos, interagindo com todos os demais doutorandos e professores do programa. Foi durante o período de doutoramento que ele estabeleceu as bases que o transformaram em um dos mais fecundos pesquisadores brasileiros. Foi durante o doutoramento que ele começou a exibir dedicação e dinamismo, sempre buscando uma forma de publicar um novo texto, estimulando também os colegas. Foi nesse período que ele começou a pavimentar o caminho que ele trilhou com muitas vitórias, apesar dos obstáculos que apareciam, sem nunca temer e deixar de seguir em frente, deixando-nos inúmeras obras que enriquecem a bibliografia da área da comunicação.

Em 2001, ele lançou o livro *Recepção e TV a Cabo: A força da cultura local*, baseado na dissertação de mestrado obtido na PUCRS, onde também se especializou em Ciências Políticas e em Economia Política da Comunicação, dedicando a essa área de estudo teórico metodológico o resto de sua vida, deixando um forte e importante legado com a constituição do Grupo de Pesquisa Comunicação, Economia Política e Sociedade (CEPOS) que ele coordenou com brilhantismo e dinamismo e do qual sou um dos integrantes.

O presente depoimento tem os objetivos de caracterizar e apresentar aspectos da relação entre orientador-orientando e as possíveis influências no processo de produção da tese de doutoramento de Valério Cruz Brittos e, também, o de esboçar um breve perfil dele. De imediato, ressalto que o processo de escolha do orientador foi articulado pelo orientando, que já conhecia meu trabalho de pesquisa na área e acompanhava o que desenvolvíamos à frente do GT de TV da INTERCOM. A partir do meu interesse em orientá-lo, estabeleceu-se uma corrente positiva que nos conduziu para o final que desejávamos: fui designado como orientador dele.

A partir de então estabelecemos uma linha de comportamento, comprometimento e de confiança a ser seguida por ambos. A acessibilidade do orientador e orientando deveria ser total e isto foi cumprido à risca, até porque o conhecimento técnico específico na área da pesquisa e a experiência com metodologia da pesquisa que Valério demonstrava dominar já evidenciavam o que eu poderia esperar do trabalho dele.

O meu orientando Valério Brittos foi, durante todo o tempo da FACOM/UFBA, uma pessoa com a qual eu dialogava e aprendia também com seus *insights* e propostas ousadas de investigação científica. Além de demonstrar muita paciência e disposição para o trabalho, Valério foi um orientando perfeito, um orientando que nunca deu trabalho, um orientando, posso afirmar, que todo orientador gostaria de ter. De uma simplicidade e cavalheirismo exemplar, Valério mantinha um comportamento pessoal, que pode ser classificado como timidez, mas que era uma característica de sua educação cristã e do exemplo dos pais, Sr. Odemar e dona Lúcia Brittos, e do apoio de sua esposa Tatiana, fundamental para superar a ansiedade que geralmente toma conta de alguns doutorandos.

Valério nunca faltou aos encontros formais de orientação, nem tampouco aos outros que promovíamos informalmente, fora do ambiente da Universidade, até porque eu procurava tratá-lo como sempre tratei todos os meus orientandos, ou seja, da mesma maneira como fui tratado por meu orientador na Universidade do Texas, prof. Dr. Emile McAnany, sem qualquer atitude ou posicionamentos autocráticos tão em voga nas relações entre orientador e orientando. Acredito que atitudes como essa, por parte do orientador, provoca, no orientando, sentimento de segurança, autoestima e outros aspectos positivos que vão influenciar no processo da construção da dissertação ou tese.

Mas o papel do orientador não se limita a isso, pois tem o dever de realizar leituras críticas, apontando incoerências ou a necessidade de uma maior fundamentação teórica ou de argumentos mais claros.

Em nossos encontros formais, discutíamos os textos, indicávamos caminhos a serem seguidos ou os pontos que precisavam ser mais detalhados. Dialogávamos, trocávamos ideias em busca de melhor esclarecer os pontos de vista dele. Como resultado desses diálogos, ele construiu e defendeu uma excelente tese de doutorado que naturalmente recebeu a influência de inúmeros outros leitores e colegas, pois sempre, como orientador, adotei a posição de que o trabalho é do orientando, uma tese ou dissertação, não é um trabalho em parceria com o orientador nem tampouco uma extensão das pesquisas dele.

E exatamente por isso meus orientandos, inclusive o Valério, sempre foram instruídos a falar e a expor suas ideias e projetos, o máximo possível, para outras pessoas, com o objetivo de trocar ideias, trocar experiências e amadurecer os próprios argumentos, para não ficar limitado apenas à opinião crítica ou cordata do orientador. Com o dinamismo que lhe era próprio, Valério soube construir uma verdadeira rede de pesquisadores da área, no Brasil e no exterior, com os quais trocava informações e depois debatíamos as sugestões e as que melhor se encaixavam no trabalho dele, sem perder de vista que os Programas de Pós-Graduação têm prazos definidos e que o orientando tem que cumpri-los, cabendo ao orientador o papel de não deixá-los querer abarcar o mundo com dois braços, focando nos objetivos propostos pelo trabalho do orientando. E nisso, Valério foi perfeito. Estava sempre focado, sem se deixar desviar ou ser atraído por outros assuntos que iam surgindo paralelo à sua pesquisa principal.

PESQUISADOR PRODUTIVO

Fazendo parênteses, devo também esclarecer aqui que não existe um modelo de orientação a ser adotado coletivamente, pois cada caso, cada orientando é um indivíduo único e diferente que precisa ser tratado de acordo com suas qualidades ou carências e dentro do projeto proposto. Digo isto porque no processo de orientação

temos procedimentos e normas a serem cumpridos, mas a maneira como efetivamente orientamos vai depender da qualidade e do conhecimento técnico de cada orientando e do grau de dificuldade de execução de cada projeto. Nenhuma orientação ou orientando pode ser comparado a outro. Cada um deve ser tratado como peça especial e única. E Valério foi um orientando especial, daqueles que deixam saudade.

O papel do orientador é o de aconselhar, direcionar o pensamento do orientando de maneira a permitir o crescimento e o amadurecimento dele, sem imposições autocráticas. Como orientando, Valério era flexível, vivaz e possuidor de uma astúcia impar para argumentar e defender seus pontos de vistas em textos limpos e bem escritos, pois tinha perfeito domínio vocabular, como bom jornalista que foi, e um estilo leve e direto de expor os fatos e dados.

No processo dos estudos de pós-graduação espera-se que os Programas formem pesquisadores independentes, mas, no caso de Valério, ele já ingressou no Programa de Comunicação e Cultura Contemporâneas da FACOM/UFBA com todas as qualidades e virtudes de um pesquisador nato, pois demonstrava que conhecia, e bem, o caminho da autonomia científica. Parecia que ele estava ali apenas para cumprir o ritual da titulação que passou a ser exigida nas universidades, e ele tinha muita pressa em realizar e executar projetos. Aliás, em sua vida acadêmica profissional, ele foi coerente consigo mesmo, parecia ter muita pressa, como se o tempo dele fosse curto, e graças a ela nos deixou uma produção de conhecimento exemplar, que, em muito, enriquece o campo da comunicação.

Valério dominava bem o conhecimento processual (teoria, literatura, metodologia, análises etc.) e demonstrava claramente suas pretensões de se transformar em um multiplicador de conhecimento, passando, pouco depois de concluído seus estudos, a coordenador de Programa de Pós-Graduação e a exercer a orientação de novos e futuros pesquisadores, procurando forçá-los, no bom sentido, a ter a mesma fé, bravura e capacidade de produção que ele tinha e que

serviram de exemplos a muitos de seus orientandos. Que o digam seus orientandos na UNISINOS, a exemplo de Jacqueline Lima Dourado, Anderson David Gomes dos Santos, Luciano Correia, Carine Prevedelo e Paola Madeiro Nazário, entre outros.

Destaco ainda no orientando Valério um pesquisador extremamente motivado, objetivo, curioso, entusiasmado com o que fazia e que gostava do que estava sendo feito. Ele tinha a ambição de construir uma excelente tese, um trabalho consistente e que servisse de referência. E ele conseguiu mais do que isso, pois além de seus trabalhos serem respeitados e citados, ele mesmo, como pesquisador e pessoa, passou a ser referência na área. Durante todo o tempo de vida, desde que conheci Valério, como orientando e depois como pesquisador atuante na academia, ele sempre manteve a dedicação ao trabalho, com muita disciplina, senso crítico, independência e autoconfiança. A soma de tudo isso foi que fez dele a pessoa admirável e agradável que sempre foi, apesar de ter sido também um professor-orientador exigente, sem ser intransigente.

Valério construiu um caminho exemplar na academia. Como pesquisador, ele publicou, de acordo com seu curriculum Lattes, 92 artigos em periódicos, 44 capítulos de livros, mais de 200 artigos em jornais e revistas de conhecimento geral e 18 livros, de autoria individual ou na condição de organizador, no desempenho de liderança emergente na área da comunicação.

Seu legado haverá de permanecer, pois a importância dele para o campo comunicacional extrapolou as fronteiras nacionais, transformando-o numa de nossas maiores lideranças no campo da Economia Política da Comunicação, que, neste ano de 2022, está comemorando 35 anos como campo específico de pesquisa aqui no Brasil. No entanto, foi no início da década de 1980, quando ainda nos Estados Unidos, cumprindo programa de doutoramento, que timidamente comecei a esboçar alguns artigos, apresentados em simpósios e congressos internacionais, a partir de uma abordagem que depois se transformou na área da Economia Política da

Comunicação. Na época, analisava a influência da publicidade, os efeitos da globalização no desenvolvimento da mídia e o controle econômico exercido sobre os meios de comunicação, determinando o crescimento ou fracasso do setor. Dentro dessa perspectiva, em 1984, apresentei um trabalho na INTERCOM e que foi publicado no ano seguinte por José Marques de Melo, organizador do livro intitulado *Comunicação e Transição Democrática*. Talvez tenha sido o meu interesse também pelo objeto de estudo da Economia Política da Comunicação, dentro de uma abordagem histórica, que facilitou minha aproximação com Valério Cruz Brittos.

Como orientador me gratifiquei com o trabalho final de meu orientando e com os laços do Colégio Invisível, construídos ao longo dos estudos de pós-graduação e que permanecem para toda a vida. O orientador se gratifica quando seus ex-orientandos começam a brilhar e a realizar proezas no mundo acadêmico, se destacando como o fez Valério, considerado como um dos pesquisadores mais produtivos do país e pelas ações e projetos que construiu e executou. E, nesse caso, tenho a honra de dizer que foi muita sorte de minha parte ter tido Valério Cruz Brittos como meu orientando.

DADOS BIOGRÁFICOS

Valério Cruz Brittos nasceu no município de Pelotas, Rio Grande do Sul, no dia 27 de agosto de 1963 e morreu em Porto Alegre no dia 27 de julho de 2012. Filho de Odemar e Lúcia Brittos, ele foi casado com Tatiana Brittos, sem ter tido filhos. O texto de apresentação de seu *curriculum vitae*, na Plataforma Lattes, atualizado dois meses antes de sua morte registra o seguinte:

Possui graduação em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade Católica de Pelotas (UCPel, 1987), graduação em Direito pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel, 1986), mestrado em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS, 1996) e doutorado em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela

Universidade Federal da Bahia (UFBA, 2001). Atualmente [2012] é professor titular no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), consultor da Rede de Economia Política das Tecnologias da Informação e da Comunicação (EPTIC), vice-presidente da Unión Latina de Economía Política de la Información, la Comunicación y la Cultura (ULEPICC-Federação), diretor administrativo da Confederação Ibero-Americana das Associações Científicas e Acadêmicas de Comunicação (CONFIBERCOM), representante no Cone Sul da Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación (ALAIC), coordenador do GP de Economia Política da Informação, Comunicação e Cultura da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares de Comunicação (INTERCOM) e editor da revista acadêmica *Eptic On Line*. É membro do Conselho Editorial de diversos periódicos acadêmicos, do Brasil e do exterior. Já presidiu o Capítulo Brasil da União Latina de Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura (ULEPICC-Brasil), coordenou o GT de Economia Política e Políticas de Comunicação da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós) e integrou o Conselho Consultivo da Intercom. Tem vasta experiência na área de Comunicação, com ênfase em Economia Política da Comunicação, atuando principalmente na pesquisa da televisão e convergência, nos seguintes temas: comunicação e capitalismo; políticas de comunicação; audiovisual, tecnologia e sociedade; história da comunicação; e processos midiáticos.

Esta síntese autobiográfica de Valério é a prova inconteste de sua atuação e liderança na área, sempre lutando por uma comunicação plural e inclusiva. Ao integrar o grupo de pensadores latino-americanos que implementou uma revisão crítica da Economia Política da Comunicação, ele ganhou repercussão e reconhecimento internacional. O papel dele como teórico da comunicação foi analisado pelos pesquisadores César Ricardo Siqueira Bolaño e Anderson David Gomes dos Santos, em artigo publicado na *LiiNC em Revista* (2020),

com o título de “Aportes teórico-conceituais de Valério Cruz Brittos à Economia Política da Comunicação, concluindo que

[...] a obra de Valério Brittos acompanha a evolução tecnológica dos setores convergentes da informação, da comunicação e da cultura, em ligação direta com a análise das mudanças históricas do capitalismo, mas o foco da atenção não são as forças produtivas, senão as relações de produção, tomando aquelas como pressuposto. As categorias aqui revistas, formuladas ou desenvolvidas pelo autor no interior de uma tradição de pesquisas relativamente jovem, como é a da EPC brasileira, apontam caminhos que vêm sendo trilhados e que se apresentam como promissores para a compreensão do que ocorre hoje com o sistema global de cultura. Toda a discussão de Brittos sobre as barreiras à entrada e os padrões tecno-estéticos, especialmente a formulação da ideia de padrão tecno-estético alternativo, devem ser tomadas como elementos importantes para a compreensão das relações sociais constituídas no âmbito da cultura, eivadas de contradições. A fase da multiplicidade da oferta não é outra coisa senão um momento particular de estruturação das formas de controle social e de construção da hegemonia que, num determinado recorte, podem ser entendidas sob o conceito de PluriTV, que não passa de uma forma interessante de organizar o pensamento para entender determinada parte dessa realidade histórica (BOLAÑO; SANTOS, 2020).

O estudo da obra de Valério considerou o período de 2001 a 2012 a partir da tese de doutorado, intitulada “Capitalismo contemporâneo, mercado brasileiro de televisão por assinatura e expansão transnacional”, que teve a honra de ter orientado, e da publicação do livro baseado na dissertação de mestrado. Em vida, Valério produziu e organizou um total de 18 livros que são referências na área e listados a seguir conforme aparecem na Plataforma Lattes:

BRITTOS, V. C.; SIMÕES, D. G.. *Para entender a TV digital: tecnologia, economia e sociedade no século XXI*. São Paulo: Intercom, 2011. v. 1. 98p.

- BRITTOS, V. C.. *Economia Política da Comunicação: convergência tecnológica e inclusão social*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2011. v. 1. 248p.
- BRITTOS, V. C.. *Digitalização, diversidade e cidadania: convergências Brasil e Moçambique*. São Paulo: Annablume, 2010. v. 1. 184p.
- BRITTOS, V. C.. *TV digital, Economia Política e democracia*. São Leopoldo: Unisinos, 2010. v. 1. 294p.
- BOLAÑO, C. R. S. (Org.); GOLIN, C. (Org.); BRITTOS, V. C. (Org.). *Economia da arte e da cultura*. São Paulo: Itáu Cultural, 2010. v. 1. 237p.
- ENDLER, S. (Org.); BRITTOS, V. C. (Org.). *Comunicação, consumo e identidade no Brasil*. São Leopoldo: Agexcom, 2010. v. 1. 80p.
- HAUSSEN, D. F. (Org.); BRITTOS, V. C. (Org.). *Economia política, comunicação e cultura: aportes teóricos e temas emergentes na agenda política brasileira*. Porto Alegre: Edipucrs, 2009. v. 1. 223p.
- BRITTOS, V. C.. *Digitalização e práticas sociais: modulações e alternativas do audiovisual*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2009. v. 1. 230p.
- GOMES, P. G. (Org.); BRITTOS, V. C. (Org.). *Comunicação e governabilidade na América Latina*. São Leopoldo: Unisinos, 2008. 168p.
- BRITTOS, V. C.; CABRAL, A. (Org.). *Economia política da comunicação: interfaces brasileiras*. Rio de Janeiro: E-papers, 2008. v. 1. 268p.
- BRITTOS, V. C.. *Economia Política da Comunicação: estratégias e desafios no capitalismo global*. São Leopoldo: Unisinos, 2008. v. 1. 269p.
- BOLAÑO, C. R. S.; BRITTOS, V. C.. *A televisão brasileira na era digital: exclusão, esfera pública e movimentos estruturantes*. São Paulo: Paulus, 2007. v. 1. 324p .

BRITTOS, V. C.. *Comunicação na Fase da Multiplicidade da Oferta*. Porto Alegre: Nova Prova, 2006. v. 1. 264p.

BRITTOS, V. C., (Org.); BOLAÑO, César Ricardo Siqueira (Org.). *Rede Globo: 40 anos de poder e hegemonia*. São Paulo: Paulus, 2005. v. 1. 376p.

JAMBEIRO, O. (Org.); BRITTOS, V. C. (Org.); BENEVENUTO JR, Á. (Org.). *Comunicação, hegemonia e contra-hegemonia*. Salvador: Edufba, 2005. v. 1. 174p.

JAMBEIRO, O. (Org.); BOLAÑO, C. (Org.); BRITTOS, V. C. (Org.). *Comunicação, informação e cultura: dinâmicas globais e estruturas de poder*. Salvador: Edufba, 2004. v. 1. 196p.

BRITTOS, V. C.. *Comunicação, informação e espaço público: exclusão no mundo globalizado*. Rio de Janeiro: Papel & Virtual, 2002. v. 1. 206p.

BRITTOS, V. C.. *Recepção e TV a cabo: a força da cultura local*. 2. ed. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2001. v. 1. 240p.

Para finalizar, pincei algumas frases do depoimento de Jacqueline Lima Dourado sobre o orientador dela, que registra o dinamismo e a pressa de Valério Cruz Brittos nos últimos dias de vida:

O legado piauiense do orientador de tese, do mestre incansável, do mentor ético e amigo inesquecível. [...] Valério não perdia tempo. Tinha uma pressa imensa. Razão e coração juntos o tempo todo. [...] Sempre finalizava as novas conversas com a frase “tu sabes que podes contar comigo, tu sabes que pode contar com o Cepos, tu és parte dele. És do grupo”. [...] Mesmo doente nos falávamos a cada dois ou três dias e marcamos que eu estaria presente no I Encontro de Equipos de Investigación Cepos/UNQ, nos dias 6 e 7 de junho. Encontrei meu querido professor debilitado em um clima extremamente frio de Buenos Aires. Ficamos preocupados e queríamos preservá-lo de saídas e de ficar muito tempo no vento. Ele nos olhou e disse: “eu quero viver, me deixa ir para tudo, quero ir para todos os lugares, me deixa viver”. Assistiu a todas as apresentações. Ao final tivemos um dia de folga e percorremos a Florida, o Caminito, Puerto Madero e

não podíamos deixar de ir até El Ateneo Grand Splendid e La Crujia. Saímos com volumes de livros. Livros que estou lendo, mas a ele faltou tempo (DOURADO, 2012).

REFERÊNCIAS

- BOLAÑO, C. R. S.; SANTOS, A. D. G. dos (2020). Aportes teórico-conceituais de Valério Cruz Brittos à Economia Política da Comunicação. *LiiNC Em Revista*, 16(1), e5120. (publicado em 30/05/2020)
- DOURADO, Jacqueline Lima. *Valério Cruz Brittos*. Depoimento apresentado no Simpósio Valério Brittos, realizado no dia 3 de setembro de 2012, durante o XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, numa promoção da INTERCOM e realização da Universidade de Fortaleza-UNIFOR. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/4727-coluna-do-cepos-54> Acesso em 10-11-2021.
- MARQUES DE MELO, José (org.). *Comunicação e Transição Democrática*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.
- MATTOS, Sérgio. O Controle Econômico. In: MARQUES DE MELO, José (Org.), *Comunicação e Transição Democrática*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985. p. 62-79.
- MATTOS, Sérgio. O doutorando Valério Cruz Brittos. *Observatório da Imprensa*. Edição 719, 11/11/2012. Disponível em www.observatoriodaimoprensa.com.br.
- MATTOS, Sérgio. Prefácio. In: BRITTOS, Valério Cruz. *Recepção e TV a Cabo: a força da cultural local*. , 2.ed., São Leopoldo: Editora Unisinos, 2001.



SOBRE O AUTOR QUEM É SÉRGIO MATTOS

Sérgio Augusto Soares Mattos, filho de Maria Helena Soares Mattos e de José de Castro Mattos, nasceu em Fortaleza, Ceará, no dia primeiro de julho de 1948. Desde 1959, vive em Salvador, tendo recebido o título de Cidadão Baiano, outorgado pela Assembleia Legislativa. Foi distinguido também com o título de cidadania dos seguintes municípios baianos: Cachoeira, Cruz das Almas, Feira de Santana, Juazeiro, Ilhéus, Itabuna, Piritiba, Santo Antônio de Jesus e São Felipe. Diplomado em Jornalismo pela Universidade Federal da Bahia em 1971, Mattos é pós-graduado em Comunicação, com Mestrado e Doutorado pela Universidade do Texas, em Austin, Estados Unidos. Foi o primeiro doutor da Faculdade de Comunicação da UFBA, tendo sido também responsável pela orientação da tese do primeiro doutor formado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Contemporânea da FACOM/UFBA.

Ainda na UFBA exerceu a chefia do Departamento e do Colegiado do curso de Jornalismo, além de, no ano de 1987, ter sido incluído na lista sêxtupla para indicação do Reitor da Universidade. Mesmo dedicando-se à pesquisa e ao ensino, não abdicou de atuar no mercado e sempre se manteve no exercício do jornalismo, em inúmeras funções editoriais, como colaborador nos jornais baianos ou como professor universitário no curso de Jornalismo. É também ficcionista (poeta, cronista e romancista) e compositor/letrista com dezenas de composições gravadas por diversos intérpretes, sendo que possui quatro CDs individuais com suas composições.

No ano de 2000 foi o vencedor do Prêmio de Comunicação Luiz Beltrão, na categoria de Maturidade Acadêmica. O prêmio foi outorgado pela Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, que congrega os pesquisadores da área, durante o XXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado em Manaus, Amazonas. O Prêmio Luiz Beltrão de Ciência da Comunicação tem a finalidade de reconhecer a qualidade do trabalho acadêmico realizado nas universidades ou nos centros de pesquisa, valorizando a atuação individual e coletiva. A meta é sinalizar, anualmente, para as novas gerações, quais as pessoas ou instituições que apresentaram contribuições relevantes para o campo das Ciências da Comunicação.

Sérgio Mattos foi diretor-coordenador da COEPP – Coordenação de Extensão, Pesquisa e Pós-Graduação da UNIBAHIA – Unidade Baiana de Ensino, Pesquisa e Extensão, no município de Lauro de Freitas-BA, além de ter sido o coordenador que implantou os cursos de Jornalismo e Relações Públicas das Faculdades Integradas Ipitanga mantidas pela UNIBAHIA, entre 2000 e 2007. No período de 1999 a 2002, coordenou o curso de Publicidade e Marketing da Polifucs – Unidades de Ensino de Ciências da Sociedade. Entre janeiro e julho de 2008, exerceu a função de coordenador do curso de Jornalismo da Faculdade da Cidade do Salvador e da FTC. Em agosto de 2008, tomou posse na função de professor adjunto concursado, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Na UFRB, implantou a Editora da Universidade (EDUFRB), tendo exercido sua direção, na função de superintendente-editor, no período de 2010 a 2019. Em 2009, integrou a Comissão de Especialistas em Formação Superior do Jornalista, constituída pelo Ministério da Educação para propor as novas Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de Jornalismo, sob a presidência de José Marques de Melo.

Completando suas atividades profissionais, Sérgio Mattos integrou a equipe fundadora da Tribuna da Bahia, onde além de repórter especial foi chefe de reportagem. No jornal A Tarde, ocupou

a função de editor local/cidade e dos suplementos *Jornal de Utilidades*, *A Tarde Municípios* e *A Tarde Rural* até fevereiro de 2003. Foi o diretor de redação responsável pela criação e implantação da revista *NEON*, de arte cultura e entretenimento, que circulou de janeiro de 1999 a dezembro de 2004. Paralelamente a estas funções profissionais, foi presidente fundador do IBL – Instituto Baiano do Livro, e presidente fundador da ALAS – Academia de Letras e Artes de Salvador. No período de janeiro de 2008 a janeiro de 2010, foi eleito e exerceu a função de Secretário Geral do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (IGHB), onde atuou também como Diretor de Publicação e editor da revista do IGHB. No período de 2011-2020, ocupou a 2ª vice-presidência executiva da Associação Baiana de Imprensa. Em 2020, foi eleito 1º vice-presidente da Assembleia Geral da ABI. Em novembro de 2021, foi reconduzido à função de Diretor de Publicações do IGHB na chapa eleita para o biênio 2022-2024. Na década de 1980, foi diretor do Instituto de Radiodifusão Educativa do Estado da Bahia – IRDEB, quando foi responsável pela elaboração dos projetos para a implantação da TV Educativa da Bahia.

Sérgio Mattos é autor de inúmeros trabalhos acadêmicos e literários, tendo escrito e publicado dezenas de artigos e capítulos de livros na área da comunicação. Ao longo de sua trajetória publicou trabalhos literários em revistas e coletâneas. Dentre seus trabalhos individuais, em ordem cronológica, estão os seguintes títulos de teses, livros e plaquetas:

- *Nas Teias do Mundo*, 1973. (poemas)
- *Estudos de Comunicação*, 1975.
- *O Vigia do Tempo*, 1977. (poemas)
- *A Batalha de Natal*, 1978. (crônicas: infanto-juvenil)
- *Time's Sentinel*, 1979 [Tradução de Maria Luisa Nunes]. (poemas)
- *The Impact of Brazilian Military Government on the Development of TV in Brazil* (Tese de Mestrado), 1980.
- *I No Longer Sing, I Cry (Já não canto, choro)*, 1980. Edição bilingüe

[Tradução de Albert Bork].(poemas)

- *The Development of Communication Policies Under de Peruvian Government*, 1981.
- *Domestic and Foreign Advertising in Television and Mass Media Growth: A case Study of Brazil* (Tese de Doutorado), 1982.
- *The Impact of the 1964 Revolution on Brazilian Television*, 1982.
- *IRDEB – Relatório das atividades de 1983*, 1984.
- *Lançados ao Mar*, 1985. (poemas)
- *Comunicação, Desenvolvimento e Segurança Nacional*, 1988.
- *Um Perfil da TV Brasileira: 40 anos de história*, 1990.
- *Censura de Guerra: da Criméia ao Golfo Pérsico*, 1991.
- *A Tarde Municípios: uma experiência jornalística voltada para o municipalismo*, 1993.
- *Bibliografia dos Docentes do Departamento de Jornalismo: produção científica, literária e artística*, 1994.
- *Asas Para Amar*, 1ª ed. 1995; 2ª ed. 1996. (poemas)
- *Estandarte*, 1ª ed. 1995; 2ª ed. 1996; 3ª ed. 1996. (poemas)
- *O Controle dos Meios de Comunicação*, 1996.
- *A Televisão e as Políticas Regionais de Comunicação*, 1997 (org.).
- *Televisão e Cultura no Brasil e na Alemanha*, 1977(org.).
- *Trilha Poética*, 1998. (poemas)
- *Êtendard*, 1998 [Tradução de Daniel Bloom]. (poemas)
- *Televisão na Era da Globalização*, 1999 (org.).
- *A Televisão no Brasil: 50 anos de história*, 2000.
- *Imparcialidade é Mito*, 2001.
- *História da Televisão Brasileira: Uma visão econômica, social e política*, 2002, 2ª ed. 2002, 3ª ed.2008, 4ª ed. 2009 e 5ª ed. 2010.

- *Mídia Controlada: a história da censura no Brasil e no Mundo*, 2005.
- *Fio Condutor*, 2006. (poemas)
- *Cidadão Sem Fronteiras: conceitos e princípios de comunicação, ética e cidadania*, 2007.
- *Comunicação Plural*, 2007 (org.).
- *Memória da Imprensa Contemporânea da Bahia* (Org.), 2007.
- *Relicário Comunicacional e Literário*, 2008.
- *Amadeu, um bandido nordestino*, 2008 (novela).
- *Os funerais de dona Camila*, 2008 (novela).
- *As Confissões Sexuais de Maria Francisca*, 2008 (romance).
- *Só Você Pode, Jayme: um perfil biográfico de Jayme Ramos de Queiroz*, 2009 (Biografia).
- *Abre-te, Cuba!* 2009 (registro de viagem).
- *O Contexto Midiático*, 2009.
- *A Mídia nas Páginas dos Jornais*, 2009.
- *Jornalismo, Fonte e Opinião*, 2011.
- *Essência Poética (Poesia de Toda a Vida)*, 2011.
- *Políticas de Comunicação sob o Governo Militar Peruano (1968-1980)*, edição bilíngue, 2013.
- *A Revolução Digital e os Desafios da Comunicação*, 2013.
- *O Guerreiro Midiático: biografia de José Marques de Melo*. 2010 (Biografia). (2ª edição foi publicada em 2014)
- *Um Cidadão Prestante – entrevista biográfica com Edivaldo M. Boaventura*, 2014. (Biografia)
- *Vida Privada no contexto público*. 2015 (Autobiografia)
- *Leitura em primeira mão*. 2017.
- *Emile McAnany: o perfil de um brasileiro*. 2017. (Perfil biográfico)

- José Marques de Melo: Um poço de saberes. 2019.
- *Carismáticos: Perfis de Protagonistas*, 2022.



Este livro foi composto na fonte Berling Lt Std.
Papel offset 90g/m2 (miolo) e Cartão Supremo 250 g/m2 (capa)
Impressão: Empresa Gráfica da Bahia
Maio, 2022